

Sociedade Beneficente Alemã

Além do tempo: Uma jornada de 160 anos
transformando vidas

Rosane Queiroz

Coordenação: Nina Plöger

2023

SUMÁRIO

Introdução

Capítulo 1

Uma retrospectiva

Capítulo 2

Trajetórias de Vida

Vivências inspiradoras

Giorgio Gambirasio

Alda Torres Amado

Capítulo 3

Ambiente acolhedor

Vivências inspiradoras

Judith Bianka Freuthal

Capítulo 4

O ser humano em primeiro lugar

Vivências inspiradoras

Leda Cruz Gatto

Capítulo 5

Personalidades marcantes

Vivências inspiradoras

Christine Peters

Capítulo 6

Lar Girassol – Um futuro para crianças e jovens

Vivências inspiradoras

Helga Siewert Anger

Capítulo 7

O valor do voluntariado

Vivências inspiradoras

Rosa Schatz Langer

Capítulo 8

Sustentabilidade financeira

Vivências inspiradoras

Gertraud Kirst

Capítulo 9

Flores e frutos – Os jardins da SBA

Vivências inspiradoras

Arno Paul Kirst

Capítulo 10

De volta para o futuro

Introdução

*"Tradição é progresso preservado,
progresso é tradição continuada"*

Carl Friedrich von Weizsäcker, físico e filósofo alemão

A semente

Da mesma forma que uma árvore depende da semente para existir, as manifestações futuras de um empreendimento dependem de seu começo. Olhando para os 160 anos da Sociedade Beneficente Alemã, pode-se afirmar que seu presente contém todo o seu passado –e segue frutificando – a partir de uma semente fértil, plantada em solo altruísta, por um grupo de colaboradores silenciosos do amor ao próximo.

Esse círculo virtuoso teve início em 24 de setembro de 1863, data da fundação da SBA, em São Paulo. No Brasil do Império, governado por D. Pedro II, São Paulo era uma cidade de 50.000 habitantes, iluminada por lampiões a gás. Nesse cenário âmbar, em que as ruas ainda buscavam seu traçado, entre carruagens, cavalos, homens e mulheres de chapéu, havia cerca de 1.000 alemães –imigrantes ou descendentes –que se viam confrontados com os mais diversos desafios em sua nova pátria.

Os mais desorientados no país estrangeiro, em especial os idosos, desempregados e viúvas com filhos pequenos, assolados por doenças ou caídos na miséria, acabavam recorrendo sempre às mesmas pessoas na colônia alemã. Os apelos chegavam aos ouvidos daqueles que tinham mais recursos ou influência, como médicos, farmacêuticos, comerciantes, artesãos e lideranças diplomáticas ou religiosas.

Com as demandas por auxílio cada vez mais constantes, esse grupo resolveu unir forças, na tentativa de encontrar uma saída para a miséria que assolava muitos de seus conterrâneos. Sem grandes recursos financeiros, mas com espírito corajoso e coração aquecido, inspirados pelas palavras de Goethe – “nobre seja o homem, prestativo e bom “–esses senhores criaram a Sociedade Beneficente Alemã. Seus nomes merecem ser registrados nesta publicação:

Friedrich Borghoff, médico, foi o primeiro presidente da instituição, tendo ao seu lado o também médico e cientista Carl Eduard Martin e o farmacêutico Gustav Philip Schaumann. Uniram-se a eles empreendedores como Johann Adolph Schritzmeyer, dono de uma fábrica de chapéus, e outros dois

chapeleiros: Franz Fischer e Heinrich Bossel. O grupo contava também com dois relojoeiros, Eginhard Reginald Wehrsig e Ludwig Bamberg, proprietário de uma loja de relógios e jóias na capital. Destacavam-se ainda Jakob Loskiell, dono de uma confeitaria, e Carl Daniel Rath, que mantinha uma escola particular.

Entre os integrantes da primeira Diretoria, não podemos esquecer de Heinrich Schröder, proprietário da gráfica Typographia Alemã, que pertenceu aos co-fundadores do jornal O Diário de S. Paulo, e o fotógrafo J. C. Müller. Por fim, constam dois co-fundadores dos quais se sabe pouco ou nada: Adolf Kueker, nascido em Hamburgo, e Max Rahtlev, que deixou apenas seu nome nos registros. Os estatutos redigidos para a fundação, contudo, documentam que todos eles haviam nascido na Alemanha ou tinham raízes alemãs.

Quase ao mesmo tempo em que esse grupo planejava a criação da SBA, o suíço Jean-Henry Dunant –conhecido mais tarde como "gênio do humanismo", reunia em Berlim um comitê de personalidades de destaque denominado Liga dos Donativos. Deste comitê resultou, em dezembro de 1863, a Sociedade Prussiana, entidade filantrópica que veio a ser a Cruz Vermelha Internacional, em prol de desabrigados e enfermos, que deu a Dunant o Prêmio Nobel.

Na Alemanha, a Sociedade Prussiana foi inaugurada na presença do Imperador Guilherme I, e anos depois consolidou-se como uma grande conquista social, sob a liderança do então Chanceler Otto von Bismark. Mais do que uma coincidência, a vontade de aliviar o sofrimento humano sinalizou naquele momento uma nova ordem mundial, com mais consciência humanitária. O espírito de servir ao próximo com dedicação, disciplina e afincamento, que Dunant trazia do calvinismo, brotava naqueles que buscavam na solidariedade uma resposta aos rudes tempos que enfrentavam.

O espírito de se doar e buscar nas causas sociais uma razão de seu propósito, aliado a uma institucionalidade, é típico da alma alemã. Não é por menos que existem instituições centenárias em tantos países que receberam imigrantes alemães, especialmente na América Latina. Mesmo que a obra de Dunant tenha tomado dimensões internacionais, ao passo que o trabalho da Sociedade Beneficente Alemã, em São Paulo, limitou-se à esfera de sua colônia, essa mesma generosidade estimulou as pessoas a agir com nobreza, tanto aqui quanto lá.

Segundo os primeiros estatutos, todos os que falavam alemão podiam se tornar membros da Sociedade Beneficente. Era cobrada uma entrada de 5 mil-réis e uma mensalidade de 1 mil-réis. Como tarefas essenciais da Sociedade, foram designadas: cuidado de doentes e convalescentes por meio de hospitalização ou doação de dinheiro, medicamentos e tratamento médico; assistência a órfãos; reforço escolar para filhos de pais com poucos recursos; agenciamento de emprego; doação de auxílios de viagem para aqueles que queriam retornar à

terra natal; concessão de aposentadorias mensais a pessoas carentes ou incapacitadas de trabalhar; e, por fim, ajuda para sepultamentos.

Desse modo, os estatutos continham um escopo social que fazia jus às melhores intenções de seus criadores. Naquela época, a SBA atuava mais pela sustentação financeira e ajuda pessoal aos necessitados, mantendo escolas, hospitais e orfanatos, por ela iniciados ou por membros que encamparam estas novas entidades. Somente após a década de 1930, quando chegou a ter seu próprio lugar na Chácara da Raposo Tavares, ela veio a operar uma assistência direta.

Na publicação comemorativa "100 Anos da Sociedade Beneficente Alemã", pode-se notar que sua lista de competências quase não se alterou durante o primeiro centenário. Ela foi, na verdade, ampliada em interesses essenciais como, por exemplo, através do acompanhamento e abrigo de pessoas idosas, solitárias e doentes em seu Residencial para idosos e a implantação de um lar para crianças e adolescentes.

A essência beneficente da instituição jamais se perdeu, ao longo destes 160 anos, e se mantém, hoje, focada na filial SBA Girassol, no bairro do Grajaú, que oferece educação infantil em período integral e cursos profissionalizantes para jovens e adolescentes, gerando impacto social em uma das regiões mais vulneráveis de São Paulo. Na sede da SBA, em uma área de 27 mil metros quadrados cercada de verde, os idosos, por sua vez, experienciam um modelo diferenciado de moradia, atendidos 24 horas por uma equipe multidisciplinar.

Todo o trabalho da SBA baseia-se em uma estrutura centrada na pessoa –com uma base ética fundamentada nos valores da OMS de equidade em saúde, tendo em vista a maior qualidade de vida possível para o morador, para sua família e a equipe de cuidadores. Um modelo que deu à instituição o Certificado Internacional *Silviahemmet*, concedido pela fundação sueca criada pela Rainha Silvia da Suécia, que desde 1996 dedica-se a melhorar a vida dos idosos e suas famílias. Com o Certificado, aliado ao selo *Swedish Care Internacional* (SCI), a SBA é a única instituição na América Latina a ter o "selo da Rainha".

"Este selo de qualidade, que muito nos orgulha, é a confirmação de que seguimos no caminho certo, oferecendo um atendimento diferenciado, customizado, centrado no ser humano, que leva em conta o potencial de cada pessoa. Tenho uma enorme satisfação neste trabalho, ao saber que causamos um impacto positivo nos setores da sociedade que são mais vulneráveis, o das crianças, adolescentes e idosos", diz Julio Muñoz Kampff, Atual Presidente da Sociedade Beneficente Alemã.

Ao longo de sua jornada, a SBA sofreu com situações críticas, como a falência de um banco onde haviam depositado as reservas da instituição e dificuldades de toda ordem –de acontecimentos econômicos imponderáveis à simples falta de interesse e indiferença de quem poderia ajudar.

O espírito aberto da organização, não se restringindo a crenças, raças, ou nacionalidades –aliado à disposição constante de ajudar a quem necessitasse, fez com que superasse inúmeras dificuldades externas e internas. O fascinante nesta história de altos e baixos, é que a perseverança perante as dificuldades foi sempre maior do que os desafios, muitas vezes beirando a insolvência ou a descontinuidade.

Para o atual Presidente da SBA, a razão da forte resiliência da instituição está na sua base, construída sobre valores duradouros, como respeito, sustentabilidade e responsabilidade, entre outros princípios que integram sua Governança. *"Manter esses valores vivos é fantástico, é o que vai fazer com que sigamos por mais 100, 200 anos. Estamos dirigindo uma entidade para a perenidade, assim vejo minha missão"*, diz Kampff.

Por ocasião do aniversário de 160 anos, surgiu a ideia de mais uma vez olhar para a história dessa organização que se mistura à história da própria comunidade alemã em São Paulo e suas transformações ao longo do tempo. Nas próximas páginas, a palavra é concedida a testemunhas dessa jornada, colaboradores, moradores, familiares, voluntários, doadores e lideranças, sem esquecer os fundadores, benfeitores, entre tantas personalidades que marcaram a linha do tempo da instituição.

Este livro marca a celebração de uma data que trouxe à aniversariante SBA uma longevidade decisiva, tanto na sua própria existência quanto das pessoas amparadas por ela. Na visão de Weber Porto, ex-Presidente e atual membro do Conselho da SBA, testemunha de diversas fases, o segredo dessa longevidade está na semente lançada no momento de sua criação.

"Essa semente é o propósito, o espírito da instituição, que jamais se perdeu. É a responsabilidade do legado, que todos nós, membros da Diretoria, do Conselho, benfeitores, voluntários e colaboradores, procuramos cultivar. O que leva a instituição a continuar sobrevivendo, lutando, é esse legado, que faz com que a gente busque se modernizar e aperfeiçoar o tempo todo. Ninguém quer que esse legado seja interrompido, esse é o segredo", diz Weber Porto.

Essa é a história da SBA. Uma história de quase dois séculos de trabalho insistente e incansável, que deve se perpetuar ainda por muitas gerações. Na busca de traçar um retrato vivo e amplo dessa história movimentada, queremos modestamente agradecer a todos os que nestes 160 anos trabalharam por ela, mantendo viva a semente que gerou essa árvore frondosa e frutífera que a tantos acolhe com cuidado e amor.

Boa Leitura!

Mensagem da Rainha

Meu primeiro contato com a Sociedade Brasileira Alemã foi através de um amigo, Klaus Drewes, que possibilitou a aproximação entre a Fundação Silviahemmet e a SBA. Na ocasião, falei sobre a importância da missão da Fundação em difundir o conhecimento sobre doenças cognitivas, com uma estrutura centrada em pessoas e uma forma de trabalho que pode ser usada em todos os estágios da doença. Apresentei também o SilviaBo, um conceito habitacional cuja ideia central é adaptação de uma moradia com o objetivo de garantir que uma pessoa com demência possa viver com segurança.

Visitei a SBA e participei do simpósio "Demência em Foco" realizado pela instituição, e fiquei admirada com as instalações do SBA Residencial. Esse encontro garantiu uma parceria de alto nível, inaugurou uma casa de memória, e assim a Sociedade Beneficente Alemã se tornou a primeira instituição das Américas a conseguir a certificação Silviahemmet.

A SBA recebeu o selo da Fundação Silviahemmet, pois as entidades irmãs têm filosofias comuns que são indispensáveis para o bem estar dos idosos e pessoas com demência, com foco no cuidado, no intuito de oferecer uma maior qualidade de vida às pessoas com demência. Pude ainda constatar que a SBA tem um espaço apropriado e uma equipe preparada e treinada nos pilares da filosofia Silviahemmet, que envolvem controle dos sintomas, apoio familiar, trabalho em equipe e comunicação.

Desejo à SBA um futuro de sucesso na jornada que envolve a melhoria da qualidade de vida dos idosos.

¹ Silvia Rainha da Suécia.

¹ Sílvia (Sílvia Renata Sommerlath; Heidelberg, 23 de dezembro de 1943) é Rainha Consorte da Suécia como a esposa do rei Carlos XVI Gustavo.

Capítulo 1

Uma retrospectiva

Da terceira geração de imigrantes alemães no Brasil, o engenheiro e empresário Ingo Plöger participa da Sociedade Beneficente Alemã desde a infância, quando acompanhava sua avó, Alice Weiszflog, uma das benfeitoras da instituição, nas visitas aos necessitados.

Mais tarde, sua mãe, Adolfa Plöger, deu continuidade ao trabalho solidário, que se tornou um compromisso geracional. Como ex-Presidente da Sociedade Beneficente Alemã (2008-2014) e atual Conselheiro da SBA, ele é testemunha atuante desse legado que completa 160 anos.

A seguir, Plöger acessa seu baú de memórias familiares, fortemente ligadas à trajetória da instituição, conduzindo o leitor a uma rica retrospectiva que ajuda a compreender o real propósito da SBA e como a instituição construiu, em 16 décadas, uma reputação que segue inabalável.

Uma ideia, um ideal, um legado

"Guardo em minha memória tesouros, as conversas e momentos incríveis com minha avó e meus pais. De vez em quando abro o velho e bom baú das vivências e de lá tiro ensinamentos e momentos que marcaram minha personalidade. Essas vivências se unem à imaginação, quando mergulho na história contada e ilustrada da SBA.

Pelos meus pais e minha avó, Alice, recebi a forma austera da educação, mesclada a ao sentimento de que o que se recebe deve ser administrado com responsabilidade, de modo que continue se mantendo e prosperando, com a finalidade de fazer o Bem e fazê-lo de maneira correta. Que o que se herda é para servir a outrem antes de servir a si próprio. Que o tratamento a outrem sempre é de respeito e de servir com deferência aos melhores propósitos. Isso não deixa de ser algo bastante alemão, prussiano e hanseático?

Na vida da minha família, as instituições sempre tiveram um papel importante, pois através delas é que se doavam os dons, em forma de tempo, habilidades e dinheiro, para potencializar o Bem comum. Muitos alemães que aqui vieram trouxeram em suas malas e mochilas esta índole, para buscar a sorte na vida trabalhando com honradez, fazendo o que pudessem para si e para os outros. Quando vivencio os 160 anos da SBA, muitos destes princípios passam por mim.

No livro que registra o primeiro centenário da SBA², conta-se que nas instituições germano-brasileiras as participações dos imigrantes e de seus descendentes buscavam atender desde – o batismo – escola – crisma – desenvolvimento intelectual e cultural – esporte – atendimento de lazer – atendimento aos pobres – crianças órfãs – idosos – doentes e desamparados – trabalho – amparo espiritual –

² "100 Jahre Deutscher Hilfsverein, Sociedade Beneficente Alemã", 24.9.1963, autor desconhecido

social e material –aqueles que encontravam na “estrada da vida da luz e da escuridão”.

Flagelos de várias naturezas eram causa para aumentar a miséria de brasileiros e imigrantes. Assim, após as diversas guerras, soldados voltavam feridos ou suas famílias sem abrigo eram afetadas pela situação.

No ano de fundação da SBA, 1863, o número relativamente alto, de 1.000 alemães para os 50.000 habitantes de São Paulo, pode ser explicado pelo grande apoio dado por Dom Pedro II à imigração de falantes da língua alemã, especialmente por causa da guerra contra o Paraguai. Nesta guerra, ele recrutou uma legião de soldados alemães –parte deles estacionados no Rio, parte em Santo Amaro. Com o cessar fogo, contudo, o Imperador teve dificuldades para pagar o soldo, o que provocou um notável descontentamento entre os soldados no Rio de Janeiro.

A situação era difícil também em São Paulo. Como consequência dos problemas com o pagamento do soldo, militares de carreira acabavam se tornando, muitas vezes, problemas sociais. Além disso, alguns imigrantes, depois de não terem conseguido se estabelecer no Brasil, queriam voltar para Alemanha. Mulheres viúvas, crianças órfãs. Por fim, os necessitados procuravam a colônia alemã e imploravam por socorro. As pessoas que atendiam essas pessoas eram sempre as mesmas: médicos, farmacêuticos e comerciantes, que acabaram decidindo –tipicamente alemão – estruturar a situação e distribuir as responsabilidades entre eles.

Dessa forma surgiu a Sociedade Beneficente Alemã, que estabeleceu cuidados para mães, órfãos e feridos, em que a ajuda era dada por meio dos “vales” para comprar medicamentos, tratamentos ou atendimento escolar.

Por esta prática social, em vários outros momentos a SBA foi requisitada, como nas revoluções constitucionais de 1923 e 1934. Quando soldados feridos voltavam a São Paulo, a instituição se oferecia para minguar o sofrimento. Crises econômicas, guerras e conflitos armados eram uma das causas da demanda por ajuda, mas outra pouco referenciada eram os surtos epidêmicos no Brasil, em especial em São Paulo.

Assim, no início do século 19, três epidemias assolavam os portos brasileiros: a peste bubônica, a febre amarela e a varíola. Quando o então Presidente da República Rodrigo Alves buscava desesperadamente auxílio em Paris, indicaram a ele um jovem brasileiro, Osvaldo Cruz, que estava estudando em Paris justamente políticas públicas de vacinação contra esses males.

Até 1917, Osvaldo Cruz, agiu sob enormes protestos políticos e da população, a favor das medidas sanitárias e de vacinação da população brasileira. Nesta época, de 1902 até 1920, as pandemias estavam presentes em São Paulo, especialmente vindas dos portos. Foi exatamente nesse período que a SBA ofereceu maiores contribuições de auxílio hospitalar, e conta em seu registro que em 1918 o Verein Deutscher Krankenhaus (atual Hospital Alemão Oswaldo Cruz), “aliviou” a SBA da

grande demanda de pacientes, pois assumira para si a oferta de medicamentos e tratamentos em suas instalações.

Na mesma época, a Alemanha estava em guerra com o Brasil, e a colônia alemã sofria também com as medidas restritivas de atuação de empresários de origem alemã no Brasil, por conta da "lista negra", o que deixou a SBA com menos ênfase na arrecadação e atividade social. Mas durante os anos de 1918-20, com a “peste espanhola”, muitos moradores de São Paulo, apavorados pela alta contaminação, deixavam seus lares, em alguns casos ainda com os mortos, sem serem sepultados.

Alguns membros da colônia alemã se voluntariaram para retirar os corpos das casas e sepultarem, e houve casos de contaminação destes voluntários que vieram a falecer. Entre eles estava Otto Weiszflog³, irmão de Alfried, e cunhado de Alice, que viriam a ser meus avós. Os três eram ativos na SBA, na sustentação financeira da entidade.

Saga familiar

Aqui abro alguns parágrafos para situar a história de minha família nesse contexto. Os meus bisavós eram donos de uma fábrica de charutos em Hamburgo, mantida graças às relações com a América Latina. Como era costume na época, o irmão mais velho assumiu a fábrica. Os outros nove filhos precisaram encontrar o próprio caminho. Otto Weiszflog foi o primeiro de três irmãos a emigrar, em 1894, para São Paulo. Meu avô Alfried⁴ e seu irmão Walther⁵ foram mais tarde.

Otto casou-se em janeiro de 1899 com Anna Maria Kuhlmann, filha do engenheiro alemão Alberto Kuhlmann⁶, natural de Bremerhaven, que imigrou para o Brasil ainda jovem. Antes de vir para São Paulo, em 1879, Kuhlmann estudou Engenharia na Escola Politécnica do Rio de Janeiro e em 1877 já havia implantado um projeto em São Bernardo do Campo. Por fim, ele foi encarregado pelo imperador Dom Pedro II de construir uma estrada de ferro entre São Paulo e Santo Amaro, que na época era uma vila.

Kuhlmann fundou a Companhia Carris de Ferro São Paulo – Santo Amaro e já em 1886 a ferrovia, que dispunha de cinco estações, pôde ser inaugurada na presença do imperador. São Joaquim, Vila Mariana, Encontro, Volta Redonda e Santo Amaro: assim ficaram conhecidas as paradas do trecho. A segunda estação, Vila Mariana, em torno da qual o bairro Vila Mariana se formou, foi assim batizada por

³ Otto Weiszflog (1871 -1919) foi incluído no *Verzeichnis einiger auf dem Friedhof Consolação, São Paulo, beerdigten Personen, voraussichtlich deutschen Ursprungs. Anno 1931* (Lista de algumas pessoas, provavelmente de ascendência alemã, sepultadas no Cemitério da Consolação em São Paulo. Ano de 1931). Sob o nome Otto Frederico Weiszflog ele foi introduzido na lista “Índice dos nomes das pessoas ilustres ou de destaque – pela sua nacionalidade”. (Dados e Informações: Instituto Martius Staden)

⁴ Alfried Weiszflog (1872 -1942): *Genealogisches Handbuch der Familie Weiszflog*, 1926 (Manual genealógico da família Weiszflog) e outros materiais. (Instituto Martius Staden)

⁵ Walther Weiszflog (1885-1962) emigrou em 1904: *Genealogisches Handbuch der Familie Weiszflog*, 1926 (Manual genealógico da família Weiszflog) e *O Estado de S. Paulo*, 06.06.1962

⁶ O nome de nascimento de Alberto Kuhlmann é Georg Albrecht Hermann Kuhlmann (Bremerhaven, 31.07.1845- Bremerhaven, 05.11.1905). Fonte: Wikipedia

Kuhlmann em homenagem à sua sobrinha Marianne⁷ que morava em um lote na esquina da Avenida Conselheiro Rodrigues Alves com a Rua Domingos de Moraes.

O próprio Otto começou a trabalhar na firma de encadernação de M. L. Bühnaeds que também vinha de Hamburgo. Meu avô Alfried desembarcou em São Paulo em 1896 e ingressou no mesmo negócio. Ambos se tornaram sócios de M. L. Bühnaeds que, por motivos de saúde, precisou retirar-se dos negócios em 1905. Esse foi o início da Weiszflog Irmãos, uma editora que mais tarde dispunha de uma gráfica própria.

O primeiro livro impresso em quatro cores no Brasil foi publicado pela editora Weiszflog Irmãos em 1915: “O patinho feio” de Hans Christian Andersen, um livro infantil. Até então a grande maioria dos livros vinha da Inglaterra e os infantis praticamente não eram impressos. Sendo assim, pode-se dizer que a Weiszflog Irmãos – que mais tarde ingressou na indústria de papel⁸ – foi uma pioneira.

Retomando a história da SBA, quando Otto, Alfried e Walter Weiszflog chegaram ao Brasil a Sociedade já existia. Os Weiszflog e os Kuhlmann, porém, apresentaram-se aos fundadores, prontificando-se para continuar a constituir e a fomentar a Sociedade Beneficente Alemã. Muitas famílias e também indivíduos mostraram um engajamento excepcional, fossem eles Dierberger, von Bülow ou Heidenreich – só para citar alguns nomes.

Assim, quando a gripe espanhola assolou São Paulo, Otto Weiszflog estava entre os alemães que se voluntariaram para tirar as vítimas de suas casas e sepultá-las. Acabou se contaminando e falecendo.

Essa dramática história evidencia o quão grande era o idealismo na época. Independentemente da categoria profissional, se autônomo ou empregado: o empenho pessoal pelos outros – com o outro e para o outro – eram máximas de grande importância.⁹

Diretoria diversificada

Desde a sua fundação, na direção da SBA, sempre se encontravam representantes da classe médica, da saúde, de áreas consulares, e da área empresarial. Afinal, era na porta dessas personalidades que as pessoas vinham bater, solicitando ajuda emergencial. Mais de um século e meio depois, quando olhamos a composição da diretoria e do conselho da SBA, encontramos representantes dessas quatro áreas. É o símbolo da continuidade de propósitos, não intencionais ou talvez explícita, pelo seu legado.

⁷ Revista Atitude, Vila Mariana: Residencial por excelência, 21.08.2011. Uma observação a esse respeito: A publicação *100 Anos da Sociedade Beneficente Alemã/ Deutscher Hilfsverein* – 24.9.1963 apresenta a teoria de que a estação teria sido nomeada em homenagem à esposa de Kuhlmanns. Isso é improvável, já que o nome de sua esposa era Josephine Beniche. Ainda a este respeito, veja: Fundação para o Desenvolvimento da Educação, notícia de 17/11/2008

⁸ Referimo-nos aqui à empresa Melhoramentos.

⁹ Entrevista de 25.06.2013 (por Esther K. Beuth-Heyer)

Mas nem só de alemães foi feita a SBA. No ano de sua autorização de funcionamento, em 1863, haviam associados suíços, holandeses entre outros. Interessante os modelos da época, no auxílio designado. Ofereciam “cupons” de atendimento médico ou hospitalar, ou “vales” para remédios ou alimentos, “vales educação” e “bônus “ de descontos para viagem de regresso à velha pátria, de sorte que se tinha uma gestão por benefícios.

Os relatos sempre mostram que eram incansáveis as buscas por donativos e ofertas, para manter seu modelo de sustentação. Eventos e comemorações especiais eram motivações para arrecadar fundos. É pitoresco o relato de um evento fúnebre, do Kaiser Guilherme I, em 1988, em que a comunidade alemã veio em peso na celebração e se motivou a doar e reestabelecer uma gestão forte.

Questões de identidade também fizeram parte importante na sua linha do tempo. Nesta ocasião, a designação “Deutscher Hilfsverein” foi transformada em “Kaiser-Wilhelm Stiftung”, mas não perdurou muito tempo e novamente veio a ser chamada pelo seu nome original.

Como a SBA abria muitas frentes de atendimento, a cidade crescia e com ela também a colônia alemã e seus problemas. Os temas de educação foram paulatinamente transferidos a escolas que se fundaram em São Paulo com propósito específico, como a Escola Benjamim Constant e o Colégio Visconde de Porto Seguro. Estas frentes novas eram algo natural, mas para uma instituição com os propósitos fortes como a SBA, nem sempre são fáceis no relacionamento e na convivência.

Assim, desde o começo a entidade ajudou na área hospitalar, na construção de hospitais. Tinha uma ligação forte com o Hospital Samaritano, apoiado pelos alemães e ingleses. Assim aconteceu também com o atual Hospital Alemão Oswaldo Cruz. E como às vezes ocorre, a presidência da SBA na virada do século 19, era de Dr. May, que depois se tornou presidente da iniciativa do Hospital Alemão Oswaldo Cruz, que se desenvolveu rapidamente.

Houve uma tentativa de integrar no Hospital Oswaldo Cruz a SBA, ideia que rendeu uma polêmica gigantesca na colônia alemã sobre o tema. Ao final, a iniciativa não se constituiu e ambos continuaram a seguir seus caminhos.

Uma constante na ordem do dia das assembleias da SBA era como motivar as pessoas a doarem e se dedicarem ao propósito. Algumas gestões são declaradamente fracas e levaram a instituição à beira da subsistência, ao passo que milagrosamente se levanta de novo com ímpeto e com ações. Mas a instituição também se beneficiou de mãos milagrosas e donativos inesperados que fizeram a diferença.

A família Zerrenner, da Cervejaria Antártica, e seus descendentes sempre foi extremamente generosa. Tanto é que no espólio da Sra.Clementine-Brenne fixou-se um valor para a construção de um pavilhão e uma importância em ações da empresa, cujos rendimentos irrigaram a SBA por muitos anos.

Não posso deixar de mencionar que em muitas ocasiões os diplomatas alemães fizeram uma grande diferença. Assim o Cônsul Uebele é referenciado inúmeras vezes na história da SBA, como outros também que entenderam que a sociedade civil aqui estava agindo em nome de um todo maior, onde também o estado se beneficia.

Mas o que entre muitas dificuldades, às vezes intransponíveis, como as guerras mundiais, fizeram com que nestas dificuldades as pessoas se unissem mais e se solidarizassem com o que mais precisasse. A história da SBA mostra muito isso, que nas maiores dificuldades houve esforços e desprendimentos incríveis.

Por outro lado, em momentos de bonança, o interesse cai, e as pessoas e as instituições afrouxam. Por incrível que pareça, há 30 anos, era muito mais fácil motivar uma liderança empresarial a fazer uma doação específica para o propósito da ajuda. Atualmente, sob o signo de Compliance, nada mais é possível, as lideranças locais não mais têm a abertura de serem mecenas das coisas nobres. É até incrível vermos o renascimento desta onda pelos valores ESG, mas a possibilidade de doar é restrita.

Os estados, em sua fúria de arrecadação tributária, não fazem melhor. Entre Brasil e Alemanha se suspendeu o Acordo de Bitributação, e profissionais médicos, enfermeiros ou mesmo pessoas idosas que recebem aqui seus proventos de aposentadoria precisam oferecê-la para os dois países tributarem, algo incrivelmente antissocial.

Não faltaram apelos, avisos e solicitações, aos governantes, por mais de 20 anos, sem sucesso até hoje. O Brasil suspende a possibilidade de se compensar a parte patrimonial do INSS em favor de benefícios para moradores sem possibilidades de pagar, o que fez com que este ajuste fosse mortal para muitas entidades de longa permanência.

Mesmo assim, a entidade seguiu seu caminho, muitas vezes de forma estóica. Existem dentro da mesma história jornadas incríveis, que voltam em décadas diferentes por iniciativas diversas. Ao passo que na sua origem, em 1863, a Sociedade ajudava algumas crianças órfãs, outras na educação ou com material escolar, anos depois incentiva e difunde no Jardim Jabaquara uma creche, que depois de muitos outros anos se transforma na Associação Comunitária Monte Azul. Fica por anos sem uma atuação, quando Angelika Pohlmann integrou o Girassol na SBA, que hoje é uma parte integrante da SBA no Grajaú, na educação infantil, juvenil e profissionalizante. É onde a Alemanha está ativamente engajada por um grupo de pessoas, o Förderkreis Girassol, que a cada ano doam para manter esta iniciativa com ativa, sem o qual estas crianças não teriam o preparo para vida. É algo que não podemos deixar de agradecer a cada instante, pois como antigamente, reflete compaixão e compromisso.

Reputação na balança

Revendo minhas memórias com minha avó e minha mãe, depois o meu próprio envolvimento na SBA, e agora a Nina Plöger, minha esposa super engajada na diretoria, penso "o que ainda não fizemos?". Talvez o que as outras gerações fizeram, que foi alcançar outras pessoas para estarem presentes na ideia, no ideal, na formação do legado. Na minha maturidade, volto ao pensamento aprendido em família, de que entusiasmar é mais importante do que fazer, contar é mais importante do que ler, buscar o coração daqueles que devemos plantar a esperança.

Como cristão direi:

Orar mais pelos que lá estão se engajando,
orar agradecendo pelos anos de fidelidade de Deus com a SBA a tantas lideranças,
orar mais para encontrar doadores que possam fazer uma diferença,
orar mais para poder falar sobre esta história a novas lideranças,
orar mais para Deus abrir portas para aqueles que ainda não chegaram lá na SBA.

A Sociedade Beneficente Alemã se transforma permanentemente, mas parece que nos últimos anos mais rapidamente do que antes. Depois de algum tempo, ela se transforma de uma instituição de caridade em uma entidade beneficente sustentável. Isto faz com que o profissionalismo seja muito elevado, na qualidade, exigência e tratamento. O espírito que norteia a entidade permanece, mas a transformação se dá no profissionalismo com propósito, substituindo o somente idealismo espontâneo.

É uma transformação difícil, pois nada substitui o idealismo, mas se não for sustentável no tempo, não subsistirá. Na atualidade, onde a medicina avançou –e a expectativa de vida das pessoas também –as famílias mantêm seus idosos mais tempo em seu lar, até não mais conseguirem gerenciar as evoluções da dependência. Quando nos entregam seus amados, o impacto de deixá-los é sempre traumático, mas os cuidados profissionais e a possibilidade de acompanhamento permanente é algo que conforta.

A sociedade nesta velocidade não se prepara para as transformações, e o desafio para a entidade por seus profissionais é muito mais que técnica, é de exercer as habilidades de cuidar com Amor, paciência, e dedicação ao próximo. Os estados estão mais distantes, as empresas mais voltadas a si próprias e as pessoas, entre o virtual e o pessoal, menos atentas ao outro. Nestas circunstâncias, é oportuno relembrar os valores que deram origem à SBA, reafirmando que vale a pena servir e agir com Amor.

Liderar, hoje, uma Instituição de longa permanência, requer muito de intuição, idealismo e dedicação. A gestão precisa estar ligada ao propósito, ao mesmo tempo

que motiva e entusiasma os executores do dia a dia a estarem presentes com otimismo e alegria, em um ambiente que se caracteriza por sua finalidade.

A administração é mais complexa, leis da saúde, bem-estar, direitos de privacidade, atenção e respeito muito mais acentuados. O tempo a ser dedicado é nobre, mais ainda quando se coloca a sua reputação na balança para auxiliar aqueles que necessitam. Nisso somos iguais aos que nos antecederam há 160 anos, também eles iam de casa em casa, falavam com as pessoas para doar, para que o braço estendido da beneficência chegasse aos necessitados. E não desistiram apesar de todas as adversidades.

A generosidade da alma daqueles que se doam é recompensada por somente um sorriso, um abraço, um olhar umedecido, ou às vezes nem isto, talvez só pelo calor no coração de ter servido bem. A grandiosidade na SBA, é que esse braço nessas 16 décadas ficou muito maior, abraçando a todos que vêm, alemães, franceses, poloneses, asiáticos, latinos, brasileiros, negros, judeus, cristãos, muçulmanos, ateus, todos os seres humanos que necessitam de ajuda, que são todos irmãos iguais.

Minha mais profunda gratidão por poder passar esses pensamentos e emoções que são de várias gerações. Sintam-se abraçados por Borghoff e por todos que o seguiram, àqueles que estão no dia a dia e na liderança meu mais profundo apreço e consideração, o mundo é melhor com vocês!

Parabéns, SBA, Deutsche Hülfsverein por seus 160 anos!"

Ingo Plöger

A benfeitora Alice Weiszflog

Construção e liderança foram, de acordo com a descrição de Egon von Weidebach, o sentido da vida de Alice Weiszflog. Por sua energia e criatividade ela foi um exemplo do mais fiel cumprimento do dever e, por sua modéstia pessoal, ela permaneceu sempre um modelo a ser seguido. Seu interesse abrangente, vivacidade juvenil e alegria de viver, sua amabilidade, bondade e sua postura digna eram, segundo von Weidebach, características que a distinguiam.

Paralelamente às suas tarefas como esposa e mãe, Alice sempre se colocou à disposição dos interesses da colônia alemã. Entidades sociais, culturais e de caridade como a Sociedade Beneficente Alemã, as igrejas, os institutos Martius Staden e Hans Staden, assim como muitas outras, receberam continuamente seu apoio. Essas instituições devem honrar a lembrança dessa grande mulher¹⁰.

¹⁰ *Deutsche Zeitung*, Egon von Weidebach: *Frau Alice Weiszflog gestorben* (Morre a senhora Alice Weiszflog) - Maio de 1968. (Instituto Martius Staden)

Na Assembleia Geral Ordinária de 1º de junho de 1956 a Sociedade Beneficente Alemã nomeou a “fiel amiga e benfeitora” como seu membro honorário.

Depois de muitos anos contribuindo com seu apoio, Alice Weiszflog decidiu em 1961 doar à Sociedade Beneficente Alemã um novo edifício: uma nova residência com 16 quartos e 8 banheiros para mais 32 moradores. Embora já estivesse com a idade bem avançada, ela mesma tratou de cuidar de alguns detalhes da decoração. Seu filho Hasso, muito compreensivo, também trabalhou na arrumação dos quartos. Uma festa pela construção do edifício¹¹, batizado como “Lar Alice Weiszflog” em homenagem à sua doadora, pôde ser comemorada já em março de 1962. A inauguração solene foi celebrada no natal de 1962 – com um pequeno grupo de bons amigos da Sociedade, como era o desejo da generosa amiga da SBA.

Capítulo 2

Trajetórias de vida

Toca o telefone no meio da tarde. Alguém da Prefeitura de São Paulo diz que há uma senhora alemã de 94 anos, abandonada, vivendo sozinha em uma quitinete no centro da cidade. Quem atendeu a ligação foi Henriqueta Seuthe Puka, ex-coordenadora de hospitalidade da SBA que, na época, apressou-se em levar o caso à gerência e recebeu carta branca para conferir de perto o que estava acontecendo.

"Chegando lá, vi uma quitinete caindo aos pedaços, com o teto mofado e um cheiro forte de amônia que impregnava o ambiente. Dona Ingue, como ela se chamava, pagava aluguel, tinha pouca comida e apenas alguns remédios que o pessoal da Prefeitura deixava lá, mas nem sabia se ela tomava ou não. Era tudo muito velho, e ela, ali, abandonada, vivendo com um salário mínimo", lembra Henriqueta.

"Traz ela para cá", foi a resposta do gerente da época, Erhard Zander, quando Henriqueta ligou detalhando a situação, sem saber como resolver. Ela então convocou a médica da instituição, Dra. Helga Mickenhagen¹², para ir até o local e fazer um relatório clínico da idosa. A Dra. Helga confirmou que a idosa realmente precisava sair dali o mais rápido possível.

"Dona Ingue, vamos tirá-la daqui", Henriqueta disse à idosa, em alemão. A língua-mãe das duas, em momentos como este facilita a comunicação, traz

¹¹ Trata-se aqui – e sempre que nesta publicação se falar em uma “festa pela construção” – de uma “Richtfest”, uma festa comemorada quando a alvenaria e a estrutura do telhado de um edifício ficam prontas. (N.T)

¹² De pai austríaco e mãe alemã, a dra. Helga Mickenhagen atuou na SBA em dois períodos: 1969 e 1970; 1980 a 2012.

conforto e sentimento de pertencimento. Dona Ingue concordou com a mudança, como quem encontra uma bóia salva-vidas depois de meses à deriva. No dia seguinte, um caminhão estacionou em frente à quitinete. *"Não conseguimos trazer muitos móveis porque a maioria tinha cupim, mas ela pôde levar alguns objetos pessoais e ganhou um quarto novo e limpo só para ela"*, conta Henriqueta.

Parte do salário mínimo da moradora, simbolicamente, sustentou sua estadia na SBA, na ala Alice Weiszflog, onde ela ainda viveu por 5 anos. De temperamento reservado, dona Ingue não gostava muito de sair, mas tinha um humor peculiar. Quando encontrava Henriqueta pelas alamedas floridas do residencial, a caminho do refeitório, às vezes brincava: *"Você me trouxe para cá, agora aguenta!"*. E as duas caíam na risada.

Nessa época, em meados dos anos 2000, o Lar Recanto Feliz –nome original do abrigo para idosos, que mudou para Residencial SBA em 2015 – já não era essencialmente beneficente. O Consulado Alemão, em alguns casos, pagava uma taxa para os moradores de origem alemã, entre outras ajudas sociais que permitiam acolher pessoas como dona Ingue. Para Henriqueta, a solidariedade e empatia permearam sua trajetória de 21 anos como colaboradora na instituição.

"O papel social da SBA é muito importante, pois quem pode pagar muitas vezes ajuda quem não pode. Eu amo cuidar das pessoas e aqui tive a oportunidade de desenvolver a compaixão, o respeito, entre outros valores que contribuem para uma vida feliz", diz ela.

Henriqueta chegou no Brasil no finalzinho de 1976, para visitar seu namorado, também alemão, que tinha vindo trabalhar na Volkswagen, em São Paulo. Aqui eles se casaram e tiveram uma filha. Embora tenha se formado em fisioterapia na Alemanha, Henriqueta não conseguiu validar seu diploma. Dedicou-se a aprender o português e cuidar da família. Quando sua filha completou 18 anos, ela começou a fazer alguns trabalhos voluntários no SOS Criança, no bairro de Interlagos. Ali, conheceu Angelika Polmann, já envolvida no Lar Girassol, acolhendo crianças abandonadas na região do Grajaú. Angelika convidou-a para integrar a equipe do Lar Recanto Feliz. Ela começou como uma governanta-faz-tudo, coordenando da faxina às atividades com os moradores.

Em seu primeiro dia de trabalho, 12 de janeiro de 1999, Henriqueta conta que se encantou com o jardim e a atmosfera do lugar. *"Naquela época você subia pela alameda principal, só tinha uma parte do Acácias, e era um pavilhão lindíssimo, com quartos com terraço. Já tinha esse espírito, de um condomínio que não parece um lar de idosos, parece um clube de campo"*.

Nessa fase, havia cerca de 200 residentes e a maior parte deles morava em suas casas, quase não havia necessidade de acompanhantes ou cuidadores. *"Era a*

Enfermagem que fazia esse papel, levando uma cadeira de rodas para um passeio com familiar, pois ainda não atendíamos muitos idosos dependentes", lembra.

Um dos grandes diferenciais da SBA, na visão da ex-colaboradora, é o idoso poder trazer seus pertences pessoais, o que permite recriar um pouco do ambiente em que vivia antes. Por muitos anos, ela se encarregou de preparar as casas para recebê-los. Em reuniões com familiares, fazia a curadoria dos móveis e objetos. *"Sempre gostei de montar tudo antes, deixar as roupas penduradas, o livro predileto na cabeceira, os quadros na parede. Eles gostam muito de trazer sua poltrona preferida, álbuns de fotos, sua cama e seu próprio colchão, sua toalha de mesa, tudo para ter o aconchego da própria casa", diz.*

Mesmo assim, ela relata situações difíceis de lidar, como a de moradores que não querem ficar. *"Dependendo do grau de memória, eles não reconhecem o lugar, então dizem: 'vou para a minha casa, aqui eu não fico, eu não sou velho etc. É preciso usar muita psicologia para conquistar esse morador".*

O idioma alemão aproximou Henriqueta de boa parte deles. Tanto que ela passou a se encarregar das atividades culturais, incluindo um jornal interno com artigos escritos pelos moradores, pequenas biografias, curiosidades sobre a SBA e até uma coluna social com fotos das festas. Ela também coordenava os passeios para museus, restaurantes e concertos. *"Organizei muitas visitas à Sala São Paulo. Como toco piano e aprecio música clássica, criamos uma espécie de faculdade da terceira idade, com aulas de música, psicologia, jardinagem", lembra.*

Entre inúmeras histórias curiosas, uma que marcou foi a de uma idosa que era "apaixonada" pelo jornalista Carlos Tramontina da TV Globo. Para agradar a fã número um, a equipe da SBA fez um grande movimento, até conseguir que ele viesse pessoalmente visitá-la. O jornalista se comoveu com o caso e veio mesmo. *"Só que ela não o reconheceu", lamenta.*

Testemunha de mais de duas décadas dessa história, Henriqueta coleciona momentos marcantes, e chegou a segurar a mão de muitos moradores em seus últimos momentos de vida, quando eles não tinham mais ninguém para ficar ao lado. *"Quem você foi se mostra na sua velhice, se foi uma pessoa boa, as pessoas vêm, se você foi uma pessoa ruim, eles não vêm, essa é uma regra que todos devem saber. Você colhe o que plantou, então, eu ficava porque não queria que essa pessoa fosse para o céu sozinha."*

Um dos maiores aprendizados, segundo ela, foi passar a encarar a morte como "algo natural" e saber que é preciso se preparar para a velhice o quanto antes. *"Muitos pensam que não têm tempo para cuidar dessa parte, mas é preciso saber onde você quer chegar. Onde quer morar? Com quem vai poder contar? Nesse ponto, a SBA oferece um serviço excelente e exige bastante dos colaboradores. Para trabalhar aqui, é preciso ter dom, é preciso nascer para isso", diz Henriqueta.*

Festas temáticas, bingos e bailes

Atualmente, a SBA Residencial conta com cerca de 151 moradores. A maioria é de mulheres: elas representam 80 por cento, para 20 por cento dos homens. A moradora mais idosa conta com orgulhosos 101 anos, enquanto o morador mais jovem tem 55. O Residencial abriga pessoas de oito nacionalidades diferentes. À frente, estão os brasileiros, muitos deles com raízes alemãs. O segundo grupo mais forte é formado pelos alemães de fato. Os italianos, por sua vez, pela quantidade, ocupam o terceiro lugar.

Essa variedade cultural é levada em conta nas atividades e eventos da instituição. Por exemplo, nos feriados nacionais de cada país são comemoradas as chamadas “Festas das Nações”, em que o hino nacional é tocado e filmes temáticos são exibidos. A viagem ao país da vez continua na culinária – o cardápio do dia apresenta especialidades típicas do país – e histórias pessoais dos moradores daquela origem completam o evento cultural.

Para Thomas Polisaitis, gerente geral da SBA, eventos como esses, entre outros, como festas juninas, concertos, bingos e bailes, são fundamentais para integrar os idosos com outros moradores e com a própria equipe. *"As pessoas, aqui, acabam depositando uma grande confiança na gente. Porque nem sempre as famílias conseguem estar próximas. São poucos os familiares que conseguem vir toda semana, que se revezam para estar por perto. Então, é uma eterna espera, que fica mais suave com as atividades"*, diz ele.

Do lado da família, os parentes, por sua vez, sabem que o morador está em boas mãos, sabendo que podem contar com a assistência adequada para qualquer problema, a qualquer hora do dia ou da noite. *"Por isso a SBA tem esse papel tão importante, ela se torna a família desses moradores"*, diz o gerente geral.

Nas próximas páginas, ao longo de todo o livro, intercalando cada novo capítulo, o leitor vai conhecer as histórias de sete moradoras e dois moradores, com biografias diversas, que relataram suas vivências inspiradoras no Residencial SBA. Com muita franqueza, Giorgio Gambirasio, Alda Torres Amado, Judith Bianka Freuthal, Leda Cruz Gatto, Christine Peters, Helga Siewert Anger, Gertraud Kirst, Rosa Schatz Langer e Arno Paul Kirst, contaram suas trajetórias pessoais, alegrias e realizações nesta etapa de vida.

Vivências inspiradoras

"Já sou prata da casa"

Giorgio Gambirasio, 90 anos

(Gênova, Itália, 06.01.1933)

Uma varanda envidraçada descortina uma vista panorâmica para o verde e a flora na casa em que o sr. Giorgio mora, há cinco anos, na parte mais alta do terreno que abriga o Residencial SBA. *"Gosto deste ambiente, das plantas, nem parece que estamos numa cidade de asfalto e concreto"*, diz ele. Professor universitário aposentado e escritor, o sr. Giorgio se mudou para o Residencial por insistência dos familiares, quando a vida de viúvo, morando sozinho em um apartamento, deu sinais de incompatibilidade com sua idade.

"Tenho uma filha e dois netos. Depois que me aposentei, a saúde começou a piorar, a família insistiu para que eu viesse para cá. Não gostei muito, na verdade... Não me sentia tão velho... Mas depois aceitei a ideia e acabei me acostumando", diz.

A casa compacta lembra um pouco um apartamento, ele concorda. Na varanda, que também faz as vezes de sala, há um sofá de vime com almofadas e uma luminária que tinge de âmbar o fim de tarde chuvoso. Nesse mesmo dia, o Sr. Giorgio se desculpou por estar andando com dificuldade, recuperando-se de uma queda que comprometeu por um tempo sua mobilidade.

Mesmo tendo à disposição o carrinho elétrico que leva e traz os moradores de um lugar a outro, ele achou por bem se recolher. Passou a esquentar suas refeições no microondas e parou de frequentar o refeitório, um dos momentos de interação que faz falta no seu dia a dia. *"Uma coisa que nunca me faltou foi apetite"*, diz. *"Posso comer de tudo, e fiquei sabendo que vamos ter uma nova chef, o que achei bom porque a comida daqui é boa, mas andava um pouco repetitiva"*, diz ele, com uma ponta de humor.

Conta que nasceu em Gênova e teve uma infância difícil na Itália, por causa da Guerra. *"Nasci em 1933, em 39 começou a Segunda Guerra. A Itália entrou no ano seguinte, então, minhas lembranças de infância são pouco agradáveis. Sou o mais velho de quatro irmãos. Meu pai veio para o Brasil primeiro, em 1946, e dois anos*

depois, viemos com minha mãe. Eu tinha 15 anos. Meu pai não se deu bem aqui, no começo. Tanto que, só conseguimos melhorar de vida depois de adultos, quando nos formamos. Meu segundo irmão já faleceu, mas tem ainda um casal de gêmeos que está bem, por aí, a gente se vê de vez em quando".

Estação de trens em miniatura

A vida do sr. Giorgio na SBA se divide em antes e depois da pandemia, quando as regras de isolamento proibiram as atividades coletivas. Antes, por exemplo, ele organizou a biblioteca, catalogou todos os livros, e gostava de participar de reuniões internas como Queijos e Vinhos e o Café Filosófico. *"Depois foi um desastre, ficou tudo bloqueado. Foi uma época triste, ninguém sabia direito o que fazer, todo mundo trancado, com máscara. Começamos a tomar vacina, melhorou, vamos ver se continua assim", diz.*

Sorte que o professor tem diversos hobbies. No quarto, mantém uma mesa com o computador ligado e conectado à internet, onde mostra a versão digital de um de seus seis livros publicados¹³, *"A evolução do machismo"* [ed. Engenharia de Letras, 2005). A obra investiga e reflete sobre as origens do machismo e seus desdobramentos em diversas épocas, assunto que foge ao tema de sua carreira universitária na Engenharia Elétrica da USP (Universidade de São Paulo).

Para a Diretora da SBA, Vivian Manasse, responsável pelo voluntariado da instituição, o lado intelectual e a multiplicidade de interesses é uma das facetas que fazem do Sr. Giorgio um dos moradores mais queridos do Residencial. *"Ele filosofa sobre tudo. Quando encontra alguém que está disposto a conversar, adora absorver novos conhecimentos. Sem contar que é um gentleman, talvez um dos últimos que vamos encontrar no Brasil!",* brinca a Diretora.

Desde a pandemia, Vivian se corresponde por e-mail com o sr. Giorgio, dentro do projeto Entrelinhas (veja no capítulo 7), em que voluntários trocam cartas com moradores, como forma de amenizar a sensação de isolamento. *"Ele escreve maravilhosamente bem, com o português impecável, é uma alegria receber suas cartas. Ele passa o tempo todo tendo ideias, e não fica só nas ideias, vai executar, tem anos de vida produtiva",* diz Vivian.

¹³ Ciência e Religião, Edicon, 1998; Tecnologia dos deuses bíblicos, Edicon 2000; A evolução do machismo, Engenharia de Letras, 2005; Um deus possível, Íbis, 2006 em colaboração com Nilo Age; Ensaio sobre a Causalidade, Plêiade, 2009; Ensaio (im)pertinentes, Plêiade, 2010

O maior empreendimento do Sr. Giorgio, contudo, não é intelectual e sim artesanal: uma estação de trens em miniatura, movida por eletricidade, que ocupa todo um quarto anexo, cedido pela SBA. Ele explica que o hobbie do "ferromodelismo", vem de muito tempo. *"Na garagem do meu antigo apartamento, eu tinha um depósito, onde montei um sistema de trens, minha terapia ocupacional. Aquilo ficou tomando poeira, me veio a ideia de transferir os trens para cá e doar para a SBA. O quarto ao lado estava vazio e deu certo"*, comemora.

A instalação do Prof. Gambirasio, como ele é conhecido por seus ex-alunos, impressiona. O ferromodelismo ou modelismo ferroviário, afinal, consiste na construção de modelos de transporte ferroviário –trens, bondes, trilhos, cenários – tudo movido a comandos elétricos. O circuito tem diversos cruzamentos, ramais e mudanças de via, que ele vai manejando por meio de botões e alavancas, como um "Professor Pardal", orgulhoso de seu invento.

O passatempo também não deixa de ser um antídoto para os altos e baixos de humor que se revelam em alguns momentos. *"É estranho pensar que vim para um lugar em que, daqui, vou morrer"*, diz, em um instante sombrio da entrevista. *"Conviver com pessoas que estão em cadeiras de rodas, com amigos que moram na casa ao lado e de repente se vão, de um dia para o outro não vejo mais... São coisas com que a gente vai se habituando, mas não é fácil."*

O gerente geral, Thomas Polisaitis, acredita que a possibilidade de exercitar o hobbie em seu próprio espaço deu novo ânimo ao morador. *"Trazer os trens para cá foi uma forma de fazer com que o Sr. Giorgio tivesse algo de novo, uma alegria, uma coisa que relembresse seu passado e fizesse com que ele se sentisse orgulhoso, pois ele tem muito orgulho de mostrar essa instalação"*, diz.

A estação de ferromodelismo é aberta à visitação, inclusive para jovens ou estudantes que se interessem pelo tema. *"É uma maneira de passar conhecimento, que vai ficar para quando eu não estiver mais aqui"*, diz o professor, que de repente ganha ares de um menino com seus brinquedos. *"Quero montar um livrinho, um manual explicando como tudo isso funciona, para ser usado pelas gerações seguintes. É uma tarefa a cumprir"*, diz.

Quando se fala em motivos de orgulho, na sua linha do tempo, o professor pensa alguns minutos, em silêncio, e com modéstia contabiliza algumas realizações: *"Minha carreira universitária, os livros que escrevi. Casei e tive uma filha. Ainda estou criando dois netos, que sempre precisam da ajuda do avô..."*.

O sentido da existência nessa etapa da vida, na visão do professor, é encarar os dias que se apresentam como folhas em branco, sem grandes expectativas. *"Não sou religioso, não sei bem porque estamos aqui, então, aceitar as circunstâncias é uma filosofia de vida. Hoje, me sinto adaptado. Já sou prata da casa."*

Vivências inspiradoras

"Para os meus 100 anos, quero uma big festa!"

Alda Torres Amado, 99 anos

(Sapucaia, MG, 05.10.1923)

Quando Dona Alda completou 99 anos, em outubro de 2022, a equipe da SBA propôs organizar uma festa de "queijos e vinhos" – atividade que os moradores sem restrições alimentares, como ela, ainda podem apreciar. Mas ela disse que preferia deixar para o ano seguinte, quando vai fazer 100 anos.

"Melhor esperar a data redonda", diz Dona Alda, com a voz firme e os olhos azuis muito vivos. *"Falei para o Thomas (gerente geral) reservar todas as ideias para quando eu completar um centenário, daí vai ser festança!"*.

Viver intensamente cada momento talvez seja uma das razões da impressionante lucidez de Dona Alda, acompanhada de uma forma física que parece de vinte anos a menos. Ela é das poucas moradoras que resolveu se mudar para o Residencial por vontade própria, até mesmo contrariando os filhos. Trocou o casarão onde viveu boa parte da vida, no bairro do Morumbi, em São Paulo, por uma das casinhas da alameda principal, ladeada de plantas e flores. *"Não quero incomodar ninguém, quero um lugar onde me sinta segura e cuidada, é isso o que tenho na SBA"*, diz ela.

"Quem faz essa escolha de vir para cá de livre e espontânea vontade é um percentual pequeno de moradores", diz o gerente Thomas Polisaitis. *"Dona Alda é de uma alegria contagiante, ama a SBA e convive com todos como se fossem sua família"*, afirma ele.

Com a biografia rica, de quem viajou o mundo inteiro e adora ler, ela às vezes colabora com artigos para o jornal interno da SBA, onde já escreveu sobre as dores da idade: *"Viro-me para trás e observo a porta fechada como se fosse a contracapa de um livro onde foi escrita a minha história"*. Na mesma página, porém, ela compartilha uma frase do poeta sueco Artur Lundkvist: *"Há uma*

alegria selvagem em estar vivo! Há uma embriaguez na existência! Cada hora é uma amante para o meu desejo infinito".

Enquanto os 100 anos não chegam, Dona Alda se divide entre a leitura e o bordado, as visitas dos filhos, netos e bisnetos e, ao narrar sua trajetória, entrega o segredo do seu bem-viver: "Tenho memória seletiva, só guardo o que vivi de bom. O sentido da vida é ser feliz".

"Minha história de nascimento é um pouco estranha, porque sou de família carioca e fui registrada como mineira. Éramos dez irmãos, cinco homens e cinco mulheres, eu a caçula. Meu pai tinha uma fazenda de gado leiteiro chamada Santa Alda, na divisa dos municípios de Além Paraíba, no estado do Rio, e Sapucaia, em Minas Gerais. Nasci no Rio, mas meu pai pediu ao administrador da Fazenda para me registrar e ele fez isso em Sapucaia. Pela documentação, sou mineira, mas levei por toda a vida o sotaque carioca.

Na minha juventude, nos anos 40, todas minhas irmãs eram professoras, e eu falei ao meu pai que queria ser contadora, porque adorava matemática. Disse ao meu pai que queria trabalhar em um escritório, com números, e ele consentiu. Então, me formei como contadora, no Rio de Janeiro, depois prestei vestibular para ciências econômicas.

Quando meu pai faleceu, fui fazer faculdade em São Paulo, morando com uma irmã. Ela era casada com um paulista, meu cunhado cuidou de tudo. Por ser a caçula, sempre fui muito acarinhada.

Conheci meu marido na fila do ônibus. Isso na saída da Faculdade Álvares Penteado, quando era em um casarão antigo no largo São Francisco. Ele já era formado em Direito e andava por lá. Naquela época tinha bastante gente que ficava em pé no ônibus, eu consegui um assento, bem na frente, dali a pouco ele chegou, ficou em pé, bem perto de mim. Até aí, só olhares e meias palavras. No dia seguinte, tornamos a nos encontrar na fila do ônibus. Quando foi na terceira vez, ele conseguiu um lugar do meu lado, aí é que nos apresentamos e descobri o nome dele: Aldo. (risos)

Formamos o casal Alda e Aldo. Nos casamos logo que me formei, aos 24 anos. Virei economista, mas trabalhei apenas dois anos, porque depois meu marido não quis de jeito nenhum que eu trabalhasse fora. Tivemos três filhas e um filho. Me dediquei à família e ele foi um maridão, companheiro.

Quando estava com 60 anos, já com netos, resolvi me dedicar à minha segunda paixão, as artes plásticas. Me matriculei contra a vontade do meu marido na escola Panamericana de Arte, em Higienópolis. Entrei na formação de quatro anos, queria aprender tudo e fui muito bem-sucedida. Depois de formada, consegui me

cadastrar no museu Nacional De Belas Artes do Rio de Janeiro, na Avenida Rio Branco, entrei para a Academia Brasileira de Arte, Cultura e História, onde fiz diversas exposições e vendi muitos quadros. Gostava de pintar principalmente pessoas. Minha arte é contemporânea, figurativa, mas também fiz muitos abstratos.

Meu marido, embora advogado, tornou-se empresário, montou uma firma de produtos hospitalares. Íamos muito à Europa. Tornei-me sócia do Club de France de São Paulo, na época. A Lucy Haddad era secretária, ficamos muito amigas, então eu telefonava para ela e dizia: 'Lucy, vou para a Europa, pode ver se tem algum workshop ou palestra para enriquecer o meu conhecimento de arte?'. Ela pesquisava e me mandava uma agenda. Então eu pedia ao meu marido para tirar férias de modo que eu pudesse ir aos eventos do meu interesse e ele me atendia.

Mas cada uma de nossas viagens tinha um roteiro diferente. Por exemplo, fui para a Escandinávia, Dinamarca, Suécia, Noruega, Finlândia e Rússia, na época da Perestroika. Leningrado, hoje São Petersburgo, era uma cidade linda. Em outras férias, meu marido alugou um carro e conhecemos a Itália de ponta a ponta, exceto a Sicília.

França, Portugal, Espanha, Alemanha, rodamos tudo isso. Falo inglês e francês fluentemente, então puxava conversa com todo mundo. Meu filho morou na Suécia e hoje tenho um neto que mora em Lisboa. Conheci muitos países, Japão, China, Tailândia, Cingapura, Austrália. Conheci o Havaí, que tem praias lindas, e ainda México e Estados Unidos. Outro dia uma senhora da SBA me disse: "Mas a senhora viveu 99 anos. Que vida!". Eu comentei: "Foi uma vida muito bem vivida, né? Aproveitei muito, vivi muito bem".

Três casas para escolher

Bom, tive minhas perdas. Meu marido faleceu do coração, ele tinha um problema na válvula mitral, teve a oportunidade de operar, mas não quis. Dizia que não tinha tempo, mas acho que ele tinha medo. O caso foi se agravando, ele faleceu com 88 anos. Era 2 anos mais velho que eu, hoje estaria com 101 anos.

Não tenho problemas físicos ou mentais, somente as sequelas da idade, então, continuei na nossa casa, uma casa muito grande. Mas há 4 anos perdi uma filha, Eliane. Ela tinha 57 anos e teve um câncer fulminante no fígado. O que me chocou foi a rapidez de tudo, ela se sentiu mal no mês de março e morreu em maio. Era odontopediatra, morava perto de mim, saía do consultório e passava para tomar café da tarde comigo. Isso diariamente.

Minhas outras filhas e meu filho me dão muito apoio, mas ela era a mais próxima, por essa razão. Então comecei a sentir um vazio grande. Foi quando comecei a amadurecer a ideia de ir para um residencial de idosos. Elas não concordaram de

jeito nenhum. Meu filho ficou revoltado porque mora num apartamento, lá no Morumbi mesmo, enorme, e queria que eu fosse ficar com ele. Minhas filhas disseram que eu tinha três casas para escolher, mas eu respondi: 'Estou querendo mudar de vida'.

Vi alguns residenciais muito bons, um deles uma casa em Pinheiros, por exemplo, outro na avenida Paulista, mas é um prédio. Quando recebi a indicação da SBA, minhas duas filhas me acompanharam. Ao chegarmos perto, lembro que achei o bairro feio, até que abriram o portão e o carro começou a subir. Eu olhei em volta e pensei: 'Que que maravilha, era isso o que eu estava querendo!'

Vi tanta flor, tanta árvore, depois a avenida com aquelas casinhas, olha que coisa simpática, isso aqui parece um clube. E foi assim que vim parar aqui. Fiz três visitas e pedi para fazer um teste de um mês. Não queria assinar contrato e me arrepender. Henriqueta, que cuidava dessa parte, foi muito simpática e disse que não tinha problema. Então, na última vez reservei e pedi para o meu filho providenciar a mudança.

Antes de contratar a mudança, ele chegou em casa e disse: 'Vou lhe fazer uma pergunta, pense bem antes de responder, é isso o que você quer? Você vai deixar essa casa imensa, onde está todo o seu mundo, suas conquistas, suas lembranças...'. Mais uma vez afirmei: 'Tenho absoluta certeza, pois estou querendo mudar meu estilo de vida. Estou indo para um residencial de idosos que coincide com a minha idade'.

'Mas você não tem alma de idosa. Você vai ficar bem lá?', ele ainda argumentou. Falei que ia experimentar. Um orgulho que tenho na vida é minha família, meus filhos são ótimos, mas todos trabalham, o que eu ia fazer na casa deles com 95 anos? Financeiramente, poderia suprir a minha estada, mas fim de semana iam querer sair e ter que se preocupar com a mãe idosa, carregar a mãe... não quis dar esse trabalho.

Assim, me mudei para uma casinha da avenida, que tem apenas um quarto, sala, cozinha, banheiro, e uma varandinha que é ótima. Ao entrar aqui, não sei explicar, me senti em outro mundo, em outra esfera. Os móveis e objetos que deixei para trás, deixei nas mãos dos meus filhos. 'Não quero saber o fim que vocês vão dar nas minhas coisas', avisei. Tinha a minha biblioteca, que eu adorava. Tinha um armário só de lembranças de viagem. Mas eu não podia trazer muita coisa. Trouxe apenas um quadro, alguns cristais, pouca roupa, alguns calçados, cinco cadeiras, duas mesas, uma para refeição, outra para o computador e os livros.

Acho que tudo é determinado por Deus, porque tive um ótimo marido, uma família grande em que era paparicada por todos. Todos se foram, só restou eu, a caçula centenária. Tenho sete netos e oito bisnetos, a mais velha está com 13 anos e estive domingo aqui comigo, me sinto realizada.

Noiva de festa junina

Agora vou começar a falar da SBA. Quer ver uma coisa que condiz bem com minha filosofia de vida? Eu sempre preguei para os meus filhos os meus princípios. Sabe quando irmão se queixa do outro? Eu falava: 'Lembre-se que para ter uma vida em paz e feliz, você tem que aprender a conviver com as diferenças, guarde bem isso'.

Quando entrei aqui, percebi que esse era um princípio real, porque como cada um tem seus problemas físicos ou mentais, são pessoas muito diferentes, que a gente tem que saber como tratar. Imagine, eu almoço no restaurante e tem uma senhora que sempre reclama: 'Você vê essa menina aí, andando pra lá e pra cá, não tem idade para estar em um residencial de idosos. Se eu fosse mãe não aceitaria isso'. Mas daí eu percebo que a tal menina, que na verdade é uma mulher, parece que não tem cabeça para se sentar e ficar quieta. Ela come um pouco, sai e anda, depois se senta de novo. Então, eu comento: 'Se eu tivesse uma filha assim, acho que procuraria um lugar seguro como aqui, pois temos certeza de que ela não vai sair na rua e se perder'. Esse residencial nos proporciona uma vida de total segurança, total liberdade e qualidade de vida, coisa que a gente não teria em casa.

Veja, eles criam eventos, criam passeios externos fantásticos. Eu também saio muito com minha família, meu neto vem do Rio, me apanha para me levar para o restaurante japonês que ele gosta. O outro neto, que mora em Campinas, chega e me leva para comer na Granja Viana. Um outro de Florianópolis, me leva para churrascaria. Cada um tem um gosto e eu posso comer de tudo. Então, tenho uma vida diversificada.

Sempre gozei de boa saúde. Quando jovem, fazia academia para manter o corpo. Aqui não gosto muito de exercícios, mas leio bastante e gosto de fazer trabalhos manuais, como tricô e crochê, mas gosto mesmo é de bordar tapetes. A pintura não faço aqui porque tenho que ter um espaço. Tem a tela que já ocupa espaço, tem as tintas de todas as nuances, então, precisaria de um lugar para meu circo.

Agora acabei de ler um livro bárbaro, que meu neto de Campinas comprou para mim. Chama-se 'Arroz De Palma' e conta a história de uma família, a partir do filho mais velho de um casal de portugueses que veio para o Brasil. Com o passar dos anos, ele se tornou um grande cozinheiro e montou um restaurante. Então ele se casou, a mulher demorou a engravidar e ele escreveu: 'Família é um prato difícil de fazer'. Passado o tempo, ele os irmãos começam a brigar, ele escreve: 'Família é um prato difícil de temperar'. Por fim, quando os ancestrais morrem e ele está com o neto adulto, criado por uma tia, termina dizendo: 'Família é um prato que quando acaba não se repete'. Não é bonito isso?

Também gosto de participar das festas da SBA. Festa é comigo mesmo. Na primeira festa junina, quando eu estava aqui há seis meses, fui convidada para ser a noiva. O pastor colocou a túnica preta, imitando um padre. Os funcionários faziam pares

com os idosos. Meu noivo foi um rapaz lindíssimo, chefe da enfermagem. Na hora da cerimônia, o pastor-padre perguntou se eu aceitava o moço como marido, e brincou: 'Olha que ele é feio e pobre!'. Eu fiz voz de caipira e falei: 'Ele é jeca e pobre, mas aceito, sim, porque homem está difícil, viu?'. (risos)

O pastor gostou da resposta e depois da festa, cada vez que encontrava comigo, me chamava de 'noiva linda' e eu eu dizia: 'Ô, meu padre querido!'. Até que um dia uma senhorinha me corrigiu, dizendo que ele era pastor, não era padre. Respondi: 'Mas eu também não sou noiva!'.

Quando veio a pandemia, ficou todo mundo se queixando, mas eu nunca tive problemas em ficar só. Não me sinto isolada, não sinto solidão. Fico na minha varanda fazendo minha tapeçaria, vejo a turma de funcionários que entra para a sua jornada de trabalho, a turma que sai, que já cumpriu seu plantão. Vejo os caminhões baús, que entram para suprir a logística. Há os que passam na rua e às vezes de longe me dão um tchauzinho.

Vou te dizer uma coisa, minha memória é seletiva, guardo para mim o que há de melhor. Os pontos negativos eu procuro esquecer, não sou de ficar remoendo, não. Acho que a vida tem os seus percalços, que determinadas provações nos enriquecem e fortalecem. Porque se a gente se deixa abater por tudo que é negativo, a gente não vive.

O sentido da vida é ser feliz. Ao perder uma filha da maneira como perdi, era para eu estar no fundo do poço, mas não foi para isso que vim a esse mundo. Consegui superar, apesar da dor, procurando o que há de melhor para mim. Porque eu gosto de conversar, de me comunicar. Vejam como são as coisas, eu costumo almoçar no refeitório com uma colega alemã, a Dona Gabrielle, ela é ótima, é boa ouvinte. Por que vou mergulhar num poço, se ainda tenho tanta coisa boa para vivenciar?"

Capítulo 3

Ambiente acolhedor

Quem visita a SBA pela primeira vez, não imagina as boas surpresas que vai encontrar quando o portão abrir. A fachada pequena, de arquitetura alpina, esconde um oásis urbano. Logo na entrada, uma rua ladeada de chalés com janelas floridas e canteiros de plantas lembra um clube de campo.

Ao fim dessa ladeira, no coração do terreno, há um lago com deck, emoldurado por árvores e casas brancas. Ao seu redor, espalham-se diversos prédios, incluindo o restaurante e outras alas residenciais, como o Jardim do Sol. No topo, uma capela coroa a propriedade, imprimindo um ar bucólico à paisagem.

As pessoas que passam pelas ruas e calçadas, ali, se entreolham e parecem conhecer umas às outras. Passa uma senhora caminhando devagar, de braços dados com uma moça vestida de branco. Passa um senhor de boina, em uma cadeira de rodas, guiado por uma mulher de cabelos presos e olhar atento. Na recepção de um dos prédios, um grupo de idosos forma um círculo para praticar um exercício que consiste em colocar a perna direita à frente e atrás, intercalando os mesmos movimentos com a perna esquerda.

Assim, entre os que se exercitam, caminham em volta do lago, param para ouvir os pássaros ou se dirigem para a cafeteria, consumam-se os encontros, sorrisos, olás, ainda que alguns, tímidos, não levantem os olhos. Um carro sobe a ladeira, enquanto o jardineiro poda os galhos de uma árvore que caiu com a tempestade do dia anterior. A senhora que caminha devagar de braços dados com a moça vestida de branco entra no restaurante para almoçar.

É quase meio-dia. O sol entre a copa das árvores ilumina o deck do lago, onde três senhoras, em silêncio, absorvem sua dose diária de vitamina D. Em plena metrópole, a natureza trabalha a favor da longevidade no maior espaço dedicado à moradia de idosos da cidade de São Paulo.

Além dos 27 mil metros quadrados de verde abundante, ambientes de convivência como restaurante, cafeteria, academia, spa, sala com lareira, biblioteca e um auditório com um belíssimo piano de cauda, fazem toda a diferença. É curioso ver também pianos de armário nos andares dos prédios residenciais. São oito, ao todo, boa parte deles de marcas alemãs, trazidos pelos moradores com a mudança. Quadros, tapeçarias e móveis antigos criam uma atmosfera acolhedora para os moradores, funcionários ou visitantes, que sempre encontram uma mesinha com cadeiras para sentar e conversar.

Bingos, bailes, coral, grupo de dança, cinema, encontros religiosos, musicoterapia, jogos e festas temáticas, além de passeios externos, integram a agenda de eventos sociais e culturais. Para estimular a atividade física, existem os grupos de caminhada, circuito funcional, relaxamento e meditação, e um centro de reabilitação de última geração, composto por um amplo ginásio, salas para prática individual e uma sala de realidade virtual.

No campo da espiritualidade, há uma capelania [ver quadro] que coordena as visitas, de acordo com a crença do morador. São três pastores de igrejas de denominações diferentes, um padre católico e uma freira que, uma vez por semana, entrega hóstias aos idosos que desejam comungar.

Para contar sobre o dia a dia na Sociedade Beneficente Alemã, sob outra perspectiva, além daquela dos próprios moradores, que nos brindam com suas trajetórias de vida ao longo deste livro, ninguém melhor do que seus familiares. A seguir, as filhas de uma moradora e a irmã de um morador dão seus testemunhos. Elas falam sobre a busca pela melhor assistência e a escolha da SBA. Contam como lidaram com a culpa – que costuma aparecer no processo de mudança – e relatam a rotina de seus entes queridos.

"A SBA acolhe não só morador, mas a família inteira"

Ana Rosa Gonçalves Gomes, 56 anos, secretária, e Adriane Gonçalves Serrão, 52 anos, comerciante, filhas da moradora Ana Maria Lopes Gonçalves

O quadro precoce de Alzheimer da mãe, aos 65 anos, deixou as filhas sem chão. Dona Ana Maria sempre foi uma pessoa alegre e ativa, *"daquelas que administra a vida da família inteira"*, diz Adriane. Ela fez uma carreira no ensino público, como professora de português e matemática. Adriane e Ana Rosa só se convenceram de que a mãe não estava bem quando a diretora da escola, as amigas, e até a manicure, começaram a comentar que ela andava esquecida.

Nessa época, Dona Ana Maria tinha ficado viúva. Além disso, carregava um sofrimento de muitos anos pela morte do único filho homem. *"Ele era o xodó da minha mãe e se envolveu com drogas. Acreditamos que essa dor contribuiu para o desenvolvimento do Alzheimer"*, diz a filha.

A partir do diagnóstico de Alzheimer, as irmãs foram aconselhadas a procurar uma instituição que oferecesse assistência médica 24 horas. *"Chegamos à conclusão de que seria perigoso deixá-la morando sozinha. Pensamos em contratar uma cuidadora, mas ela não aceitaria alguém mandando na vida dela."*

Pela lembrança de uma reportagem sobre a SBA, na TV Globo, elas marcaram uma visita. *"Ficamos surpresas, pois a ideia comum de um lar para idosos é de um lugar sombrio, e aqui encontramos vida"*, lembra Ana Rosa.

Depois de quase 10 anos, as irmãs relembram as etapas do difícil processo de procurar moradia para um familiar idoso. *"No início, nos sentíamos culpadas. Aos olhos dos outros, parecia que estávamos querendo nos livrar do problema, mas a busca sempre foi pela melhor qualidade de vida para nossa mãe"*, diz Adriane.

Adriane: *"Fomos criadas em uma casa alegre. Meu pai, Francisco, era garçom e maitre. Ele e minha mãe formavam um casal animado. Antes de falecer, em 2013, ele comentou que ela não andava bem da memória, mas como era brincalhão, não levamos a sério. A doença dela foi um choque. É complicado ver uma pessoa que sempre administrou a família toda, de repente, pedir para você amarrar o tênis dela, porque não pode mais fazer isso sozinha."*

Cheguei a pensar em vender o meu apartamento e o dela, para comprar uma casa maior e morarmos juntas, mas o próprio médico me desaconselhou. Disse que eu ia

destruir minha vida e com o tempo não daria conta de contratar cuidadores, enfermeiros, folguistas etc. Tanto eu como Ana Rosa somos casadas, com filhos adultos que ainda moravam conosco. O que mais nos estressava era ver nossa mãe piorando a cada dia, sabendo que a doença é progressiva."

Ana Rosa: "Quando sentimos que o melhor lugar para ela seria a SBA, pedimos ajuda ao neurologista dela, para convencê-la da necessidade de se mudar. Ele sugeriu: 'A senhora fica um tempo e, se não gostar, volta para casa'. Fizemos tudo para que ela achasse que estava decidindo – e não a gente. Ela topou experimentar um apartamento por quinze dias e achou tudo lindo. Era abril, perto do aniversário dela. Fizemos uma grande festa com os netos e toda a família. Assim, ela foi ficando, primeiro em um apartamento, depois em um chalé."

Adriane: "Trouxemos quase tudo do apartamento dela, móveis, quadros, tapetes, só não conseguimos trazer o Chicão, o papagaio que ela tanto gostava, porque não aceitam animais. Uma empregada ficou com ele e soubemos que continua corinthiano e cantando bastante. (risos)

Lembro que a primeira coisa que minha mãe fez, ao chegar, foi colocar uma bermuda e sair para caminhar. Como a maioria dos moradores é de ascendência europeia, esse figurino chamou a atenção. Era mais comum ver as pessoas de calça, com uma roupa mais formal, mas depois os outros começaram a usar bermuda. Ela também é festeira, adora dançar e abraçar. Vivia convidando os colegas para ir a casa dela tomar café. Esse jeito aberto causou estranheza, no início, mas com o tempo vimos que ela serviu de inspiração.

Até porque a atmosfera aqui sempre foi de extrema alegria. Antes da pandemia, tinha baile toda semana, bolo para os aniversariantes do mês, feijoada, festa junina, e ela não perdia nada. Isso tudo nos deu um pouco de conforto, sabendo que ela estava se divertindo e muito bem assessorada."

Adriane: "A parte financeira foi bem difícil, pois pagamos a mensalidade com a aposentadoria dela, que vem descontada de muitos impostos. Depois de quase quatro anos, com dificuldades para pagar as contas, chegamos a tirá-la da SBA, mas foi horrível. Por um mês, ela ficou em uma clínica num prédio, sozinha no quarto, dopada de calmantes. Então, puxamos dinheiro de todos os lugares, pedimos desconto à SBA por tempo de casa e conseguimos trazê-la de volta.

Hoje, o mais triste é que ela está quase totalmente ausente. Lembro do dia em que minha mãe esqueceu de mim. Estávamos no chalezinho, passou o rapaz do carrinho de golfe para nos levar ao refeitório. Eu disse a ele que não precisava, que iríamos caminhar. Coloquei as mãos nas costas dela e fomos subindo a rua. De repente, ela parou, tirou minha mão do seu ombro e me olhou como quem diz: 'Quem é você?'. Eu apenas respondi: 'Calma, Dona Ana, só estamos indo jantar, vou levar a senhora e trazer de volta'. Ela viu que não tinha mais ninguém por perto e aceitou. Desse dia em diante nunca mais me chamou de filha. Fiquei arrasada."

Ana Rosa: "Essa ausência dói, mas estamos aqui para visitá-la pelo menos duas vezes por semana. Para nós, é como se fosse a casa dela."

Adriane: "Sim, o pensamento é: 'Vou para a casa da minha mãe'. A gente vem, almoçamos juntas, ou nos revezamos para que tenha mais visitas. Ela já não levanta mais da cadeira, fala pouco, foi para um quarto que tem o 'Jack', nome de um braço eletrônico que ajuda a tirar o paciente da cama e pôr na cadeira de banho, por exemplo. Como não nos reconhece, acho que às vezes ela até se cansa, porque ficamos abraçando, beijando, mas não faz mal. Ela adorava o Roberto Carlos. A música parece acessar um canal diferente no cérebro dela. Quando colocamos a canção 'Como é grande o meu amor por você', ela canta junto."

Ana Rosa: "Ela também adorava o mar, amava tomar sol. Nas melhores lembranças que guardo da minha mãe, estamos na praia."

Adriane: "Eu me lembro dos almoços de domingo, quando ela ficava cozinhando e eu do lado, conversando. Se não tivesse sol, é claro. Senão, a gente punha um biquíni e ia para o quintal, com uma cervejinha, uma caipirinha."

Ana Rosa: "Hoje, o que nos conforta é saber que tomamos a decisão certa. Um conselho que podemos dar para quem está passando pelo que passamos, é que é preciso se anular totalmente e pensar no bem do idoso. O fundamental é ter certeza de que ele vai ter o tratamento mais confortável, mais carinhoso. E também continuar participando, porque não adianta deixar a pessoa aqui e pronto."

Adriane: "Aprendi que, quando sofremos por deixar um familiar em um lugar tão bom como a SBA, estamos pensando mais em nós e não nele. Ao mesmo tempo, por mais que seja o melhor lugar do mundo, não podemos abandoná-la aqui. O melhor da SBA é que, qualquer coisa que você peça, sabemos que na hora eles vão atender. Eles acolhem não só o paciente, mas a família inteira."

"Finalmente meu irmão pôde ter sua própria casa"

Ana Yamagata, 71 anos, socióloga e administradora, irmã do morador Mauro Yamagata

Pelo menos duas vezes por semana, Ana Yamagata vai à Sociedade Beneficente Alemã, para visitar seu irmão mais velho, Mauro, de 76 anos. Ele mora em uma das casas do Residencial, há 11 anos, desde que seu quadro de esquizofrenia se agravou. Embora seja independente, Mauro precisa de suporte médico, para cumprir os horários das medicações e manter a doença sob controle.

Na família de seis irmãos, Ana é primogênita das mulheres e assumiu naturalmente o papel de cuidar dos idosos da família, tanto dos pais e avós, que já faleceram, quanto do irmão. Depois de visitar diversas instituições, ela afirma que encontrou na SBA o acolhimento que procurava. "Aqui, finalmente, meu irmão pôde ter sua própria casa e levar uma vida tranquila", diz.

"É difícil descrever o que senti ao atravessar o portão da SBA pela primeira vez. Foi uma sensação muito boa. Marquei uma reunião multidisciplinar, para explicar o caso do meu irmão, e ao entrar fiquei surpresa ao ver um condomínio em meio a natureza. Mauro, na época, tinha 65 anos. Era um homem independente e precisava manter sua autonomia, mesmo que fosse obrigado a tomar remédios controlados e viver sob cuidados médicos.

Na instituição anterior, ele tinha um quarto particular, mas convivia com dependentes químicos, tudo junto e misturado. Certa vez, ingeriu a medicação de forma errada, teve uma overdose e quase morreu. O psiquiatra falou que devíamos procurar outro lugar e eu iniciei a busca.

Visitei quatro residenciais e não gostei de nenhum. Um deles era vertical, em um prédio, na avenida Paulista. Um outro ficava em uma casa térrea, com jardim, mas não tinham vagas. O que achei mais interessante na SBA foi o Mauro poder ter sua própria casa. E a possibilidade de contar com diversos níveis de assistência, de acordo com cada fase da vida, desde um simples acompanhante até os cuidados paliativos, sem ter que se mudar de novo. Não encontrei nada similar.

Mauro também gostou, de cara, e teve a mesma impressão que eu. Quando chegou, me contou que ficou impressionado com tanto 'bom dia' e 'boa noite', do pessoal da cozinha, enfermeiros e moradores. Às vezes ele nem respondia, por ser tímido, mas aos poucos foi fazendo amizades.

Meu irmão é bastante reservado e gosta de ler. Assina um jornal diário, frequenta a biblioteca. Antes da pandemia, tínhamos uma saída a cada bimestre, e ele se abastecia na livraria. Esse é o hobbie dele, leituras de filósofos e outros temas de um mundo que eu não alcanço.

Não sabemos qual foi o ponto de partida para a doença. Ele sempre foi introvertido, primeiro filho de uma família oriental, com muita responsabilidade. Meu pai trabalhava no Rio de Janeiro de segunda a sexta, só voltava para São Paulo nos finais de semana. Ele dizia ao Mauro: 'Você tem que cuidar da sua mãe e dos seus irmãos'. Talvez isso virou um peso para ele.

Fomos criados com rigidez. Por exemplo, não tinha refrigerante ou doce em casa. Quando a minha mãe ia à feira, uma vez por semana, trazia um chocolate. Mauro pegava uma régua para medir e dividir por igual entre os irmãos. Parece bobo, mas dá um senso de igualdade, pois o menorzinho não ganhava mais.

Mauro gostava muito de estudar, chegou a fazer o ITA (Instituto Tecnológico de Aeronáutica). Super inteligente, ainda é o mais intelectual da família. Mas o emocional dele sempre foi complicado e, com a doença, não conseguiu construir uma vida dentro da normalidade.

Às vezes, ele nem gosta muito de visita. Hoje mesmo me disse: 'Você não está perdendo muito tempo do seu trabalho para vir aqui?'. Na verdade, eu administro algumas coisas da empresa da família, mas não preciso dar expediente. Tenho uma

irmã que mora no Japão, outra que acaba de ser avó, um irmão mora no Rio, enfim. Sou a que mais consegue estar perto.

Na pandemia, durante o lockdown, eu ligava todos os dias. Ele demonstrou que aquilo era pesado para ele. Conversamos e chegamos à conclusão que o melhor era nos falarmos às segundas, quartas e sextas, com hora marcada, porque ele gosta de tudo certinho. Costumo dizer que uma das poucas pessoas que evoluiu nessa pandemia, para melhor, foi o Mauro. Com o isolamento, ele passou a dar valor à liberdade que tinha antes e valorizar as pequenas saídas e visitas.

O staff aqui é super atento, mesmo assim, o familiar tem de estar presente, para saber o que acontece e interagir com a equipe. Mauro tem dificuldade de dizer o que quer, por medo de conflito. 'Não quero incomodar as pessoas', diz ele. Sua cabeça funciona de um jeito diferente, então, é preciso ir adivinhando suas necessidades.

Ele tem diabetes e precisa de uma dieta específica. Gosta de comer peixe, mas outro dia me disse que jogou a comida fora. 'Toda noite é frango', comentou. Eu conversei com a nutricionista e passaram a mandar mais peixe. Mesmo assim, insisti com ele para reclamar, se não gostar. É importante conseguir se comunicar.

Das boas lembranças da nossa infância, guardo as brincadeiras. Morávamos no bairro da Aclimação, em uma casa com quintal e mesa de ping-pong na garagem. Na rua, brincávamos de carrinho de rolemã, pega-pega, pique esconde. Mauro sempre me incluía nas brincadeiras, eu nunca me senti de fora por ser mulher.

Não tive filhos, cuidei dos meus avós e dos meus pais, fui acumulando experiência. Mas não faço isso porque tenho mais tempo e sim pela personalidade. Não sinto como um peso. Gosto das tarefas, acho interessante falar com os médicos, entender os remédios. Você dá o que tem no coração. É natural para mim cuidar do meu irmão. Aliás, costumo falar para o Mauro que, se a SBA continuar bem do jeito que está, o meu lugar no futuro vai ser aqui."

A espiritualidade na SBA

O apoio espiritual está presente na Sociedade Beneficente, por meio da capelania, liderada pelo Pastor André Enrique Santos de Souza, da Igreja Evangélica Cristã da Trindade. A capela, embora tenha características católicas, é de essência ecumênica. Também nesse departamento, as pessoas – e não a sua religião específica – estão em primeiro lugar. "Se um sacerdote católico ou um conselheiro espiritual de outra religião é solicitado, ou se faz necessário, o pedido é atendido", diz o gerente-geral Thomas Polisaitis.

Há um diálogo próximo com a paróquia católica de Santa Maria Goretti, no Butantã. O Padre Geraldo Evaristo da Silva realiza as missas católicas na SBA, no segundo e quarto sábado de cada mês. Além disso, a Sra. Zulmira Vieira da Silva, Ministra da Igreja, visita os moradores católicos todas as quintas-feiras. O grupo da capelania inclui três pastores evangélicos de denominações diferentes, além do Padre e da Ministra. Eles conversam com os idosos, falam com seus familiares e ficam à disposição dos funcionários, assim como dos acompanhantes dos moradores. *"A missão é ouvi-los, confortá-los, apoiá-los emocional e espiritualmente e trazer um pouco de esperança"*, diz o Pastor Daniel Meyer Do Santos, da Igreja da Paz, que atende os os moradores de língua alemã. *"Poder conversar com alguém na sua língua natal traz conforto"*, diz ele.

Nascido na cidade portuária de Bremerhaven, na Alemanha, o Pastor Daniel realizou seus estudos de teologia em Wuppertal, Buenos Aires e Berlim, e foi ordenado pastor luterano em 2010. Atuou em Celle e Osterholz-Scharmbeck, na Alemanha do Norte e, desde 2016, é pastor na Igreja da Paz/Friedenskirche, no bairro de Santo Amaro, em São Paulo. Parte de seu trabalho abrange as instituições ligadas à comunidade alemã da capital. Ele conta sobre os desafios e aprendizados da tarefa de levar conforto espiritual aos idosos. *"É importante ter os ouvidos bem abertos e trabalhar com a biografia de cada um, para que eles façam as pazes com sua trajetória"*, diz o Pastor.

"Quando iniciei os trabalhos na SBA, há seis anos, eu fazia pequenas meditações na capela. Procurava sempre escolher temas que venham beneficiar as pessoas nessa fase da vida: o consolo, a confiança em Deus, o perdão, no sentido de deixar o passado para trás, sabendo que Deus nos acolhe em suas mãos."

O objetivo era que as meditações fossem um alívio e não algo pesado. Não gosto quando o foco da religiosidade está na culpa, no pecado. Procuro dizer da confiança em Deus, reforçando que o amor Dele por nós é maior que nossos erros.

Gosto muito do Salmo 23, que fala do Bom Pastor. É um dos textos mais conhecidos no Cristianismo e, pela minha experiência com os alemães, todos eles conhecem o Pai Nosso e o Salmo 23. Percebo também que os idosos com diferentes níveis de demência conseguem se lembrar dessas duas passagens.

"O Senhor é o meu Pastor, e nada me faltará..." É um Salmo lindo, que traz essa imagem de Deus como o pastor que não se cansa de cuidar de nós. Ele abre a janela para falar de momentos complicados na vida, quando atravessamos o vale escuro. Aí entra a confiança em Deus, que nos acompanha nesse vale.

Só que, com o passar do tempo reparei que várias pessoas que já não conseguiam ir a capela, porque não tinham tanta mobilidade, ou faziam fisioterapia no mesmo horário, por uma série de razões. Então, passei a focar nas visitas nos quartos.

As pessoas gostam de ser ouvidas. Quando entro, elas não falam em primeiro lugar de conflitos ou tristezas, mas contam da sua vida. Vão se soltando aos poucos, mencionando a família, a relação com os filhos. Outro assunto presente: a Segunda Guerra Mundial. Muitos passaram por isso, falam da experiência de superação, e um dos momentos importantes foi a chegada ao Brasil.

Elas contam com certo orgulho sobre como conseguiram viver sua vida, se instalar em um novo país e criar seus filhos. Esse trabalho com a biografia é importante, como forma da pessoa olhar para sua própria vida e fazer as pazes com ela, muitas vezes sabendo que a finitude está presente.

Mas falamos de finitude somente quando o tema é abordado pela própria pessoa. Nesse caso, é uma tentação para pastores, sacerdotes, chegar com um consolo fácil, abrir a Bíblia e ler um Salmo. Eu evito trazer algo pronto. É sempre um trabalho de muita paciência, tentando ter os ouvidos bem abertos, para nunca propor soluções fáceis e sim dizer que toda nossa vida, nossas angústias, estão nas mãos de Deus. Portanto, estão bem guardadas, podemos confiar. Faço, então, uma oração no final da conversa, para que o que foi dito fique nas mãos de Deus e a pessoa tenha um pouquinho de descanso.

Poucos idosos que eu visito são luteranos ou da nossa comunidade. A maioria é de católicos, mas eles ficam muito agradecidos pelas visitas. Lembro também de quando visitava uma moradora judaica, e obviamente eu era cuidadoso na hora de falar de Deus, porque na idade dela eu não queria convertê-la ao Cristianismo. O que essa senhora precisava era de um parceiro para conversar. A ajuda que eu podia dar era ouvi-la com atenção e desta forma mostrar o amor que Deus tem por todas as pessoas, não importa a religião.

Não tenho uma frase bíblica específica sobre como envelhecer bem, mas na igreja protestante se fala muito na palavra 'justificação', que significa ficar justo aos olhos de Deus. Ou seja, fique livre de culpa. E é Deus que nos liberta. Ele nos deixa livres de culpa, porque somos seres humanos e temos a tendência em colocarmos o dedo nas feridas.

Acho importante, justamente para a terceira fase da vida, fazer as pazes com o passado. No sentido religioso, seria ter a confiança de que Deus me ama, me justifica, apesar dos erros que possa ter cometido na vida. Isso é estar em paz. Saber que certos erros não posso corrigir, mas tenho confiança em Deus e sei que ele me perdoa por isso.

O espaço da SBA propicia bons encontros. A primeira coisa que me chamou a atenção ao entrar aqui foi o quão grande e belo é esse lugar. Ter um espaço tão amplo, tão lindo, tão verde, é um conforto. A natureza no lar é preciosa, ter alamedas para caminhar, poder se sentar debaixo das árvores, tomar sol e ver os macacos no lago. Isso é muito-muito valioso, porque as pessoas têm saudade da sua própria casa, do seu jardim. Me lembro de uma moradora que não gostava de estar sentada, só queria caminhar. Eu via que ela desfrutava bastante daquele espaço.

Eu, pessoalmente, gosto de sentar à sombra e repor as forças entre uma visita e outra.

Percebo na equipe a atenção dada a cada paciente, o atendimento específico para cada caso. Isso me impressiona porque muitos moradores têm bastante autonomia e a SBA é um espaço que faz com que cada um possa aproveitar suas possibilidades.

Isso é um grande diferencial, pois tenho a percepção de que, não sei se no Brasil, mas na Alemanha, os mais jovens cometem o erro de achar que todos os idosos são iguais, como se seus interesses fossem idênticos. Obviamente cada um é um ser humano com histórias diferentes, sonhos diferentes, com seus dilemas, ansiedades e formas diferentes de lidar com os problemas da idade.

Procuro trabalhar essa individualidade e transmitir a mensagem de que, em qualquer etapa, o idoso pode estar orgulhoso do que conseguiu fazer na vida. Pode ser religioso ou não, pode ter muita fé ou pouca fé. Cada um encontrou sua forma de vencer os obstáculos, seja com um parceiro, através da religião, da força de vontade, ou com ajuda de fora, não importa. O mais importante é ele olhar para trás e poder dizer: 'Olha o que eu consegui na minha vida!'. Isso justifica tudo."

Vivências inspiradoras

"Aqui me sinto segura e protegida"

Judith Bianka Freuthal

(Bremen, Alemanha, 10.03.1922 –

São Paulo, SP, 09.01.2020)

Sobrevivente da Segunda Guerra, Judith narra sua aventura para deixar a Alemanha e todos os perigos que teve de enfrentar até imigrar para o Brasil. Aqui, ela se casou, teve duas filhas e viveu uma vida próspera, até ter um AVC que afetou sua fala. Aos 82 anos, ela não conseguia mais falar o português, apenas alemão. Depois de ficar viúva, Judith se mudou para a SBA, onde pôde se comunicar com várias pessoas na sua língua-mãe –o que era mais fácil para ela à essa altura da vida. Assim, fez novas amizades e se envolveu em diversas atividades. Gostava de frequentar o bingo e os bailes, onde dançou até o fim.

"Com 10 anos de idade, no ginásio, eu estava entre os três melhores alunos. Lembro-me bem disso, pois esses alunos não precisavam pagar a mensalidade. Pouco antes de eu completar 11 anos, Hitler tomou o poder. De repente tínhamos professores uniformizados. O professor da minha classe xingava os judeus constantemente. Por fim, ele me disse: 'Você não pode fazer nada a respeito, mas eu gostaria de lhe pedir que não participe mais dos devocionais matinais'. Então eu

ficava parada como uma pobre coitada à frente da porta, quando os outros saíam novamente. Isso era muito embaraçoso. Meu rendimento escolar caiu claramente nesse período.

Meu pai nasceu em uma família judia, em 1881, na então cidade alemã de Kattowitz, na Alta Silésia, e em 1904 fixou-se em Bremen. Em 1920 ele se casou com minha mãe, Helena, que era de Frankfurt am Main e havia crescido como protestante.

Minha mãe saiu da Igreja. Meu pai também não era religioso. A consequência disso foi que nenhuma religião foi registrada na minha certidão de nascimento. Nela não havia algo como 'fé mosaica', não. Havia apenas um risco. Essa foi a minha grande sorte, esse risco salvou minha vida. Eu me lembro das crianças que, como eu, vinham de casamentos mistos. Elas sumiram imediatamente.

Também o meu nome, Judith Bianka, eu mandei mudar oficialmente. Eu não queria ser sempre chamada de Judith em voz alta e passei a me chamar a partir de então somente Bianka.

Nossa família era bastante conhecida em Bremen. Nós éramos donos de algumas casas e de alguns negócios. Meu pai era um social democrata convicto e havia alugado um grande salão de eventos para reuniões com colegas que pensavam com ele. Por razões políticas, ele fugiu em 1933 através da Holanda, Bélgica e França para Espanha. Ele recebeu o aviso da parte de um nazista de que havia sido denunciado à Gestapo, pois antes da tomada do poder [de Hitler] ele havia preparado um panfleto político contra Röhm. [...] Depois que o líder da SA Röhm foi morto por Hitler, em junho de 1934, por suposta tentativa de golpe de estado, meu pai pediu que minha mãe perguntasse a Gestapo se ele poderia retornar. Quando se esclareceu que não havia nada contra ele, ele retornou e depois de detalhado interrogatório permaneceu alguns anos sem ser importunado¹⁴.

Ao terminar o colégio, frequentei uma escola profissional. Eu não podia estudar em uma universidade. Esse foi um tempo difícil, pois eu era constantemente xingada de judia, não podia falar com meus colegas de escola e nem me sentar ao lado de alguém. Em casa, porém, eu nunca contei a respeito.

Depois da Noite dos Cristais meu pai foi tirado de casa pelos homens da SA, levado para uma escola e, depois de ser obrigado a andar durante horas pela cidade, foi

¹⁴ Veja: *Lebensgeschichten – Schicksale Bremer Christen jüdischer Abstammung nach 1933*, publicado por um grupo de trabalho, Hospitium Ecclesiae, Volume 23, 2006

entregue na penitenciária de Oslebshausen, de onde, depois de um ou dois dias, foi levado para o campo de concentração de Sachsenhausen, junto com outros judeus. Sob a condição de emigrar o quanto antes, ele foi libertado por volta de 13 de dezembro de 1938.

Em 05 de dezembro de 1939, meu pai deixou Bremen com um visto para o Paraguai. Mas, em Santos, um tio que havia deixado a Alemanha já antes da guerra foi buscá-lo no navio. Este tio o levou para seu sítio em Pirituba, um tanto fora de São Paulo. Rapidamente, porém, meu pai decidiu ir para cidade, afinal ele sempre tinha trabalhado em escritório e nunca no campo.

A saga de uma sobrevivente

Eu passei todo o período de guerra em Bremen e sobrevivi. Sempre estive em casa, jamais escondida. Perto do fim da guerra, em novembro de 1944, os descendentes mestiços de judeus foram forçados a trabalhar nas fábricas consideradas importantes para a guerra. Nós éramos 60 mestiços, precisávamos trabalhar sozinhos, não podíamos comer juntos e não podíamos falar – sobretudo com os prisioneiros de guerra franceses, italianos e ucranianos. Especialmente os ucranianos eram tratados de forma terrível.

Trabalhei lá por cerca de nove meses, até que sofri um acidente. Na época fui transferida para diferentes lugares. Uma noite, em janeiro de 1945, parti com um amigo cristão para buscar uma de minhas malas que haviam ficado armazenadas. A caminho de Hamburgo fomos parados por soldados alemães que estavam carregando um caminhão com tudo quanto era possível. Queriam que os ajudássemos e nós, naturalmente, fomos obrigados a fazê-lo.

Como já era tarde, meu amigo sugeriu que passássemos a noite no local. Eu, ao contrário, queria voltar para Bremen e o convenci a pegar imediatamente o caminho de volta. À beira de um pequeno povoado entre Bremen e Hamburgo, bem no meio da noite, nós batemos de frente com um transporte de tropas. Um médico precisou ser chamado, pois o meu amigo ficou gravemente ferido. Eu mesma estava arranhada da cabeça aos pés, meus joelhos doíam terrivelmente, porém, seriamente ferida eu não estava.

Meu amigo não pôde se locomover por muito tempo e por isso acabamos ficando alguns meses em uma pequena pensão não muito longe do local do acidente. Perto dali encontrava-se um castelo que havia sido usado pela SS durante a guerra. Quando o fim da guerra parecia estar próximo, os soldados fugiram. Eles deixaram

tudo para trás. Foi assim que meu amigo furtou bicicletas, que estavam paradas por lá, para que voltássemos para Bremen. Pouco antes de nos colocarmos a caminho, nos deparamos com soldados aliados. Foi uma alegria enorme. Finalmente a guerra havia acabado! Como eu falava bem inglês pudemos até mesmo conversar com os soldados.

Meus conhecimentos de língua foram úteis também depois do fim da guerra. Trabalhei, entre outras coisas, como tradutora para os escoceses que não eram de maneira nenhuma 'pão-duros', mas muito gentis. Por fim, trabalhei para a Comunidade Israelita que no meio de agosto de 1945 foi fundada novamente. Na mesma casa encontravam-se também as organizações assistenciais HIAS¹⁵ e Joint¹⁶.

Nesse meio tempo recebemos as primeiras cartas de meu pai que sugeriu que eu fosse para o Brasil também. Se eu gostasse, minha mãe e minha irmã poderiam ir depois. Foi difícil conseguir um visto, mas meu pai fez de tudo para conseguir o dinheiro para a viagem de navio e o visto exigido.

Ele havia feito amizade com um líder católico que lhe explicou que eu conseguiria ir se me tornasse católica. Bremen era protestante, os católicos não eram muito queridos. Então pensei comigo mesma: católica eu não me torno de jeito nenhum.

Na primavera de 1948, num sábado, eu tinha acabado de chegar em casa quando recebi um telegrama dizendo para eu sair do país na segunda-feira. Meu pai tinha juntado o dinheiro para a passagem e arranjado o visto. Eu estava feliz e ao mesmo tempo chocada. Como eu poderia sair do país tão rápido? Eu nunca havia tido sequer um passaporte. Imediatamente entrei em contato com a HIAS que eu conhecia bem. Dentro de um dia a organização assistencial fez o impossível se tornar possível e emitiu um passaporte provisório pra mim.

Minha mãe e minha irmã me acompanharam até o navio em Hamburgo, um navio de repatriação chamado Santarém. Eu estava feliz. É bem verdade que não estava mais diretamente sob ameaça, mas eu queria começar uma vida nova, queria apagar as lembranças da guerra e da perseguição. Minha mãe havia me preparado para talvez precisar compartilhar a cabine no navio. Porém, ninguém me falou

¹⁵ HIAS: *Hebrew Immigrant Aid Society*. A HIAS foi fundada em 1881. De 1945 a 1951 a organização para refugiados ajudou 167.450 pessoas. 79.675 delas imigraram para os Estados Unidos, 24.049 para Comunidade Britânica, 24.806 para América Latina e 38.920 para Israel ou outros países. (Veja também: www.hias.org)

¹⁶ *Joint Distribution Committee* (JDC) – Designação completa: *American Jewish Joint Distribution Committee*, forma abreviada: Joint – é uma organização assistencial de judeus norte-americanos em favor de seguidores da fé judaica, ativa desde 1914, sobretudo na Europa. (Veja também: www.jdc.org)

nada sobre 400 pessoas ficarem em um grande salão. Foi terrível, sobretudo a gritaria das crianças. A travessia durou quatro semanas. O navio parava constantemente. No dia 27 de maio de 1948 chegamos finalmente em Santos, onde fui recebida por meu pai.

Eu jamais havia imaginado que meu pai vivesse em condições tão miseráveis em São Paulo. Ele não podia custear mais do que um buraco de porão, pois tinha realmente gasto todo o seu dinheiro com a minha viagem. Se eu pudesse, teria voltado imediatamente pra casa, mas isso, é claro, não era possível. Vivi 14 dias com meu pai, economizei tudo que podia e então passei a tomar conta da minha própria vida, procurei um emprego e um quarto e, com isso, comecei a aprender português.

No início da minha vida em São Paulo, meus conhecimentos de inglês me beneficiaram mais uma vez. Eu trabalhei como secretária, primeiro só com a língua inglesa, mais tarde prestei meus serviços para empresas alemãs também. Trabalhei três ou quatro anos para Otto Wolff, na área de comércio exterior.

Mas antes disso, em 1948, conheci meu marido, Luser Beller¹⁷. Ele nasceu em 1916 em Altenburg, na Turíngia, e vinha de uma família de judeus poloneses. Durante o Holocausto ele perdeu toda a sua família, com exceção de sua irmã Perel que, depois de ter imigrado para o Brasil entre 1932 e 1933, acabou indo para Israel nos anos de 1960. Depois de passar por várias estações entre 1939 e 1940 meu marido conseguiu chegar ao Uzbequistão onde passou o último ano da guerra e sobreviveu. Em 1947 ele imigrou para o Brasil¹⁸.

Nos casamos em 20 de novembro de 1949. No começo vivíamos de aluguel, até comprarmos uma pequena casa na Rua Ana Cintra. Tivemos duas filhas, que nasceram em 1952 e em 1958. Quando nasceu minha primeira filha, meu pai, que de fato jamais conseguiu se estabelecer no Brasil, voltou para a Alemanha.

Meu marido trabalhava como gráfico e eu retomei minhas atividades profissionais depois que as meninas já tinham completado 5 anos. Mais tarde compramos um apartamento na Alameda Tietê. Eu gostava muito de viver lá, passeava muito pelas belas ruas e ia com frequência fazer compras no tradicional comércio Casa Santa Luzia.

Treino de memória e curso de Reiki

¹⁷ No Brasil o nome foi mudado para Lazaro Belar, mas é normalmente chamado de Vicu.

¹⁸ Ver: Repkewitz, Christian. *Schicksal der jüdischen Familie Beller* ergründet (<http://www.christian-repkewitz.de>)

E foi justamente nessa fase que minha vida mudou repentinamente. Em 2004 eu sofri um AVC, que foi descoberto rapidamente, de modo que a leve paralisia do rosto voltou logo ao normal. Significativamente mais grave foi uma outra sequela: eu havia perdido a ligação com o idioma português. Minha filha sempre me chamava a atenção para o fato de eu só falar em alemão com os médicos, língua que eles, naturalmente, não compreendiam. Precisei ter aulas de línguas novamente, aos 82 anos. Depois de seis meses recuperei meus conhecimentos linguísticos, embora no geral eu já não fale mais tão bem o português. Em família, sempre falamos somente em alemão. Minhas duas filhas viveram, uma de cada vez, um ano na Alemanha e dominam a língua fluentemente, tanto na escrita quanto na fala.

Depois do meu AVC, a vida em nosso próprio apartamento se tornou mais incômoda. Uma de minhas filhas conhecia alguém que visitava a tia regularmente no Lar Recanto Feliz. Ela nos contou a respeito e fomos todos juntos visitar o local. Pouco depois, meu marido e eu nos mudamos para lá. Porém, especialmente o meu marido teve dificuldades para se adaptar. Assim, depois de mais ou menos seis meses, voltamos para o nosso apartamento, que ainda não tínhamos vendido na época.

Depois da morte do meu marido, em setembro de 2007, minhas filhas finalmente expressaram sua preocupação com o fato de eu não poder viver em nosso apartamento sozinha, fui, ainda no mesmo ano, novamente para a SBA.

Aqui me sinto segura e protegida. A organização é muito boa. Muitas atividades são oferecidas, o que faz com que o tempo passe depressa. Participo sempre do bingo e dos bailes. Durante um tempo participei também de um curso de Reiki. Frequento o treino de memória desde o começo. O treino em si e as lições de casa, que sempre faço, são bem fáceis pra mim e me divertem. Eu também leio regularmente, de preferência em alemão. Em segundo lugar estão as leituras em língua inglesa, depois vem o português. Poder falar alemão aqui é um grande ponto positivo. Também são positivos os contatos que surgem a partir das atividades em comum.”

19

¹⁹ Entrevista realizada em 05.07.2013 (por Esther K. Beuth-Heyer)

Capítulo 4

O ser humano em primeiro lugar

Por mais que a tecnologia avance e apareçam novos recursos para prolongar a longevidade, as pessoas sempre serão a motivação dessa busca. Em um mundo em que tanta gente procura viver com qualidade para além dos 70, 80, 90 e ultrapassando um centenário de anos, o fator humano segue sendo o mais importante, principalmente quando se fala em promover o envelhecimento com dignidade e qualidade de vida.

O ser humano, portanto, deve ser o principal foco de investimento e atenção na construção de um modelo eficaz de Governança, em qualquer tipo de empreendimento, quanto mais em um residencial para idosos. Por todas essas razões, a Governança [ver quadro] é uma área fundamental na Sociedade Beneficente Alemã, a fim de garantir que a instituição cumpra a missão de promover o máximo bem-estar aos seus moradores, e à sociedade.

"O acolhimento, o amor ao próximo, o cuidado centrado na pessoa, esse é o nosso grande diferencial", diz Julio Muñoz Kampff, Presidente da SBA.

O intercâmbio com instituições similares, na visão do Presidente, tem sido essencial para criar uma troca de boas práticas, fazer valer o conhecimento adquirido e manter a organização atualizada diante da necessidade de se adaptar às novas demandas desse universo.

Como aconteceu, há três anos, quando a SBA recebeu a certificação da Fundação *Silviahemmet*, criada pela Rainha Silvia da Suécia, para cuidar da própria mãe com Alzheimer. Na época, a equipe do Residencial passou uma temporada na Suécia para um treinamento com foco no tratamento de pacientes com demência. A partir daí, intensificou-se o cuidado centrado na pessoa, algo em comum entre as duas instituições, mas que a partir desse encontro ganhou nova dimensão.

"Na nossa filosofia, o idoso é o primeiro a ser ouvido, assim como os seus familiares, que têm de estar a par de tudo. Depois, há um importante trabalho em conjunto com os cuidadores e toda a equipe médico-terapêutica, que muitas vezes passa a ser a segunda família do morador. É um processo holístico, que envolve comunicação, qualidade do tratamento, segurança, limpeza, nutrição. Cada passo é dado com muito cuidado. Se você coloca um prato de cor diferente para uma pessoa com demência, por exemplo, ela pode não reconhecer aquele prato e não saber como se alimentar", diz Kampff.

Assistência médico-terapêutica personalizada

Mas como essa assistência humanizada funciona na prática? Fica difícil imaginar como é possível oferecer um serviço tão personalizado, a ponto de considerar a cor da louça como elemento de bem-estar, em um Residencial que acolhe centenas de idosos, cerca de 70% deles com algum déficit cognitivo ou grau de demência –leve, moderado ou grave –como é o caso da SBA.

"É um modelo que funciona porque envolve amor e carinho, naturalmente, mas também porque procuramos nos colocar no lugar do outro", diz a Dra. Daniela Gomes, médica geriatra, Gerente Geral de Saúde da SBA. Sua área abrange uma equipe multidisciplinar, composta por médicos, psicólogos, fonoaudiólogos, fisioterapeutas, somando cerca de 55 profissionais.

A Dra. Daniela afirma que o treinamento na Fundação Silviahemmet foi um divisor de águas para a instituição. *"Quando retornamos, toda a equipe multiprofissional e de áreas de apoio, como facilities, portaria etc, foi treinada para tentar entender como uma pessoa com demência pensa e porque age de determinada maneira."*

Colocar-se no lugar do outro, no caso do idoso, é respeitar o que aquela pessoa foi, mesmo que hoje ela não se lembre mais como era. *"Porque na demência a memória vai apagando tudo, mas as coisas básicas que ela gosta e o respeito à sua trajetória, não se pode perder. Quando todos entendem isso, fica mais fácil fazer algo personalizado", diz a médica.*

Os exemplos são simples e revelam uma sutileza rara no trato com os idosos. *"Se a pessoa sempre gostou de cores vibrantes, como amarelo ou vermelho, e agora não tem mais condição de se vestir sozinha, não há porque escolher para ela uma roupa azul-marinho. Vamos sugerir uma blusa do tom que ela gostava."*

Muitas vezes, logo ao chegar, o morador perde o apetite ou demonstra dificuldade para se alimentar. O pessoal da cozinha, então, procura preparar um prato que ele aprecie. *"É uma dieta de conforto", define a médica. Para os que não aceitam mais alimentos sólidos, pode ser uma sopa ou um simples café. "Certa vez, soubemos que o café era algo que a moradora sempre amou na vida, e ela se alegrou com um cafezinho. Isso acaba sendo muito bonito, porque a gente conseguiu ofertar algo que fez sentido para ela."*

São informações solicitadas aos familiares, antes da mudança do morador. No processo de admissão, leva-se em conta sua biografia, qual era sua ocupação, com quantos anos se casou, com quem trabalhou, quais são seus hobbies, o tipo de música que gosta de ouvir, os pratos favoritos, entre outros detalhes. A equipe costuma inclusive pedir à família fotografias para personalizar o ambiente

em que o idoso vai ficar. Nas casas, é possível trazer alguns móveis e objetos de decoração, para que ele se sinta o mais "em casa" possível, rodeado de referências pessoais.

É claro que essa dinâmica depende do local em que a pessoa vai morar, de acordo com sua condição de saúde. Na SBA, existem três áreas distintas para três tipos de pacientes: independente, parcialmente dependente e totalmente dependente. O primeiro pode ter sua própria residência e autonomia, o segundo costuma ficar em apartamentos com cuidadores, o terceiro, que demanda a intervenção da equipe de saúde de forma mais constante, fica em um quarto com atendimento hospitalar 24 horas. *"A avaliação de admissão é justamente para determinar qual o melhor lugar para receber o novo morador"*, diz a Dra. Daniela.

Passeio lúdico no carrinho

A grande área verde do Residencial é um diferencial que beneficia a todos, moradores e funcionários, e foi um dos aspectos que encantou a Dra. Daniela, quando começou a trabalhar na SBA, há 11 anos. *"Do portão, a gente não imagina que tem um espaço tão grande, com tantas árvores. Para a um geriatra isso é um sonho, porque permite que os idosos independentes tenham sua autonomia preservada, e que aqueles com quadros de saúde mais complexos desfrutem do contato com a natureza."*

Entre os idosos mais agitados, ela conta que caminhar com eles pelas alamedas floridas ajuda a acalmar. Na realidade particular de alguns, quando a memória se mistura à fantasia, a médica relata que, durante a caminhada, eles imaginam que estão voltando do trabalho para casa. Nessas horas, é comum a equipe acionar o lado lúdico e chamar o Seu Zé, motorista do carrinho elétrico que transporta os moradores para lá e pra cá. *"Ele leva a pessoa para passear no carrinho, dá uma volta em toda a instituição e no final ela ainda agradece a carona 'do trabalho' para casa"*, conta a médica.

É claro que existem comportamentos mais complicados de contornar. *"Quando falamos em demência, todos os casos são complexos"*, ressalta a Dra. Daniela. Há aqueles que se tornam agressivos e precisam de medicação específica. Mesmo assim, tenta-se identificar o que gerou a agressividade. *"Usamos a comunicação não verbal, com gestos, como abaixar para falar com a pessoa olho no olho, e não de cima para baixo, para não demonstrar autoridade. Costuma funcionar."*

O susto da pandemia

Esse olhar individualizado também ajudou a instituição a atravessar um dos períodos mais difíceis de sua existência: a pandemia da Covid-19. Quando foram divulgados os primeiros casos na China e na Europa, em janeiro de 2020,

instalou-se um comitê de crise. *"Montamos uma verdadeira missão de guerra aqui dentro"*, lembra a dra. Daniela.

Com a consultoria dos infectologistas do Hospital Alemão Oswaldo Cruz, foram definidos os protocolos de atendimento e isolamento. Os dois primeiros casos da doença surgiram quase ao mesmo tempo, em março de 2020, e as duas moradoras foram encaminhadas ao Hospital Albert Einstein. Uma delas se recuperou, a outra, que estava em cuidados paliativos, faleceu.

O isolamento rigoroso mudou completamente a rotina dos moradores. *"Tivemos que reforçar o apoio psicológico, pois era um lugar cheio de vida, em que todo mundo vivia do lado de fora, fazendo mil atividades."* O contato com os familiares passou a ser por chamadas de vídeo.

Em junho daquele ano, a tradicional festa junina ganhou uma versão itinerante, com um sanfoneiro passando em frente às janelas, para trazer um pouco de alegria. Os terapeutas ocupacionais se desdobraram para propor atividades ou deixá-las como "tarefas", nos quartos, a fim de que os idosos pudessem se manter ocupados. Com o tempo e a chegada da vacina, em janeiro de 2022, a situação foi melhorando, e o saldo de perdas foi menor do que se podia esperar. Ao longo de três anos de pandemia, ocorreram 9 óbitos ligados à Covid. *"É uma estatística incrível, quando comparada a lares para idosos que viveram uma catástrofe"*, avalia a médica.

Lidar com a finitude

O lado mais difícil do trabalho com idosos, de acordo com a Gerente de Saúde da SBA, é justamente lidar com a finitude, seja ela por qual doença ou razão. *"Quando alguém parte, toda a equipe sofre, pois estabelece-se um vínculo forte com a pessoa, com os familiares."*

A média de idade dos moradores, em 2023, é de 86 anos. Em geral, a essa altura da vida, a geriatra afirma que a maioria encara a morte como algo natural. *"O problema maior é sofrer ou perder a autonomia. Eles trazem muito isso: 'Não tenho medo de morrer, já tive filhos, netos, bisnetos, só não quero perder o poder de decidir o que quero da minha vida.'"*

Quando se trata de alguém com um grau de demência em fase final, é raro que ele consiga comunicar algum desejo. Mas há os que acabam sendo paliativos por outras doenças, mantendo a total lucidez, e que seguem no controle, opinando até mesmo sobre o próprio tratamento.

É o caso da Sra. Loredana, nonagenária e lúcida, que tem um problema cardiológico e extrema dificuldade para andar. À parte disso, vive conectada na internet e emenda longas conversas com a filha, que vive nos Estados Unidos. Seu discurso para os médicos e terapeutas costuma ser o seguinte: *"Não quero*

ninguém do meu lado 24 horas, sou lúcida e posso escolher, se quiser tomar esse remédio eu tomo, se não quiser não tomo, foi assim a vida inteira assim será até o fim".

"É uma moradora com quem temos que gastar muita saliva para convencê-la de algo com o qual não concorda, quando é para o seu bem", diz a dra. Daniela. A vontade do idoso, desde que tenha lucidez, costuma ser levada em conta, desde que ele seja bem-informado das consequências de suas decisões. "Graças a essa maneira de ser, a Sra. Loredana consegue sentir alguma autonomia e ficar feliz, mesmo dentro de sua limitação", diz.

O direito de escolha acompanha o morador em todas as etapas. Um dos pilares básicos do cuidado centrado na pessoa, afinal, é o respeito. *"Se vamos visitar o morador, ou realizar algum serviço, marcamos horário, batemos na porta, pois identificamos o lugar como sendo o espaço dele."*

Nos momentos mais delicados, em se tratando de cuidados paliativos, a atenção aos detalhes é redobrada. *"Quando o idoso sabe que sua partida se aproxima, por exemplo, tentamos deixá-lo decidir com quem quer conversar para se despedir, quais acordos deseja estabelecer com a família. Ou, se perdeu a lucidez, falamos com seu tutor para saber quais eram seus desejos, com base nos seus princípios."*

Medicina da longevidade

Na rotina da instituição, para proporcionar a melhor qualidade de vida possível para cada morador, a assistência médico-terapêutica da SBA se baseia na medicina da longevidade. Nessa abordagem, alimentação, exercício físico e atividades de socialização são essenciais para manter a saúde estável e prevenir doenças. Além da alimentação equilibrada e balanceada, os moradores contam com uma agenda diversificada de atividades físicas, individuais ou em grupo. Tem grupo de caminhada, circuito funcional, alongamento, relaxamento, meditação, entre outros, e um espaço de fisioterapia de ponta, que inclui aparelhos de musculação, para garantir a saúde de ossos, músculos e articulações.

Os eventos internos e passeios também colaboram para manter a atmosfera viva e vibrante. As festas temáticas, os famosos encontros de Queijos e Vinhos, as saídas para concertos na Sala São Paulo ou as viagens para a praia do Guarujá costumam ser concorridas. *"Nas atividades internas, todos se encontram e muitas vezes os pacientes lúcidos ajudam os que têm mais dificuldades", comenta a Dra. Daniela.*

"O ponto fundamental é enxergar o potencial de cada idoso e fazer com que as pessoas que chegam aqui se sintam seguras e tenham um dia a dia agradável", diz o Presidente da SBA. Argentino, com formação na Alemanha e passagem por

diversas empresas alemãs, Julio Kampff tem um jeito brincalhão, mas fala sério ao considerar, no futuro, tornar-se um morador do Residencial: *"Eu e minha esposa, quem sabe, vamos precisar de uma instituição como essa."*

Para a Dra. Daniela, o cuidado centrado na pessoa faz parte do DNA da Sociedade Beneficente Alemã desde a sua fundação, ainda que de forma espontânea, numa época em que ainda não havia nomenclaturas. Ela acredita que essa é a razão da vitalidade da entidade ao completar 160 anos. *"Ao longo do tempo, esse modelo de assistência foi sistematizado, ficou menos amador, mais profissional, mas nunca perdemos a essência de cuidar das pessoas dessa forma, honrando a individualidade e a trajetória pessoal de cada ser humano."*

Propósito e Governança – A importância dos valores a longo prazo

"A longevidade, tanto da vida como nas instituições, se dá através de propósito e Governança", diz Nina Plöger, Diretora da Comunicação e Marketing da SBA. Em 2014, Nina começou a atuar como voluntária, organizando eventos para angariar fundos e apresentando a SBA a possíveis doadores. Dois anos depois, em 2016, quando sua mãe idosa precisou de cuidados especiais, ela teve a chance de vivenciar o outro lado – o de filha de moradora – o que só fez crescer sua admiração pela instituição.

"Foi uma tranquilidade, pois eu sabia que a SBA estava preparada para acolhê-la, sabia do amor que dedicam a seus residentes. O sorriso dela quando Henriqueta²⁰ entrava no quarto, era a prova de que estava no lugar certo. Lembro-me das festas juninas, daquela alegria, com muita gente. Minha mãe adorava fazer parte dessas atividades", diz ela.

Um dos pilares da Governança da Sociedade Beneficente Alemã é a transparência. A entidade conta com uma Diretoria e um Conselho que se reúne regularmente para discutir os assuntos relacionados à gestão. Em 2019, Nina assumiu a Diretoria das áreas de Comunicação e MKT. *"Gosto de ajudar o máximo que posso, sempre visito o Residencial e o Girassol com empresas e famílias, para apresentar a nossa proposta e as pessoas se encantam com o que vêm."*

²⁰ Henriqueta Seuthe Puka, então coordenadora de Hospitalidade da SBA, que conta sua trajetória no Capítulo 2.

Esse encantamento, segundo ela, é a grande recompensa do trabalho, que segue sendo voluntário. "Meu retorno é quando levo pessoas no SBA Residencial e SBA Girassol e elas ficam impressionadas com a estrutura e a competência da Instituição. Este é maior reconhecimento de que estamos fazendo certo, é claro, sempre com muito a aprender, mas que temos expertise e que temo muito a oferecer nesta nova fase da jornada de um ser humano. Tenho orgulho em poder ajudar nossos idosos e nossas crianças do Girassol", diz.

A seguir, Nina Plöger fala sobre os desafios do presente, com o olhar para o futuro de quem testemunhou diversas fases da instituição, destacando o propósito como valor maior da Governança.

"O caminho da SBA, nestes 160 anos, foi trilhado com muitos percalços. A última década, especialmente, foi de extrema turbulência, tivemos crises, pandemia, guerras, o que destacou a necessidade de uma estrutura de Governança corporativa, precisamos ir além do propósito e dar respostas em um novo ambiente de sustentabilidade com responsabilidade."

Acreditamos que um modelo de Governança orientado por propósitos, com objetivos institucionais claros, ajuda clientes e colaboradores a entender a visão, missão e valores da instituição. Além disso, os impactos ambientais e sociais devem ser incorporados à nossa agenda norteadora. É essencial que a alta administração e a gestão colaborem e forneçam respostas significativas às questões desafiadoras para colocar o idoso como centro de todo processo.

Para promover o desenvolvimento de longo prazo, os gestores precisam adotar uma mentalidade estratégica e empreendedora. Para além da gestão executiva, os membros do Conselho e da Diretoria apoiam a equipe administrativa no pensamento estratégico e no espírito motivador, equilibrando propósito e resultado, o que é essencial para levar ao caminho do desenvolvimento contínuo.

Aprendemos a importância da criação de valor a longo prazo, da reputação gerando confiança do idoso que tratamos e também das famílias como maior patrimônio de uma instituição, em um país pressionado por uma estrutura, burocrática e tributária das mais complexas do mundo, a SBA precisa estar alinhada às expectativas da sociedade, das estruturas legais.

A SBA reavalia seus objetivos com discussões sobre o objetivo principal da instituição e a forma de garantir que ele seja incorporado à estratégia de longo prazo da empresa.

Por isso, temos discussões constantes sobre o objetivo principal da SBA, de forma a reavaliá-los e fazer ajustes, garantindo que ele esteja alinhado à estratégia de longo prazo da instituição.

Envelhecer no Brasil é caro, o mundo está estruturado para sermos felizes enquanto somos jovens, e quando chegamos à velhice e precisamos de maior atenção, remédios, tratamentos, tudo se torna mais difícil, pois a fase de abundância financeira ficou para trás e inicia-se uma nova etapa. A SBA é um alívio aos que tem mais recursos, infelizmente não podemos ter 100% beneficência no Residencial, temos de vagas sociais, a concessões em tratamentos, pelo custo elevado para cuidados ao idoso, isto é um desafio para SBA e para toda sociedade. Já no Girassol os beneficiados são 100% sustentados. O princípio de Robin Hood, em que os que podem ajudam aos menos favorecidos é realizado de maneira singela, sem alardes, na beneficência silenciosa do amor ao próximo. "

[Depoimento 4]

Vivências inspiradoras

"O bem-estar começa em nós mesmos"

Leda Cruz Gatto

(Santos, SP, 10.08.1929 - Data de falecimento desconhecida. Sabe-se apenas que ela deixou a SBA em 10.03.2017)

Alegre e agregadora, Dona Leda decidiu morar na SBA depois de uma grande decepção com uma empregada de confiança que furtou suas jóias. "Ficou cada vez mais difícil encontrar pessoas em que pudesse confiar para cuidar de mim", conta ela, em seu depoimento. Nos anos que viveu na instituição, gostava de cantar e cozinhar. Seus quitutes deixaram saudade. "Era uma pessoa fantástica!", lembra Thomas Polisaitis. "Todos os meses ela ia para a cozinha, fazia um bolo e depois do almoço convidava o gerente de enfermagem, os enfermeiros, a médica, o pessoal do atendimento, do marketing, todo mundo, para se juntar e ela oferecer o bolo que tinha preparado", lembra ele.

"Minha família é de Santos. A avó por parte de mãe emigrou da Noruega e o avô por parte de pai era português. Porém, suas origens nunca foram um tema relevante. Já a música, sim, tinha um papel fundamental na família. Meu pai, Luiz Gomes Cruz, era compositor, dirigente e professor de música. Eu mesma estudei piano no conservatório e aprendi violão para tocar as músicas do meu pai.

Profissionalmente, entretanto, tomei outro rumo. Depois que terminei a escola, trabalhei, a partir dos 17 anos, na Prudência Capitalização e depois como secretária em uma organização que antecedeu à seguradora social brasileira INSS

(Instituto Nacional do Seguro Social). Em Santos, havia repartições próprias para o porto e o setor de transporte. Foi lá que eu trabalhei.

No ano de 1954, acabei participando de um processo seletivo no Banco do Brasil, que resultou em minha mudança para o Banco, onde fiquei por 12 anos. Ali, também conheci, depois de alguns anos, o meu marido. Nos casamos em 1963. Tivemos dois filhos, que levaram adiante a tradição musical e artística. Um deles vive e trabalha como ator em São Paulo. Meu outro filho acabou indo para São José dos Campos.

Antigamente, vivíamos muito felizes em uma casa grande em Santos. Depois que meu marido morreu em 1998, meus filhos sugeriram que nos mudássemos para um apartamento, pois uma casa grande acaba dando muito trabalho, mesmo com empregados. Porém, a casa era a minha vida. Uma mudança para um apartamento não era para mim algo a ser considerado. Expliquei aos meus filhos, portanto, que eu ficaria nesta casa até o fim da minha vida e eles aceitaram.

Certo dia, li um relato interessante sobre o Lar Recanto Feliz, mas não dei muita atenção, pois naquele momento queria permanecer na minha casa.

O ser humano passa por diferentes fases na vida. A última fase na minha casa foi muito difícil, pois tive que lutar com restrições. Minha artrite reumatoide, que se manifestava especialmente nas mãos, dificultava demais a minha vida.

Naquela época, eu tinha uma empregada que esteve comigo durante três anos. Quando ela foi embora, levou com ela todas as minhas jóias. O que me feriu não foi a perda material, pois não dou grande valor a essas coisas. Importava muito mais ter perdido objetos de recordação de grande valor emocional. A isso se somava o choque de que uma pessoa que viveu comigo sob o meu teto, que foi tratada como um membro da família, tenha sido capaz de fazer uma coisa dessas.

Essa grande decepção me fez refletir sobre como eu conseguiria no futuro admitir pessoas em minha casa e confiar nelas; pessoas de cuja ajuda, por motivos de saúde, eu dependia. É verdade que, quando alguém se candidata, recebemos seus documentos, mas eles podem ser falsos. Minha confiança tinha sido quebrada.

Eu sabia que não poderia mais viver sozinha, já que meus filhos levam suas vidas em suas próprias casas e comecei a refletir. Neste momento, me veio novamente à memória a reportagem sobre o Lar Recanto Feliz. Como eu não me lembrava de detalhes, pedi ao meu filho que desse uma olhada na internet, entrasse em contato

com a organização e agendasse uma visita. Eu queria, a todo custo, ver o lugar, e isso foi possível depois de pouco tempo.

A iniciativa partiu exclusivamente de mim, pois eu nunca quis que meus filhos se sentissem responsáveis por mim ou até mesmo culpados. Jamais deveria chegar o momento em que eu experimentaria o sentimento de rejeição, mesmo que ele fosse subjetivo.

Quando estive com meu filho no Lar, soube que gostaria de viver exatamente aqui. A bela instalação, o verde abundante, as diversas possibilidades de moradia e a boa atmosfera me convenceram imediatamente.

Eu estava disposta a passar pelo tempo de espera com prazer. Quando, depois de quatro meses, finalmente recebi a notícia de que uma vaga havia sido liberada, reparti tudo entre meus filhos ou vendi – com exceção de alguns móveis e coisas pessoais – e me mudei da minha casa.

Até minha mudança eu fiquei em uma clínica, em Santos, perto de minha casa. Hoje eu vivo aqui, tenho minha caderneta de poupança e alguns objetos de recordação que me permitem viver bem. Não preciso mais me preocupar com a venda de minha propriedade, com seu aluguel ou com inquilinos inadimplentes. Isso pode ser opressivo e trazer consigo pensamentos sombrios. Para mim não há razão para estar triste. Nada mais que me sobrecarregue. Agora eu sou livre!

Antes de vir para cá eu não conhecia ninguém que vivia aqui. Mas isso também não era importante. Tudo, inclusive o sentir-se bem, começa em nós mesmos. Eu sou uma pessoa muito positiva. Se eu me sentir bem, então tudo vai ficar bem. Se alguma coisa não está bem devemos procurar em nós mesmos e não em outras pessoas ou mesmo responsabilizar as circunstâncias.

Eu valorizo a grande variedade de ofertas aqui, que eu aproveito intensamente. As atividades culturais me fazem especialmente feliz, sejam elas o cantar em coro ou os espetáculos musicais dentro ou fora do Lar. A música é fundamental para mim, não existe nada mais belo. Se há um coro aqui, o que é frequentemente o caso, eu canto junto, dependendo da ocasião, alto ou baixo. Eu tenho um vasto repertório.





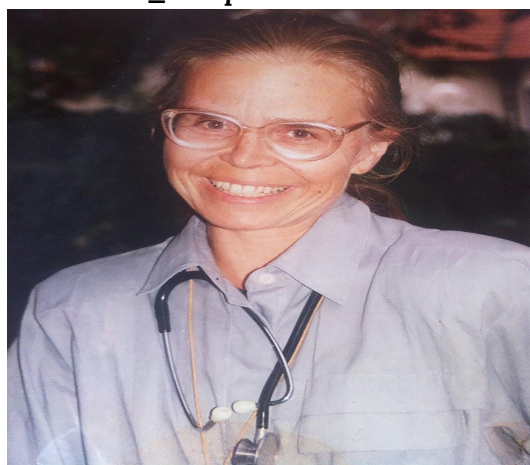
1863_1863_Fundação da Sociedade Benficiente Alemã



1939_ Grupo de moradores



1925_Mudança para a área de 27mil m2_lar recanto feliz



1988_Dra Helga Mickenhagen



1998_Lar Girassol incorporado ao SBA e atendimento Profissionalizante de crianças



2003_Inauguracao do Centro



**1998_ Retaguarda Acácias
leitos**



2013_ ed Edelweiss unidade de transicao com 10



2018_ Visita da Rainah Silvia Hemmet e inauguracao do ReHabitat



Quando meu filho participou da apresentação “Um violinista no telhado”²¹, fomos em grupo ao teatro para assisti-lo. Uma experiência realmente bela. Eu sou feliz aqui, desfruto do calor humano, que é bem grande, e sei com toda certeza de que fiz a escolha certa para minha vida. Perfeição é um estado inalcançável, porém, a SBA está distante disso apenas por milímetros.”

²¹ “Fiddler on the Roof” é um musical baseado no romance iídiche “Tewje, der Milchmann” de Scholem Alejchem. O título do original inglês deriva do quadro de Marc Chagalls “Fiddler on the Roof”. Em São Paulo o musical foi exibido com o título “Um Violinista no Telhado” de 16 de março a 15 de julho de 2012. Na Alemanha ele é apresentado com o título “Anatevka”. (diversas fontes).

Capítulo 5

Personalidades marcantes

Presidir a Sociedade Beneficente Alemã é abraçar uma causa altruísta. Trata-se de uma atividade voluntária, pois o cargo não envolve remuneração e sim muito trabalho e dedicação –o que dá a dimensão do tamanho da doação e do comprometimento de quem decide aceitá-lo.

Em 160 anos de existência, 24 presidentes marcaram a trajetória da SBA, desde a sua fundação, em 1863. Neste capítulo, vamos conhecer seis imigrantes que comandaram a instituição a partir de 1959.

Heinz Hellner, Wilhelm K. Endlein, Karlheinz Pohlmann, Hans Christian Junge, Alexander E. H. Ufer e Gunter W. Kreinberg, seis imigrantes alemães presidiram a organização, até a posse da presidência do brasileiro de origem alemã Ingo Plöger, em 2008, que dirigiu a Sociedade Beneficente até o ano do jubileu, celebrado em 2014. Em abril daquele mesmo ano, Weber Ferreira Porto, brasileiro, assumiu a presidência, onde ficou até 2020, para então passar o bastão para o argentino Julio Muñoz Kampff.

Mesmo não sendo imigrantes, esses três últimos nomes possuem raízes ou forte ligação com a Alemanha, por ascendência, formação ou carreira. Antes de 1959, a instituição teve 16 presidentes, boa parte deles entre os fundadores da SBA, mas há apenas fragmentos de informações que levam a um breve perfil desse grupo.

Das personalidades marcantes aqui retratadas, alguns dos ex-presidentes puderam falar por si, lembrando os desafios e as realizações de cada período de seus mandatos. Para traçar um retrato dos que não estavam mais presentes, parentes e amigos deram seus testemunhos. Sendo assim, Hartwig Hellner, um dos filhos de Heinz Hellner, conta como ele vivenciou a presidência de seu pai.

Em seguida, o Dr. Klaus Reiprich²², membro da Diretoria de 1970 a 1997, homenageia Heinz Hellner, aquele que foi o presidente com mais tempo de serviço até o momento, com 25 anos de dedicação à SBA. Wilhelm K. Endlein e Hans Christian Junge também são lembrados por Reiprich. Ingo Plöger, Weber Ferreira Porto e o atual presidente, Julio Muñoz Kampff, dão seus testemunhos em outros capítulos desta publicação.

²² Dr. Klaus Reiprich (23.08.1928) vive desde 1997 novamente na Alemanha.

Heinz Hellner - O hábil captador de recursos

(Breslau, 23.12.1905 – São Paulo, 09.02.1991)

Imigração para o Brasil: 1934

Membro da Diretoria de 1954 a 1958 e Presidente de 1959 a 1985

Aos 5 anos de idade, o menino Hartwig Hellner já acompanhava seu pai, Heinz Hellner, nas visitas à Sociedade Beneficente Alemã. *"Isso aqui era um sítio, a rodovia Raposo (Tavares) tinha uma pista só. Havia uma criação de porcos e um salão para homens e outro para mulheres. Uma espécie de alojamento, humilde, que abrigava as pessoas que não tinham para onde ir", lembra ele.*

Aos 80 anos, sentado em uma das cadeiras da biblioteca do prédio que leva o nome do seu pai, ele tenta resumir seu sentimento ao revisitar o Residencial. *"Eu me sinto honrado sempre que venho aqui", diz, pouco depois de passar pela Recepção, em que o nome Heinz Hellner reluz em uma placa prateada. "Todo sábado de manhã, era sagrado, meu pai vinha até o Lar. Isso durante anos, nas décadas de 1970 e 80, trabalhando por melhorias e buscando solução para quem não podia pagar a estadia. Ele era um bom captador de recursos, várias casas e edifícios foram construídos com doações que ele conseguiu", diz.*

Três anos depois que seu pai deixou de presidir a SBA, o ano de 1988 entrou para história da instituição como o ano da inauguração do Lar Heinz Hellner. A cerimônia foi realizada em 6 de maio, no Clube Transatlântico, por ocasião dos 125 anos da Sociedade Beneficente Alemã. Seu significado foi enobrecido de uma maneira especial pela presença do embaixador da República Federal da Alemanha, Dr. Heinz Dittmann.

No dia seguinte, 7 de maio de 1988 – novamente na presença do embaixador e das representações consulares da Áustria e da Suíça, assim como de inúmeros convidados – realizou-se a festa de inauguração do novo Lar Heinz Hellner. Nos cerca de 6.000 metros quadrados surgiram – ao lado da área residencial e de tratamento – 45 apartamentos para idosos e seis apartamentos residenciais, além de uma moderna lavanderia, quartos para funcionários, uma biblioteca e um auditório com 150 lugares.

O espaço devocional construído sobre o hall de entrada é adornado por um grande vitral circular de dois metros projetado por Lorenz Heilmeyer. A

impressionante janela que simboliza o ciclo da vida e dos anos logo se tornou o símbolo do lar para idosos.

Com a transferência de todos os idosos do antigo Lar Übele, o novo Heinz Hellner foi posto em operação em 21 de julho de 1988. Até o fim do ano, mais de dois terços da sua capacidade estava ocupada.

Filho do meio entre cinco irmãos, o sr. Hellner foi bancário em Hamburgo, na juventude, e no Brasil assumiu a Hellner Corretagem de Seguros, fundada por seu pai. Ele destaca que o caráter beneficente da SBA foi se transformando, também por conta da redução da colônia alemã no país. *"O número de alemães em São Paulo foi diminuindo. A geração do meu pai faleceu, empresas que contratavam alemães, que vinham de mala e cuia para cá, passaram a treinar e contratar profissionais que já vivem aqui, para reduzir custos"*, avalia ele.

Atualmente, o sr. Hellner colabora como doador da SBA Girassol e ainda vê no Residencial um ponto de encontro, quando acontecem as festas temáticas e confraternizações, em que procura estar presente. *"Difícil falar, mas a gente sente orgulho de ter tido um pai que realizou tanto. Era como se a SBA fosse dele, ele vivia para isso daqui"*, diz.

Hartwig Hellner sobre seu pai Heinz Hellner:

"O pai do meu pai, meu avô, era um alto funcionário do correio e era frequentemente transferido. Meu pai, Heinz, na verdade, nasceu em Breslau, mas, devido às transferências, passou a infância em Minden, Colônia e Erfurt.

Naqueles tempos economicamente ruins, não era algo concebível possibilitar um estudo para todos os cinco filhos (Klaus, Wiebke, Wilfried e Thomas, além de Hartwig). Sendo assim, depois de terminar a escola, meu pai foi para Hamburgo, em 1924 deu início a uma formação em um navio-escola e frequentou a escola naval. Ele tinha uma patente de capitão que se chamava A6²³.

Ao todo, ele viajou pelo mar, de 1924 a 1934. Neste último ano, ele era o Quarto Oficial em um navio do norte alemão da Hamburg Süd com o qual fez o trecho Hamburgo – Buenos Aires. Ele então tirou licença por um ano e desembarcou em Santos, em 1934.

²³ A6: Capitão em grande percurso. Até 1970 haviam patentes para marinheiros. Estas eram diferenciadas em patentes A para náuticos (oficiais e capitães), patentes B para a pescaria e patentes C para o serviço de máquinas. Elas abrangiam cinco (patentes B) e seis níveis (patentes A e C), com crescente grau de desenvolvimento e experiência do portador. (<http://de.wikipedia.org/wiki/Bef%C3%A4higungszeugnis>)

O começo no Brasil foi muito difícil, pois ele não sabia a língua. Meu pai, na verdade, nunca mais voltou ao mar, mas a primeira aquisição que ele fez foi um barco. Naquela época, ele ainda não tinha nem carro nem casa. Seu barco '15m-Rennjolle' ficava no YCSA (Yacht Club Santo Amaro). Neste clube, fundado em 1930, ele entrou imediatamente após a sua chegada ao Brasil.

Profissionalmente, meu pai começou com seguros. Ele trabalhou como freelancer para um corretor – ele nunca teve colocação fixa. Como não dominava a língua, procurava nomes alemães na lista telefônica. Então visitava essas pessoas e tentava lhes vender seguros.

Depois de fazer isso durante um ano, ele teve sorte, pois havia uma seguradora alemã que tinha uma filial aqui – a National-Versicherung Stettin²⁴. O homem que trabalhava para a seguradora no Brasil, por alguma razão, sumiu de um dia para o outro. Procurou-se um sucessor ad hoc. Meu pai se candidatou à vaga, foi contratado e assumiu a filial. Naquele tempo era permitido por lei ser corretor e, ao mesmo tempo, trabalhar como segurador. Seu trabalho para National-Versicherung Stettin terminou em 1942.

Com a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, as firmas alemãs foram confiscadas, a National-Versicherung Stettin também. Meu pai foi até mesmo preso pelo governo Getúlio Vargas. Ele deveria, por fim, entregar a empresa ao, assim chamado, interventor que havia sido designado pelo governo para assumir a empresa ou liquidá-la. Depois de duas semanas de prisão, ele foi liberado da cadeia pela manhã, para entregar à seguradora. À noite, deveria voltar para trás das grades. Ele, no entanto, se recusou e conseguiu – não se sabe como – permanecer livre.

O nome do meu pai então ficou na 'lista negra', o que fez com que ele tivesse que lutar durante muito tempo com problemas econômicos. Foi um tempo difícil, pois na época alemães eram vistos com uma desconfiança generalizada. É claro que, por outro lado, é necessário ver que alguns contemplavam os desdobramentos na Alemanha à distância de maneira indiscriminada.

Meu pai não desistiu e manteve-se firme. Mas não foi fácil, pois em parte ele não podia nem mesmo pagar o aluguel.

Não posso dizer exatamente quando meu pai começou a se engajar em prol da Sociedade Beneficente Alemã. Mas ainda criança pude testemunhar como ele se dedicava a isso praticamente de corpo e alma. A Hellner Corretagem de Seguros ficava, até 1974 – até nos mudarmos para o nosso prédio atual – no centro da

²⁴ Vergl.: <http://www.schoene-aktien.de/wertpapier-GP03631.html>

cidade, praticamente em frente à atual prefeitura na Rua Líbero Badaró 158, no nono andar.

Na época, nossa firma era como uma filial da Sociedade Beneficente. Todos os dias vinham alemães necessitados até nós e expunham seus sofrimentos. Muitos deles haviam malogrado na cidade, perdido tudo que tinham para sobreviver e passavam por necessidade financeira. Essas pessoas eram, então, temporariamente acolhidas no lar, para que tivessem pelo menos um teto sobre a cabeça, até encontrarem trabalho e moradia novamente.

Algumas vezes – aí eu já estava um pouco mais velho – eu também era envolvido, pois eu precisava levar as pessoas que procuravam ajuda até o lar. Quando mudamos o escritório de lá, as pessoas não vieram mais à nossa firma.

Na época, e disso eu ainda me lembro com exatidão, toda quarta-feira tinha reunião da Diretoria. A Sociedade Beneficente tinha na época um escritório na Rua Maria Antônia 113, perto da Praça Roosevelt. Lá também eram recebidos os necessitados, até que o escritório da cidade foi dissolvido.

Todo sábado meu pai dirigia até o lar para idosos para lá resolver todas as tarefas que surgissem. Minha mãe sempre o apoiou em todos os aspectos e era muito compreensiva com o seu engajamento humanitário tão marcante.

Na vida do meu pai, a fronteira entre profissão e trabalho voluntário era tênue: ele era um vendedor de nascença e tinha o dom de poder lidar muito bem com pessoas. E usou esse talento: fazia propaganda para a Sociedade Beneficente em seu círculo de clientes e muito além dele. Ele conhecia, por exemplo, os Weiszflog e conseguiu que a família possibilitasse a construção de uma casa que levou então o nome deles. Da mesma forma, deu-se a construção do Lar Übele, o Lar Stickel e a capela.

Também muitos dos pequenos chalés foram construídos enquanto meu pai dirigia a Sociedade Beneficente. Não me lembro de nomes isolados, mas uma pessoa, por exemplo, que precisava arranjar uma hospedagem para a sogra, já que esta não podia mais ser cuidada pela família, veio até meu pai. Meu pai estava pronto a ajudar – sob a premissa de que a família assumisse os custos pelo chalé. Dessa forma foram construídas muitas moradias e chalés, financiados por pessoas que precisavam hospedar seus parentes. Com os recursos gerados, ele também ampliou o lar que começou a se transformar com essas medidas.

Até então, um terço dos moradores eram pessoas necessitadas que viviam no terreno do Butantã totalmente de graça. Além deles, havia outros que possuíam uma aposentadoria que eles entregavam pelo seu acompanhamento integral.

Havia ainda aqueles que eram ricos e precisavam pagar mais a fim de que se pudesse receber os pobres que não tinham nada. Os ricos faziam com que o trabalho de caridade fosse possível. Meu pai tinha isso como justo. O foco mudou hoje em dia. A SBA há muito tempo não é mais uma 'casa para pessoas pobres'. Hoje, o nível é bem elevado – com uma oferta claramente mais ampla, também na área médico-terapêutica.

Então, ocorreu mais um desdobramento durante os mais de 25 anos em que meu pai foi presidente. Frequentemente vinham idosos até ele que não tinham filhos e que não podiam mais viver sozinhos. Muitas dessas pessoas possuíam imóveis e, sendo assim, meu pai fazia a seguinte oferta: eles entregariam seus imóveis à Sociedade Beneficente e em troca lhes seria concedido o direito de morar no lar para idosos por toda a vida.

Mais de 150 imóveis foram deixados para o lar nesses anos. Muitos desses imóveis encontraram-se sob posse da Sociedade Beneficente durante anos, até que finalmente – também por causa de mudanças nas leis do inquilinato – uma grande parte foi vendida e com isso os lucros ficaram à disposição. A Sociedade Beneficente ia bem. Meu pai conseguiu, através de diferentes medidas, proteger a organização de crises financeiras maiores.

De um acontecimento eu ainda me lembro com muita clareza: Em 1964 o presidente Heinrich Lübke²⁵, juntamente com sua esposa, visitou o Brasil. O cônsul geral, Gottfried von Nostitz²⁶ sabia que meu pai possuía, entre outros, um belo Chrysler 57 preto. Um carro que ele havia comprado para minha mãe (Edeltraud Hellner). No Brasil dirigia-se na época automóveis americanos. Assim, o cônsul perguntou se ele poderia com o carro ajudar a transportar em São Paulo os importantes convidados da República Federal alemã. Ele concordou, mas sob a condição de que o carro fosse dirigido por seu filho, no caso eu, pois ele não queria dar o veículo nas mãos de algum chofer.

Eu fui então encarregado de ser o chofer daqueles senhores e senhoras. O próprio presidente Lübke foi recebido por Ademar de Barros²⁷, o governador. Eu transportei, portanto, as damas, inclusive minha mãe. Wilhelmine Lübke²⁸ até se

²⁵ Heinrich Lübke (Enkhausen, 14.10.1894 – Bonn, 06.04.1972) foi Ministro da Alimentação, Agricultura e Floresta de 1953 a 1959 e o segundo presidente da República Federal da Alemanha de 1959 a 1969. Sobre a visita de Lübke ao Brasil: http://www.brasil.diplo.de/Vertretung/brasilien/pt/___pr/Nachrichten_20Archiv/140_20Bilaterale_20Beziehungen.html

²⁶ Gottfried von Nostitz-Drzewiecky foi cônsul geral em São Paulo de 1957 a 1964.

²⁷ Veja: <http://educacao.uol.com.br/biografias/adhemar-de-barros.jhtm>

²⁸ Wilhelmine Lübke, nome de batismo Keuthen, (Ramsbeck, 09.05.1885 – Bonn, 03.05.1981) era a esposa do presidente alemão Heinrich Lübke. [...]. Primeiro ela foi professora em uma vila, mas a partir de 1911 estudou matemática, germanística e filosofia em Münster e passou a lecionar como professora efetiva no liceu Franziskus-Oberlyceum em Berlim. Ela conheceu Lübke em Berlim. Os dois se casaram em 1929. (Veja também: <http://www.munzinger.de/search/go/document.jsp?id=00000007835>)

lembrava dela, pois minha mãe havia terminado a escola em Berlim como aluna da senhora Lübke. Conosco, também estavam a esposa de Ehrenfried v. Holleben²⁹ e a esposa do cônsul geral. Acredito que a mulher do embaixador³⁰ também estava conosco, mas não tenho certeza.

Nós atravessamos São Paulo – acompanhados por muitos policiais de motocicletas. Para mim isso foi, é claro, uma coisa extraordinária. Meu pai guiou Wilhelmine Lübke e as outras damas pelas instalações da Sociedade Beneficente Alemã. As damas ficaram encantadas e louvaram o lar como exemplar.”³¹

Em reconhecimento aos seus grandes méritos na construção da Sociedade Beneficente Alemã, meu pai, Heinz Hellner foi agraciado no ano de 1972 com a Cruz Federal de Mérito de 1ª classe³².

Meus votos pelos 160 anos de existência da Sociedade Beneficente Alemã:

“Que a Sociedade Beneficente possa durar mais 160 anos e – na acepção de seus fundadores – jamais deixe de ser uma sociedade beneficente.”³³

Dr. Klaus Reiprich sobre Heinz Hellner:

“Graças ao esforço incansável de Heinz Hellner para ganhar instituições e heranças em benefício da Sociedade Beneficente Alemã é que surgiram as inúmeras unidades residenciais que dão ao lar o tão apreciado caráter de uma vila.

Seu sonho era a construção de um centro cultural alemão no qual o Consulado Geral da Alemanha, o Instituto Goethe, a Câmara de Comércio Brasil-Alemanha e o Clube Transatlântico estivessem unidos sob um mesmo teto e cuja renda do aluguel deveria ser revertida em favor da segurança financeira da Sociedade Beneficente Alemã.”³⁴

²⁹ Ehrenfried v. Holleben foi cônsul geral em Glasgow na Escócia de 1953 a 1956. Em seguida foi transferido para o departamento de protocolos em Bonn onde mais tarde foi promovido a chefe de protocolos e por, conta disso, acompanhou o presidente Heinrich Lübke em sua viagem ao exterior. De 1966 a 1970 ele ocupou o cargo de embaixador da República Federal da Alemanha no Rio de Janeiro. (http://de.wikipedia.org/wiki/Ehrenfried_von_Holleben). O nome de sua esposa é Isa von Scheliha (Breslau, 12.11.1917), viúva Freifrau Hiller von Gaertringen.

³⁰ O embaixador da República Federal da Alemanha no Rio de Janeiro naquele momento (1962-1966) era Gebhard Seelos (1901 - 1984).

³¹ Entrevista realizada em 11.07.2013 (por Esther K. Beuth-Heyer)

³² Citação de: Dr. Klaus Reiprich. *Chronik des Deutschen Hilfsverein von São Paulo 1863 – 2003*

³³ Entrevista realizada em 11.07.2013 (por Esther K. Beuth-Heyer)

³⁴ Citação de: Dr. Klaus Reiprich. *Chronik des Deutschen Hilfsverein von São Paulo 1863 – 2003*

Ele era 'a' autoridade no lar e, uma vez que fosse necessário, não hesitava em, de vez em quando, 'limpar a garganta' para alguém, como ele costumava se expressar, seguindo o velho jeito marinho.

Wilhelm K. Endlein - O administrador da expansão

(Oberursel, 24.12.1919 - São Paulo, 05.07.1991)

Imigração para o Brasil: depois da Segunda Guerra Mundial

Membro da Diretoria de 1968 a 1985 e Presidente de 1986 a 1991

Formação: Engenharia Mecânica em Darmstadt

Carreira: Companhia Antarctica Paulista, Alpaca; fundação da Conforja S.A., da qual mais tarde resultaram outras firmas

Dr. Klaus Reiprich sobre a presidência de Wilhelm K. Endlein:

“Quando sucedeu a Heinz Hellner, em 1986, a primeira medida oficial de Wilhelm Endlein consistiu em nomear o digno antecessor como membro honorário. A fim de que a assistência médica aos moradores do lar fosse melhorada, a cooperação dos médicos de confiança foi regulamentada. Neste assunto a Sociedade Beneficente foi apoiada pelo Hospital Alemão Oswaldo Cruz.

As relações públicas da SBA receberam um novo impulso através da campanha ‘Ajude-nos a ajudar’ que a Diretoria, juntamente com a Câmara de Comércio Brasil-Alemanha, realizou sob a direção de Rolf Löchner. Através dos membros da Câmara conseguiu-se, na moeda da época, 4,5 milhões de cruzados.

Motivada pelos sucessos iniciais dos planos econômicos ‘Cruzado’³⁵, a Diretoria decidiu dar continuidade à extensão do lar para idosos. Depois de um estudo minucioso, a empresa Wysling Gomes³⁶ foi encarregada de terminar a construção.

Os pré-requisitos financeiros para a extensão foram assegurados pela campanha de doação e pela venda de alguns imóveis. Olhando para trás é necessário reconhecer que a decisão de continuar a construção foi tomada no momento certo, pois as vantagens temporárias dos dois ‘Planos-Cruzado’ puderam ser, de forma estratégica, totalmente aproveitadas.

No ano de 1987, 77 funcionários cuidavam, em média, de 178 moradores. No fim do ano de 1988 eram 129 os funcionários que se esforçavam em prol do bem-estar de

³⁵ O Plano Cruzado foi um conjunto de medidas econômicas lançado pelo governo brasileiro em 28 de fevereiro de 1986, com base no decreto-lei nº 2.283, de 27 de fevereiro de 1986. Foi o primeiro plano econômico nacional em larga escala desde o término da ditadura militar. (http://pt.wikipedia.org/wiki/Plano_Cruzado)

³⁶ Construtora Wysling Gomes Ltda São Paulo/SP

220 moradores. Essa fase de mudança radical foi realizada com muito sucesso pela enfermeira Sonia Härter, Hanni Koschatschak e as médicas Dra. Helga Mickenhagen e Dra. Ingrid Konieczniak-Junca que haviam chegado recentemente.

Na área da cozinha, Maureen Lemos Gregson, uma nutricionista formada, assumiu a direção e a aquisição de alimentos.

No ano de 1988 a Sociedade Beneficente Alemã, e com ela o lar para idosos, evoluiu, quase imperceptivelmente, para uma nova categoria de tamanho. A inauguração do moderno edifício Heinz Hellner desencadeou uma nova dinâmica. O caráter de asilo do passado havia ficado para trás. O novo objetivo era dar andamento à organização de um moderno centro para idosos. Assim surgiu o plano de reformar o Lar Brenne, um edifício do ano de 1961, carente de restauração. Uma torre anexa com elevador deveria reduzir a diferença de altura na entrada principal.

O número de funcionários cresceu para 142 no ano seguinte. As então 30 voluntárias tornaram-se um pilar de sustentação nos cuidados dos moradores do lar. Para nossa alegria, novos médicos declararam-se dispostos a trabalhar na equipe médica fielmente ligada à SBA há muitos anos.

Com a inflação crescente e, ligada a ela, o aumento automático dos custos com pessoal que totalizavam mais de 60 por cento dos custos totais, a receita passou a crescer de forma mais lenta do que as despesas. Em decorrência da tensa situação financeira, o plano original de fazer uma reforma completa, no recém-desocupado Lar Brenne, foi renunciado. Um novo poço foi, entretanto, cavado, a fim de assegurar o abastecimento de água no lar.

Nessa situação precária decidiu-se apelar novamente à generosidade de empresas de origem alemã que deveriam ajudar através da adoção de uma contribuição mensal.

A situação inóspita geral do Brasil piorava cada vez mais. A inflação, que crescia velozmente, o Plano Collor, anunciado em 16 de março de 1990, e o desequilíbrio constante entre receita e despesas culminou em um plano de ação que deveria melhorar a situação da receita da SBA a curto e médio prazo. A reforma do Lar Brenne, contudo, pôde ser iniciada de forma independente graças a uma generosa doação do Hospital Oswaldo Cruz, da qual surgiram 16 modernos apartamentos.

Os esforços para obter subsídios da República Federal da Alemanha foram bem-sucedidos. Também as organizações empresariais de origem alemã também ajudaram através de suas doações.

No ano de 1991 chegou ao fim uma época que ficou marcada por personalidades como Heinz Hellner e Wilhelm Karl Endlein, um audacioso criador de indústrias. Os dois homens foram além de seu tempo, usaram suas habilidades natas, seu temperamento e sua força de vontade não apenas para alcançar objetivos pessoais, mas – sustentados por um sentimento de responsabilidade social – para o bem do lar para idosos e seus moradores.”³⁷

In memorian

Uma homenagem do Instituto Martius Staden publicada no jornal Brasil Post

Por Michael Peuser³⁸

O Brasil e a colônia de língua alemã perderam, no dia 5 de abril de 1991, uma personalidade importante e extraordinária que durante o florescer industrial do país destacou-se por realizações pioneiras inestimáveis. O Brasil perdeu um industrial ao qual milhares de pessoas e suas famílias devem agradecer pelo seu sustento, que criou fábricas e empresas, sempre acreditou no Brasil e que, olhando muito longe, planejou e trabalhou pelo futuro. Mas o Brasil perdeu também um empresário cristão que pensava no social, que ao lado do sucesso na vida de negócios não perdia de vista o bem comum e se colocava à disposição, com uma naturalidade raramente vista, para realizar dezenas de trabalhos sociais. Suas obras na indústria e no serviço social são monumentos vivos de um grande homem e modelo que irão fazer conhecido, também no futuro, um grande alemão no Brasil.

Wilhelm Endlein nasceu em 24 de dezembro de 1919 em Oberursel/Taunus no estado de Hessen onde ele viveu também sua infância e seu tempo de escola. Mais tarde, a família Endlein mudou-se para Eppstein. Eram os anos malucos do tempo da República Weimar – depois da fracassada Primeira Guerra Mundial, a alta inflação, a deflação, as brigas pelo poder dos marrons contra os vermelhos e dos vermelhos contra os marrons³⁹ – que abateram a jovem democracia da Alemanha e a levaram ao Terceiro Reich. Foram anos movimentados que, por fim, acabaram em guerra e miséria. Nesses tempos difíceis, Wilhelm Karl Endlein conseguiu terminar com sucesso seus estudos em engenharia mecânica em Darmstadt.

³⁷ Compare: Dr. Klaus Reiprich. *Chronik des Deutschen Hilfsverein von São Paulo 1863 – 2003* (revisado)

³⁸ Autor: Michael Peuser, Ref.: K IVb, Nr. 2459, Instituto Martius Staden (Brasil-Post) (revisado)

³⁹ “Marrons” era o termo utilizado para designar os simpatizantes de Hitler. Já os social-democratas / comunistas eram denominados “vermelhos”. (N. T)

Isso, nas ruínas e nas cinzas da derrotada Alemanha depois da Segunda Guerra Mundial, deu ao jovem engenheiro poucas chances e por essa razão ele decidiu ir além-mar, a fim de procurar a sorte lá no Brasil.

No Brasil ele conseguiu uma vaga como engenheiro de produção na grande cervejaria Antarctica, mas depois de alguns anos tentou caminhar com as próprias pernas e começou com criações de empresas de vários tipos.

Uma das primeiras firmas foi a firma Alpaca da qual, depois de anos, veio a firma Aletron Produtos Químicos Ltda. Ele vivenciou uma ascensão meteórica como empresário ao fundar a firma Conforja S.A, que se especializou em forjar cotovelos, flanges, conexões, tubos e anéis, possibilitando a substituição de peças importadas. A Conforja tornou-se, através de constantes modernizações e ampliações, a firma mais importante nesse setor e pôde receber até mesmo o título de 'Empresa do Ano' como melhor empresa de todas as indústrias brasileiras nos anos 70.

No início dos anos 80, o senhor Endlein pôde construir um moderno edifício administrativo em Diadema, que está entre os mais belos da cidade e a partir do qual toda a administração de suas indústrias era efetuada. Em suas fábricas encontram-se em grande quantidade máquinas importadas com o belo nome 'Made in Germany'. Por conta disso, as fábricas irradiam um ambiente alemão onde produtos de alta qualidade são produzidos para o mercado brasileiro e internacional.

Em suas firmas pode-se perceber que por trás de tudo há um engenheiro que adquiriu suas competências na pátria alemã a 12.000 km de distância e que soube aplicá-las aqui.

Mas não apenas a arte da engenharia refletia-se nas fábricas do senhor Endlein. Quem visitava suas fábricas percebia com quanto amor elas haviam sido construídas, quanto esforço foi necessário para criar postos de emprego em um lugar onde, além de em máquinas, se investia também em áreas verdes, árvores, flores e parques. Assim, nas fábricas do senhor Endlein havia sempre um oásis onde as criaturas humanas podiam manter contato com a natureza e onde pássaros, especialmente os beija-flores, podiam tranquilamente encontrar alimento – como se ainda se vivesse em um paraíso, apesar de, nos grandes pavilhões da fábrica, os martelos de forja trovejarem, enormes fornos produzirem peças forjadas escandescentes e anéis em brasas serem modelados nos diferentes laminadores de anéis.

Pode-se supor que um homem que está à frente de um complexo industrial como esse e que é responsável por milhares de pessoas e seus familiares não encontra tempo para outras atividades. Com o senhor Endlein esse nunca foi o caso. 'O bem comum vem antes dos próprios interesses': e assim ele usava seu tempo livre para colaborar, desinteressadamente, com as inúmeras organizações de língua alemã no Brasil. Por décadas ele pertenceu à diretoria da igreja de língua alemã *St. Bonifatiusgemeinde* onde ele sempre colaborou ativamente, onde colocou seu conhecimento à disposição e onde sua ajuda era solicitada.

Em seu tempo, foi construído o novo prédio da igreja e do presbitério, assim a comunidade de católicos falantes de língua alemã em São Paulo adquiriu um moderno centro. Ele sempre colocava sua fazenda em Pirapora do Bom Jesus ou sua casa de férias em Monte Verde à disposição da comunidade e dos jovens para excursões e acampamentos de férias.

Sua generosidade para, aqui, longe da pátria, servir às causas alemãs foi sempre perceptível. De extraordinário mérito foi o trabalho voluntário realizado por décadas para a Sociedade Beneficente Alemã, que sustenta em São Paulo um grande lar para idosos do qual ele foi presidente nos últimos anos. Com muita paciência ele participava toda semana das reuniões sobre problemas pequenos e grandes dos idosos, dava orientações, conselhos e ajuda.

No período de seu mandato como presidente ele pôde canalizar os subsídios dos grandes círculos das indústrias para um projeto que hoje tem uma importância fundamental. O grande lar para idosos com um edifício generoso e funcional construído no parque da Sociedade Beneficente Alemã pôde ser terminado durante seu mandato e é testemunha do ímpeto criativo que o senhor Endlein tinha em si.

A atenção do senhor Endlein não se dirigia apenas aos idosos. O grande alvo de seu ímpeto criativo era também os jovens. Como membro da Família Kolping em São Paulo, ele foi um dos fundadores da ASEK da qual surgiu a Obra Kolping do Brasil que se desenvolveu em uma extraordinária organização. [...]

Ele suportou sua enfermidade com uma grandeza que só pode ser compreendida dentro do contexto de sua fé católica, vivida conscientemente. E sua postura mereceu todo o respeito. [...] O presidente alemão condecorou Wilhelm Endlein há seis anos com a Cruz Federal de Mérito, a fim de, com isso, louvar os serviços prestados por ele à Alemanha e ao Brasil, assim como ao aprofundamento da amizade e da cooperação Brasil-Alemanha. A Alemanha honrou dessa forma um grande filho, um grande industrial e um grande benfeitor, um homem que

ganhou um significado fundamental na história e no desenvolvimento industrial do Brasil, um homem cujas fábricas servem como monumentos duradouros em sua memória.

Karlheinz Pohlmann - O arquiteto do futuro

(Wuppertal, 26/08/1938 - São Paulo, 01/03/2023)

Imigração para o Brasil: 1962

Membro da diretoria de 1980 a 1992 e Presidente de 1992 a 1997

Formação: Escola de Engenharia, Wuppertal

Carreira: Brasimet Comércio e Indústria S.A. (1962–2007)

“Quando meu antecessor imediato, Wilhelm K. Endlein, convidou-me para ser membro da Diretoria, na minha primeira noite – isso eu não esqueço nunca – mostraram-me as plantas de um novo edifício em fase de planejamento. Sem rodeios, eu declarei que, na minha opinião, não deveríamos executar o projeto de construção naquela forma, pois o esboço não se parecia com um lar para idosos. Eu não sei se nessa primeira reunião, com minha opinião expressa de forma tão direta, deixei uma impressão boa ou ruim.

Eu me propus então a falar com um arquiteto que havia implantado alguns projetos de construção importantes para a Brasimet. O esboço do atual Lar Hellner, apresentado por Kurt Flachmann, teve grande aceitação junto à Diretoria. Flachmann executou o projeto sem custos e engajou-se muito na sua realização.

Quando assumi a presidência, em 1992, havia decisões fundamentais a serem tomadas. Como Diretoria nós contatamos na época alguns arquitetos muito conhecidos no Brasil e os convidamos para desenvolver um inovador projeto de futuro para a Sociedade Beneficente Alemã –sob a condição de que o esboço do projeto deveria ser apresentado pro bono.

Quatro escritórios de arquitetura entregaram seus esboços. Foi à BROSS Consultoria e Arquitetura⁴⁰ – muito conhecida, entre outros, na área hospitalar – a quem nós confiamos o projeto que visava apresentar uma visão arquitetônica de futuro para a Sociedade Beneficente Alemã.

O objetivo do ‘Projeto 2005’ era desenvolver a imagem da Sociedade Beneficente Alemã no ano de 2005, sob a condição de que o lar para idosos não deveria perder sua identidade, seu feitiço de vila. Outro requisito essencial era também que as

⁴⁰ Direção: João Carlos Bross

casas e residências não deveriam ter a aparência de um hospital. Foi assim que surgiu o Lar Acácias, cuja pedra fundamental foi lançada, na época, por meus colegas de Diretoria e eu.

Nós apresentamos o 'Projeto 2005' muitas vezes, em diversos lugares, como na Febral '95, a maior feira industrial alemã já organizada em São Paulo. Compareceram na época o então ministro da Economia, Günter Rexrodt (FDP)⁴¹, e o presidente da Federação das Indústrias Alemãs (BDI), Hans-Olaf Henkel, com uma grande delegação. Eu era na época vice-presidente da Câmara de Comércio Brasil-Alemanha e pude movimentar as coisas de modo que o projeto fosse apresentado de forma proeminente.

Recebemos muito apoio tanto da indústria alemã quanto de pessoas físicas. O projeto, afinal, foi completamente financiado pela colônia alemã, sem dinheiro da Alemanha ou de outro lugar.

Na época, vendemos os quartos do Lar Acácias, a peça fundamental do 'Projeto 2005', a preços elevados. Bosch e Mercedes, só para nomear como exemplo duas das muitas empresas, engajaram-se intensamente. Mas doadores privados também contribuíram significativamente para a implantação do ambicioso projeto. Placas sobre cada um dos quartos informam quem foram os benfeitores. Operacionalmente, a construção do Lar Acácias foi realizada por Hans Christian Junge⁴², que assumiu a presidência da Sociedade Beneficente Alemã depois de mim.

Outras partes do 'Projeto 2005' – 'Como vemos a SBA em 15 anos?' – infelizmente nunca foram executadas. No período seguinte, contrataram novos arquitetos e começaram a desenhar novamente. De outra maneira, surgiu um projeto de lar para idosos que certamente é muito interessante e inovador para o futuro.

Uma outra inovação foi a fundação de dois conselhos. Quando assumi a presidência, a situação da Sociedade Beneficente Alemã não estava equilibrada. Para não ter que jogar toda a carga nos ombros da Diretoria, convidei na época pessoas de importância decisiva das áreas de economia⁴³ e política⁴⁴, a fim de compartilhar com elas a responsabilidade. Nós nos encontrávamos duas vezes por ano. Esse grêmio, que existe até hoje, deu apoio a SBA durante anos, subsidiou e fomentou a organização não apenas financeiramente, mas também com assessoria.

⁴¹ Günter Rexrodt (Berlim, 12 de setembro de 1941 – Berlim, 19 de agosto de 2004) foi ministro federal da Economia de 1993 a 1998. Veja também:

<http://www.manager-magazin.de/unternehmen/karriere/a-313954.html>

⁴² Hans Christian Junge foi presidente da Sociedade Beneficente Alemã de 1998 a 2000.

⁴³ Os presidentes da Volkswagen, Mercedes, Bayer e da BASF foram indicados como suplentes para representantes da área de economia.

⁴⁴ Especialmente o Consulado Geral da República Federal da Alemanha em São Paulo.

Durante o meu mandato fundamos ainda um segundo conselho – o Conselho Consultivo dos Moradores do lar, que era formado por dez a quinze participantes e elegia um porta-voz do próprio grupo. Os representantes participavam uma vez por mês da reunião da Diretoria. Nós respondíamos, tanto quanto possível, às preocupações dos moradores lá apresentadas e assim delegávamos responsabilidade também aos idosos.

Realizamos, como Diretoria, um levantamento de todos os imóveis, pois a SBA possuía naquele tempo muitos pequenos imóveis que haviam sido doados, isto é, com os quais os moradores haviam ‘comprado’ a estadia no lar.

Meus colegas e eu consideramos bom e necessário, uma vez por mês, aos sábados, visitar o lar para idosos pessoalmente, em dupla ou em trio, juntamente com o gerente geral. Nós ouvíamos as preocupações e necessidades dos moradores e compilávamos temas que precisavam ser discutidos ou resolvidos.

No meu campo profissional, sempre procurei não me apresentar como chefe. Atentei para isso também na Sociedade Beneficente. Como profissional e voluntário, sempre perguntava ao autor das queixas por suas próprias propostas de solução. Também atentei para isso em relação aos funcionários, com os quais conversava intensamente. Compartilhar a responsabilidade com as pessoas, esse era e é meu princípio pessoal."

Angelika Pohlmann: "Meu marido tinha um jeito que inspirava confiança, pela sua fala, pelo seu ouvido atento. Ele tinha um grande coração e sempre ouviu a todos, não importava de que área. Certamente ele já indicava a direção, mas de uma forma que não era prescritiva, mas paternal e fraternal. O companheirismo, o envolvimento – ambos marcaram a sua presidência."

Dr. Klaus Reiprich, sobre a presidência de Karlheinz Pohlmann:

"No curso das medidas de estruturação durante a presidência de Karlheinz Pohlmann, a partir de 1992, o trabalho de relações públicas foi profissionalizado: com apoio da Bayer do Brasil fez-se, com o objetivo de ganhar novos membros, um novo folheto sobre o lar, bilíngue e colorido.

Em cooperação com o Hospital Oswaldo Cruz, foi criada a assistência médica de curto prazo, a fim de utilizar a capacidade temporária da área de enfermagem e assim gerar recursos adicionais.

O ano de 1994, por sua vez, representou um marco na jovem história do Brasil: no dia 1º de julho de 1994, foi introduzido o Real como nova moeda nacional, o que resultou em um sucesso visível na redução de déficits nas contas da SBA.

Foi também o ano de uma grande festa pelos 130 anos de existência da SBA (completos no ano anterior), em combinação com as comemorações dos 170 anos de memória da imigração alemã no Brasil. Entre os convidados de honra encontravam-se, entre outros, o cônsul geral, Peter von Jagow⁴⁵.

O lar para idosos, organizado em sua grande área como parque residencial, tinha, até então, cerca de 230 moradores. Não era um hotel, nem um hospital, nem uma grande família, mas também não era uma empresa no sentido clássico. O objetivo da Diretoria era confiar posições-chave aos funcionários, que de forma autônoma, seguindo diretrizes desenvolvidas em conjunto, deveriam presidir suas áreas sem perder de vista o objetivo de garantir o bem-estar dos moradores do lar.

Uma curiosidade: em maio de 1994, na presença do cônsul e representantes da Secretaria Estadual de Meio Ambiente, um par de cisnes doados pelo Senado da Cidade Livre e Hanseática de Hamburgo foi colocado no lago da SBA.

O desenvolvimento de diretrizes de planejamento para renovação das construções nos anos seguintes foi levado adiante sob o título 'Projeto 2005'. Em 1996, o escritório de arquitetura BROSS foi finalmente incumbido de elaborar os planos de construção de um complexo habitacional de duas alas e dois andares.

Os dois grandes jornais diários da cidade, a Folha de São Paulo (artigo de 26 de abril de 1996) e O Estado de São Paulo (artigo de 9 de junho de 1996) fizeram relatos detalhados sobre o lar para idosos e o classificaram entre os melhores do país.

O ano de 1997, assim, foi marcado pelas intensas atividades de construção, com o lançamento da pedra fundamental do novo complexo habitacional, novamente na presença do cônsul Peter von Jagow e sua esposa. Henriette von Jagow foi, durante sua estadia de três anos em São Paulo, uma voluntária ativa no lar para idosos.

Por causa das atividades de construção, a ocupação do lar precisou ser reduzida e os custos operacionais subiram. O nosso lema era: 'Vamos começar a construção e então vemos o que acontece'. Graças à benevolência do Hospital Oswaldo Cruz, a conclusão da ala esquerda e da parte do meio, com escada e elevador, ficou assegurada e seguimos em frente."

Hans Christian Junge - Integração com o Lar Girassol

(Wolfen, 17.03.1936 - São Paulo, 22.02.2012)

Imigração para o Brasil: 1951

Membro da Diretoria de 1992 a 1997 e Presidente de 1998 a 2000

⁴⁵ Peter von Jagow foi cônsul geral da República Federal da Alemanha em São Paulo de 1993 a 1997.

Formação: Engenharia Mecânica pela Universidade de São Paulo (USP)

Carreira: Mercedes do Brasil, Semco do Brasil, Conforja, Mayer Equipamentos Industriais Ltda. Ao lado da profissão também foi docente na Faculdade de Engenharia Industrial (FEI) e na Universidade de São Paulo (USP)

Dr. Klaus Reiprich sobre a presidência de Hans Christian Junge:

“O ponto alto do ano de 1988, com a chegada de Hans Christian Junge, foi a inauguração festiva do Lar Acácias. Entre os convidados de honra, encontrava-se o Dr. Claus Duisberg, embaixador da República Federal da Alemanha no Brasil, Dr. Ulrich Spohn, cônsul geral da Alemanha em São Paulo, Michael Spalek, cônsul geral austríaco em São Paulo, os representantes do Consulado Geral Suíço e do setor brasileiro de saúde pública, tanto municipal quanto estatal.

Outro acontecimento significativo foi a integração oficial do Lar Girassol na Sociedade Beneficente Alemã, sem alterar o status de independência autônoma do lar para crianças. Deu-se início ao plano de formação profissional para as 40 crianças em desenvolvimento. Medidas como a compra do terreno vizinho no bairro do Grajaú para a construção de sala de aulas foram tomadas.

No ano de 1999, conseguimos estabilizar a situação financeira e alcançar um resultado equilibrado. Para tanto, contribuíram a redução nos custos com pessoal e também a relação mais favorável entre moradores pagantes e não pagantes.

Pela primeira vez, naquele ano, foi concedido à Sociedade Beneficente Alemã o prêmio ‘Bem Eficiente’ da Fundação Kanitz & Associados, atribuído anualmente às organizações sociais melhor geridas do Brasil.

A fim assegurar a continuidade do lar, no contexto das doações em declínio, foi formado um grupo de trabalho em cooperação com a Câmara de Comércio Brasil Alemanha e o Hospital Oswaldo Cruz. Ao mesmo tempo, conseguimos que a renomada empresa de consultoria Roland Berger realizasse uma análise pro bono estratégica a esse respeito, fato pelo qual ficamos muito gratos.

Uma central telefônica moderna doada pela Siemens do Brasil foi instalada e isso tornou possível que as linhas dos moradores também fossem integradas.

Através do engajamento da esposa de Hans Christian Junge, Christina – que durante a presidência do engajou-se como voluntária – um veículo elétrico pode ser adquirido. Várias pessoas participaram de seu financiamento, entre elas, Bettina Marin, Claudio v. Kameke, Walter Tiele von Kalm e Gilberto Lisboa. Por

parte de empresas a aquisição foi subsidiada pela BASF, Bayer, Brasimet, Mercedes do Brasil e Volkswagen. O veículo foi batizado de 'vovô móvel'."

Alexander E. H. Ufer - A era do "Lar Recanto Feliz"

(Singen (Hohentwiel) am Bodensee, 1950)

Imigração para o Brasil: 1952

Membro da diretoria de 1994 a 2000 e de 2010 a 2012 e Presidente de 2001 a 2005

Formação: Administração de Empresas e Engenharia Mecânica pela Universidade de São Paulo (USP)

Carreira: Brasimet Comércio e Indústria S.A. (1974-2003), proprietário da MetalTrend (desde 2003)

"Quando assumi a presidência, a Sociedade Beneficente Alemã encontrava-se em uma fase de modernização. O objetivo era dar continuidade à profissionalização e modernizar as construções. Ao mesmo tempo, era hora de adaptar a SBA a um ambiente em mudança. A instituição, nesse meio tempo, não era mais uma sociedade beneficente para alemães, mas uma sociedade beneficente alemã para a população brasileira. Isto é, para a população mista de uma cidade como São Paulo.

Tratava-se de cumprir o objetivo ancorado no estatuto e, ao mesmo tempo, fundamentar e garantir a razão de ser de uma sociedade de tradição no início de um novo milênio e para o futuro.

Nos anos de 2000 e 2001, a Diretoria e o Conselho Fiscal ocuparam-se intensamente com essas questões. Ao lado da discussão básica sobre a função da SBA em um ambiente em rápida mudança, tratava-se também da segurança financeira. A empresa de consultoria Roland Berger realizou análises e elaborou um catálogo com medidas estratégicas.

Já naquele momento evidenciou-se que a comunidade alemã em São Paulo não iria mais sustentar a SBA sozinha e com isso a designação Sociedade Beneficente Alemã não era ideal para dirigir-se ao público alvo brasileiro.

Por meio de uma circular pediu-se ao grupo mais amplo possível – composto por moradores do lar e seus familiares, funcionários, fornecedores, membros da empresa de consultoria Roland Berger e da agência de publicidade Le Pera – que fizessem sugestões de um novo nome para o lar para idosos.

Mais de 50 sugestões enviadas foram consideradas e a Diretoria decidiu-se, depois de cuidadosa reflexão, pelo nome 'Lar Recanto Feliz'. A agência de publicidade Le Pera desenvolveu folhetos de imagem modernos e novos logotipos para a SBA.

Depois de um tempo percebeu-se, no entanto, que indicações pessoais ajudam bem mais do que o marketing. A SBA sempre gozou de uma reputação excelente. O 'Lar Recanto Feliz', que em 2015 seria rebatizado como Residencial SBA, era e é considerado o lar para idosos em São Paulo que dispõe das mais belas instalações, por causa de seus pequenos chalés, como uma vila em estilo europeu.

Por mais de um século a organização pôde se manter por meio de doações de pessoas físicas, das famílias alemãs que viviam aqui em São Paulo. Os nomes dos edifícios são testemunhas disso. Em parte, a indústria alemã aqui em São Paulo também se engajou. Quando construímos o Lar Acácias, a venda de quartos nomeados com os nomes dos doadores foi uma forma de financiar, pelo menos, uma parte do edifício.

Mas a situação econômica das empresas e das famílias mudou. Assim a SBA precisou encontrar novos caminhos de financiamento, tendo como base cada vez mais os moradores pagantes.

Para mim, foi sempre uma preocupação cumprir o objetivo dos fundadores de ajudar pessoas necessitadas. Os moradores mais abastados ajudam hoje a acolher pessoas que não dispõem de recursos financeiros suficientes.

Durante o meu mandato, estava na SBA uma vez por semana. Eu sinto que há muito respeito em relação à instituição que se manteve e conservou os seus valores durante tantos anos – muitas vezes sob as condições mais difíceis. Em minha opinião, temos a obrigação de conservar aquilo que gerações anteriores construíram. Eu dei, com prazer, a minha contribuição para isso.

Meus votos pelos 160 anos de existência da Sociedade Beneficente Alemã:

"Eu desejo à SBA que ela realize por mais 160 anos seu objetivo como fundação e que consiga superar os desafios que surgem com a constante mudança. Que ela possa permanecer sendo uma referência em seu trabalho. Eu também espero que sempre haja pessoas dispostas a liderar esse trabalho especial" ⁴⁶

⁴⁶ Entrevista realizada em 08.07.2013 (por Esther K. Beuth-Heyer)

Gunter W. Kreinberg - Um salto de qualidade na assistência médica

(Hohenlimburg, 1929)

Imigração para o Brasil: 1963

Presidente de 2006 a 2007

Formação: Engenharia Mecânica pela Rheinisch-Westfälischen Technischen Hochschule Aachen (RWTH)

Carreira: Hoesch AG (1955-1993), Hospital Alemão Oswaldo Cruz (1993-2006)

“Quando assumi o posto de diretor administrativo, depois de oito anos de atividade no conselho do Hospital Alemão Oswaldo Cruz, era de meu grande interesse aprofundar a cooperação existente desde sempre entre a Sociedade Beneficente Alemã e o Hospital. Nós acolhemos e cuidamos pro bono de pacientes que estavam seriamente doentes e precisavam ser operados.

Ao assumir a presidência da SBA, o meu desejo era ampliar ainda mais essa cooperação. Quando tomei posse, meu foco estava dirigido para a melhoria da qualidade da assistência médica que, devido ao orçamento apertado, não correspondia em todas as áreas às exigências da medicina mais moderna.

Depois de décadas de cooperação, o Hospital assegurou-me sua ajuda. Funcionários da área de enfermagem foram temporariamente emprestados para otimizar o processo de qualidade e formar os funcionários no local. Da mesma forma, integrei médicos do Oswaldo Cruz como conselheiros.

Com base nos resultados de minhas pesquisas, desenvolvi um plano de ação para transformar o ‘Lar Recanto Feliz’ em um lar para idosos moderno – dando atenção especial a doentes com demência e a pacientes com Alzheimer. Durante muito tempo, pacientes com esses quadros de doenças não foram um tema para a Instituição. Somente com a transformação demográfica estes transtornos cerebrais orgânicos e o trato com eles foram colocados em foco. Estes novos desafios demandam da instituição que se atualize e inove.

Meus votos pelos 160 anos de existência da Sociedade Beneficente Alemã:

*"Eu desejo que a charmosa vila europeia com feitio internacional tenha um longo futuro. Com forças unidas, talvez em fusão com o Hospital Alemão Oswaldo Cruz, isso deverá ser alcançado."*⁴⁷

(Varsóvia, Polônia, 09.06.1935 – São Paulo, 20.01.2020)

Quando seu marido, Manfred, adoeceu e passou a demandar cuidados constantes, Christine decidiu que o Residencial SBA era o melhor lugar para ele. Num primeiro momento, ela permaneceu na casa do casal e vinha visitá-lo todos os dias, mas depois alugou um quarto para estar perto dele o tempo todo. *"Ela cuidou desse marido de uma forma que praticamente não vemos pessoas fazendo hoje em dia. Queria melhor para ele, não importava o quanto iria custar. Ela acabou falecendo antes dele, por causa de um câncer, que cuidou por muitos e muitos anos. Ele continua conosco, quem vem visitá-lo é o filho do casal, Maneco. Christine, além da dedicação integral ao marido, sempre foi uma pessoa que fez tudo para que a SBA desse certo, uma pessoa que vestia a camisa da SBA 24 horas por dia"*, diz Thomas Polisaitis.

"A família do meu pai é da Rússia. Minha avó por parte de mãe nasceu na Silésia, meu avô era o único polonês na família. Os outros parentes eram formados por tchecos e holandeses, para citar duas nacionalidades como exemplos. Alguns professavam a fé russo-ortodoxa, outros eram católicos e outros protestantes.

⁴⁷ Entrevista realizada em 08.07.2013 (por Esther K. Beuth-Heyer)

Os fundadores

Sem eles, a Sociedade Beneficente Alemã não teria existido e a história seria outra. Portanto, os nomes desses 14 valiosos cidadãos merecem destaque: Dr. Friedrich Borghoff, Jakob Loskiell, Adolf Kueker, Franz Fischer, Luis Bamberg, E. Wehrsig, Gustav Schaumann, J. C. Müller, H. Bossel, Joh. Ad. Schritzmeyer, H. Schröder, Max Rahtlev, C. Rath jun. e Dr. C. Martin.

O Dr. Friedrich Borghoff (óbito em Niterói/Rio de Janeiro, 1876) foi o primeiro presidente da Sociedade Beneficente Alemão, ocupando o cargo de 1863 a 1873. Jakob Loskiell, que era dono de uma confeitaria, pertenceu à primeira Diretoria da recém-fundada organização. Também Gustav (Philip) Schaumann (Hamburgo, 25.01.1825 – Hamburgo, 25.01.1892), que viveu no Brasil a partir de 1853, foi membro da Primeira Diretoria. O farmacêutico trabalhou primeiro em Campinas, na farmácia Georg Krugg. Durante esse período ele conheceu sua futura esposa, a irmã de Georg, Marie Georgine Krugg, com quem se casou no ano de 1855. O casal teve três filhos – Anna Luise Ottilie, Henrique e Isabel Schaumann. No ano de 1858, Gustav Schaumann abriu uma farmácia na Rua São Bento. De 1878 a 1887, foi cônsul honorário do Império Alemão no Brasil. Nesta função, ele saudou, em 1883, o príncipe Henrique da Prússia, irmão do imperador Guilherme II.

Sobre o membro da Diretoria Heinrich Bossel sabe-se apenas que no ano de 1854 ele era chapeleiro em São Paulo. Que Max Rahtlev foi cofundador e membro da primeira Diretoria é algo documentado. Mais informações sobre a sua pessoa não existem.

C. Rath jun., ou melhor, Carl(os) Daniel Rath (1828 – 1898), filho do famoso Carl Friedrich Jos. Rath, mantinha, no ano de 1861/1862, uma escola particular. Mais tarde, o cartógrafo produziu, entre outros, um mapa da província de São Paulo que foi impresso em 1876. Além disso, Rath jun. pertenceu à primeira Diretoria. O médico e cientista Dr. Carl (Eduard) Martin (Jena, 1838 – Chile, 1907) também foi membro da primeira Diretoria no tempo em que viveu em São Paulo. Mais tarde, Martin, que tinha seis filhos, mudou-se para Puerto Montt, no Chile.

O co-fundador Adolf Kueker, natural de Hamburgo, que mais tarde faleceu em Santos, não foi membro da Diretoria. Franz Fischer, que no ano de 1873 trabalhava como chapeleiro, também não pertenceu ao primeiro grupo de diretores. Luis (Ludwig) Bamberg (Neubrandenburg, 1829 – São Paulo, 1880), que viveu no Brasil desde 1856, abriu em 1858 uma loja de relógios e jóias que foi bem-sucedida durante muito tempo. Bamberg era casado com Elvira Wehrsig, pai de sete filhos e cunhado de Eginhard Reginald Wehrsig.

Eginhard Reginald Wehrsig (Hirschberg, 1837 - 1909) também foi relojoeiro em São Paulo. Essa informação é válida pelo menos para o ano de 1865. Nenhum dos dois foi membro da primeira Diretoria. Da mesma forma, Johann Adolph (João Adolpho) Schritzmeyer (Hamburg, 1828 - Campinas, 1902) - que, primeiro em Campinas e depois em São Paulo, fundou e geriu de forma bem-sucedida uma chapelaria - não esteve envolvido com a primeira Diretoria. Heinrich (Henrique) Schröder, natural de Nuremberg, migrou para o Brasil em 1857. Em 1864 ele era o dono da gráfica Typographia Alemã. No ano seguinte, fez parte dos fundadores do jornal diário O Diário de S. Paulo. Faleceu em 1876 e não foi membro da Primeira Diretoria.

Não se sabe se o cofundador J. C. Müller pertenceu à primeira Diretoria. Sabe-se que ele trabalhou como fotógrafo em São Paulo, no jornal diário Correio Paulistano de 1863 a 1954, em São Paulo.

Vivências inspiradoras

"A SBA é um oásis verde com atmosfera internacional"

Christine Peters

(Varsóvia, Polônia, 09.06.1935 - São Paulo, SP, 20.01.2020)

Quando seu marido, Manfred, adoeceu e passou a demandar cuidados constantes, Christine decidiu que o Residencial SBA era o melhor lugar para ele. Num primeiro momento, ela permaneceu na casa do casal e vinha visitá-lo todos os dias, mas depois alugou um quarto para estar perto dele o tempo todo. *"Ela cuidou desse marido de uma forma que praticamente não vemos pessoas fazendo hoje em dia. Queria o melhor para ele, não importava o quanto iria custar. Ela acabou falecendo antes dele, por causa de um câncer, que cuidou por muitos anos. Ele continua conosco, quem vem visitá-lo é o filho do casal, Maneco. Christine, além da dedicação integral ao marido, sempre foi uma pessoa que fez tudo para que a SBA desse certo, uma pessoa que vestia a camisa da SBA 24 horas por dia"*, diz Thomas Polisaitis.

"A família do meu pai é da Rússia. Minha avó por parte de mãe nasceu na Silésia, meu avô era o único polonês na família. Os outros parentes eram formados por tchecos e holandeses, para citar duas nacionalidades como exemplos. Alguns professavam a fé russo-ortodoxa, outros eram católicos e outros protestantes.

Inicialmente meu pai queria ser sacerdote russo-ortodoxo e, mais tarde, astrônomo, até que um dia, sem mais nem menos, meu avô decidiu que seu filho deveria estudar engenharia mecânica na ETH⁴⁸.

Depois dos estudos, meu pai voltou para casa e conheceu minha mãe. Eles se casaram, mas se divorciaram rapidamente. Desde então ele vive no exterior. Minha mãe casou-se de novo pouco tempo depois.

Quanto a mim, mais tarde, estudei decoração. Lembro-me muito bem de um trabalho para o Congresso de Jovens Comunistas na Politécnica Warszawska, a Universidade Técnica da Varsóvia, pelo qual eu fui contemplada com o primeiro prêmio. No Pałac Kultury i Nauki, o Palácio da Cultura, o ministro entregou-me pessoalmente a condecoração.

Depois desse período de trabalho intenso, fiquei em casa, na Varsóvia. Por um lado, eu sentia ainda o alto nível de energia, por outro, um certo vazio, um tédio até. De repente me veio a ideia de ligar para o Brasil. Eu sabia que meu pai estava em algum lugar em São Paulo, porém, não tinha contato com ele desde 1939, absolutamente nenhum contato. Eu quase não o conhecia.

Eu pedi à telefonista – isso tudo aconteceu no ano de 1956 – que me colocasse em contato com meu pai. Fora seu nome e a cidade de São Paulo como local de residência, não pude dar nenhuma informação relevante. A telefonista deveria simplesmente procurar na lista telefônica, foi a minha sugestão. Em seguida, volvei os olhos para o meu aquário, olhei meus peixes e sonhei.

Eu já nem pensava mais no telefonema quando de repente me assustei com um toque. Atendi e falei de fato com meu pai, depois de 17 anos. Foi uma grande alegria. Meu pai me contou que estava casado novamente. Sua esposa era 20 anos mais nova que ele, porém não tinham filhos, prosseguiu ele, e perguntou por mim. Contei-lhe então sobre o trabalho que havia acabado de concluir e a ligação espontânea para a central telefônica.

Em duas semanas ele estaria em Viena, ele me disse. Eu precisava ir para lá, pois queria me ver a todo custo. Eu expliquei, de forma pragmática, que se levava dois anos até se obter um visto para a Rússia. Obter um visto para o oeste seria,

⁴⁸ ETH Zürich é a forma abreviada de *Eidgenössische Technische Hochschule Zürich* – o Instituto Federal de Tecnologia de Zurique.

certamente, muito mais complicado e, sobretudo, demorado. Ele, porém, insistiu e disse que eu deveria fazer de tudo para conseguir.

Eu ainda estava cheia de energia devido a esse trabalho que havia acabado de concluir, embora estivesse por um momento um pouco desorientada. De repente me veio a brilhante ideia: o ministro que havia me entregado o prêmio poderia certamente me ajudar.

Assim, eu passei por lá, lembrei-o da entrega do prêmio e expliquei que meu pai iria para Viena e precisaria ser operado lá. Ele estava realmente doente – doente dos rins – a operação, no entanto, foi uma mentira de emergência. Eu pedi ao ministro que me concedesse um visto urgentemente e duas semanas depois eu estava de fato na Áustria. Deu certo.

Não muito depois que eu ter chegado a Viena, precisei pensar na questão do meu retorno. Quanto a isso, meu pai disse enérgico que eu não poderia ser tão louca de voltar para a Polônia. Que deveria ficar com ele e continuar meus estudos em Viena. Naquele tempo minha mãe já estava casada pela quinta vez, meu irmão, 20 anos mais novo que eu, tinha na época apenas um ano de idade.

Espontaneamente decidi ficar em Viena. Meu pai conhecia o presidente austríaco que se chamava Körner⁴⁹, disso ainda me lembro. Ele era um amigo do qual meu pai havia comprado um relógio Atmos⁵⁰, na época. Nós ficamos lá durante meio ano e obtive a cidadania austríaca. Em seguida, viajamos um pouco e ainda no mesmo ano, em 1956, viemos para o Brasil.

Estranhamento em São Paulo

São Paulo me impressionou. Eu fiquei fascinada com todas as impressões novas e exóticas. Ao mesmo tempo me irritavam algumas coisas. Na Academia de Arte, que na época localizava-se na Pinacoteca, dominava uma prática que me chocou. O professor de Escultura, por exemplo, eu vi apenas uma vez durante todo o tempo que estudei lá. Outros professores apareciam uma vez para a aula e depois não mais. Professores e alunos vestiam-se de forma muito desleixada. Além disso, os alunos, especialmente, pareciam incrivelmente débeis e pálidos. Eles eram completamente ensimesmados.

⁴⁹ Dr. h.c. Theodor Körner (Uj Szöny em Komorn/Komárom (Ungria), 24.04.1873 – Viena, 04.01.1957): Presidente Federal da República da Áustria de 21.06.1951 a 04.01.1957.

⁵⁰ Atmos é um modelo de relógio de mesa fabricado pela Jaeger-LeCoultre.

No comunismo, eu tive uma experiência completamente diferente. Lá havia cuidado com tudo, as coisas eram regradas, até nos mínimos detalhes. É verdade que as pessoas tinham menos dinheiro, mas em compensação tinham sonhos bem maiores em cuja realização elas trabalhavam duro. Tudo era mais expressivo, havia muitos cartazes.

Quando deixei a Polônia, não sabia exatamente o que queria. Eu tinha o desejo de olhar por trás da cortina de ferro sem saber exatamente o que me esperava. Aquilo que presenciei na Academia de Artes eu não queria mais. Então, depois de um ano, fui até meu pai e lhe expliquei que não queria mais estudar lá. Meu pai não deu importância à minha decisão, que ele via como propaganda comunista. No entanto, quando percebeu que eu não queria, de jeito nenhum, continuar frequentando essa escola, que aos meus olhos era ruim, ele cedeu.

Eu acabei indo para Genebra, para a Academia de Artes de lá. Na pensão em que eu morava vivia também um etíope, parente de Haile Selassie⁵¹, ele se chamava Mochrata Fessa e era uma pessoa impressionante. Fiquei amiga de suas sobrinhas imediatamente. Além disso, viviam também amigos do meu pai em Genebra com os quais eu mantinha algum contato.

De Genebra voltei por pouco tempo para o Brasil, até que fui para Inglaterra para estudar inglês. Quando voltei novamente para São Paulo, conheci Manfred, meu marido, em uma grande festa de passagem de ano, de 1958 para 1959. Quatro anos depois, em 1963, nos casamos.

Meu marido, assim como sua mãe, nasceu no Brasil. O pai dela, que provavelmente era de Estetino, migrou para o Brasil no século XIX e foi, até 1932, proprietário da Chácara Flora, que era um horto na época⁵². A família da mãe da minha sogra vinha, se me lembro bem, de Schleswig-Holstein.

O pai do meu marido, Wilhelm Peters, migrou de Hamburgo para Manaus e lá, no auge do boom da borracha, fez uma fortuna⁵³. Mais tarde, ele veio para São Paulo onde fundou, finalmente, a Lustres Pelotas, uma empresa especializada em iluminação. Em 1952, surgiu a Peterco, um grupo empresarial formado por cinco firmas que realizou importantes projetos de iluminação.

⁵¹ O filho de um governador etíope foi, sob o nome de Haile Selassie I, o último imperador da Etiópia, reinando de 1930 a 1936, assim como de 1941 a 1974.

⁵² A Chácara Flora é hoje um condomínio exclusivo localizado na Zona Sul de São Paulo. Foi construído em sua forma atual em 1924. O terreno estende-se por mais de 1.000.000 m² e distingue-se por uma exuberante vegetação de mata atlântica e árvores centenárias que hospedam diversas espécies de animais como pica-paus, pequenos macacos e o sarigüi marsupial. Além disso, dois lagos estão localizados no condomínio. Fonte: http://chacaraflora.com/chacara_flora.php

⁵³ Veja também: "À sombra do coqueiral - Como o ex-industrial paulista Klaus Peters realizou seu sonho: mudar de vida para ser hoteleiro numa praia paradisíaca da Bahia". In: *Exame*, 10.03.1999

No início dos anos de 1970, meu marido Manfred e seu irmão Klaus venderam tudo. Klaus casou-se novamente e adquiriu na Bahia a Praia do Forte.⁵⁴ Meu marido assumiu, entre outras coisas, fazendas no Paraguai.

Antes do nascimento do nosso filho que, como meu marido, chama-se Manfred, mas é chamado de Maneco, fizemos uma viagem pelo mundo que durou seis meses. Também mais tarde viajamos muito, mas São Paulo permaneceu sempre o centro de nossas vidas.

Meu marido não precisava de muito para ser feliz. Ele gostava de animais, era muito ligado à água, gostava de mergulhar, pescava e até ganhou um campeonato em mergulho subaquático, foi Campeão de Pesca Submarina.

A mãe dele morava perto da represa Guarapiranga, não muito longe do Clube de Campo de São Paulo. Lá também se praticava muito esporte aquático. Frequentemente recebíamos visitas de amigos e todos andavam de barco ou esqui aquático.

Nossos amigos vinham de várias partes do mundo, não só da Alemanha e da Polônia. Integração sempre foi, pessoalmente, muito importante para mim, pois eu não queria ser limitada. Eu podia perceber que especialmente os imigrantes mais velhos, dentre os quais meu pai, estavam mentalmente presos a velhas convenções e viviam em suas lembranças. Para mim, isso sempre foi muito estreito e desinteressante. Mesmo como polonesa, eu via que diferentes influências – russa, alemã, sueca – podiam ser muito enriquecedoras.

Passávamos muito tempo também em São Sebastião, um lugar selvagem e belo. Frequentemente curtíamos a luminosidade do mar, observávamos os pescadores, como eles apanhavam suas redes e comiam ostras diretamente da pedra.

No ano de 2006, em Moscou, em uma de nossas muitas viagens, apareceram os primeiros sintomas da doença do meu marido (um tipo de demência no lobo. Desde então passei a me ocupar com o tema da moradia na terceira idade. Eu conhecia as Senior Houses do renomado arquiteto Brad Perkins⁵⁵, que esteve envolvido no projeto do meu cunhado na Praia do Forte. Muitos americanos – assim fui informada por ele – aos 60 ou 65 anos, quando se aposentavam, mudavam-se para

⁵⁴ Conferir: „À sombra do coqueiral - Como o ex-industrial paulista Klaus Peters realizou seu sonho: mudar de vida para ser hoteleiro numa praia paradisíaca da Bahia”. In: *Exame*, 10.03.1999

⁵⁵ Bradford Perkins – Perkins Eastmann (Veja: <http://www.perkinseastman.com>)

essas casas altamente confortáveis, completamente adaptadas às necessidades da terceira idade.

Eu falei com nosso médico, Dr. Jozef Fehér⁵⁶, sobre o trabalho de Perkins, pois o Dr. Fehér pensava em construir algo semelhante. Também com Wolfgang Sauer⁵⁷, do qual éramos igualmente amigos, troquei algumas ideias sobre o assunto.

Quanto mais intensamente eu me ocupava com esse tema, mais horrível ele me parecia também, pois eu conhecia um outro conceito dos países eslavos. Lá, os avós passavam o fim de suas vidas ao lado do forno, na casa que haviam construído e dado aos seus filhos. Minha avó tinha uma forma leve da doença de Parkinson. Ela sempre usava brincos de pérolas pretos que estalavam perto do forno.

Supostamente todos querem continuar a vivenciar a vida dos filhos e dos netos, especialmente a convivência entre gerações, no entanto, isso não é algo que se dê de forma descomplicada. Há irritação mútua, não há espaço para as lamúrias do idoso que se torna um estorvo e logo se sente rejeitado.

Meu marido pôde lidar com os sintomas de sua doença por um longo período. Quando isso não foi mais possível, comecei a cuidar dele em casa. Porém, com o tempo, isso foi se tornando cada vez mais difícil, até porque não era fácil encontrar pessoal apto que estivesse disposto a cuidar do meu marido permanentemente. A isso somava-se o problema das consultas ao médico. Como eu poderia visitar um dentista com ele naquele estado de saúde – especialmente em uma cidade como São Paulo?

Por volta de 2009/2010 a doença dele acabou nos levando ao Lar Recanto Feliz, que conhecemos através de Gunter Reimann, um bom amigo de meu marido, e sua irmã Gisela, que trabalhava como voluntária.

Todos os cuidados em um só lugar

⁵⁶ Dr. Jozef Fehér foi presidente do Hospital Israelita Albert Einstein de 1979 a 1995. (<http://www.einstein.br>)

⁵⁷ Wolfgang Sauer foi presidente da Volkswagen do Brasil de 1973 a 1989. (<http://www.brasilengenharia.com>)

Aqui, a visita ao médico deixou de ser um problema, pois a médica especialista trata do meu marido no quarto dele. Finalmente, tenho assistência confiável e altamente competente: médicos, enfermeiros devidamente treinados, terapeutas que estão à disposição dia e noite e, em caso de emergência, também chamam uma ambulância. Só precisa tocar uma campainha. A equipe médica – dentro da qual um médico trouxe sua própria mãe para cá – é realmente magnífica. Também fora da área médica e da enfermagem cuida-se de tudo, desde a lavanderia até o cabeleireiro.

No começo, eu visitava meu marido todos os dias, preparava pratos que ele gostava muito e trazia. Depois de um tempo, entretanto, decidi pegar um quarto para mim também, até porque eu mesma comecei a ter um problema de saúde.

Os valores mudaram com a doença do meu marido. Aquilo que me realizava antes, como colecionar botões japoneses, por exemplo, não me interessa mais, pois não posso compartilhar nada disso com ele. Antigamente cozinávamos muito, recebíamos amigos, viajávamos. Hoje, a questão da saúde deslocou-se para o primeiro plano. Aceitar essas mudanças não foi fácil para mim no início, assim como aceitar o fato de que essa será a nossa última parada.

Mas eu tenho muito o que fazer. Eu sempre olho pelo meu marido, cuja doença continua a avançar. A cada dois dias vou para nossa casa, da qual uma funcionária toma conta. Uma vez por semana, preparo um almoço para os meus netos. Sempre faço a mesa com minhas belas porcelanas, principalmente para manter vivos a tradição e os velhos tempos. De vez em quando também recebo a visita de minhas amigas.

Já faz tempo que cheguei à SBA, a esse maravilhoso oásis verde com atmosfera internacional. Várias nacionalidades diferentes vivem aqui. Faço minhas refeições com uma senhora de origem inglesa, nascida em Alexandria, com uma italiana, e com brasileiras. Pelo fato de todos aqui terem passado uma boa parte de suas vidas no Brasil, temos esse jeito – tipicamente brasileiro – alegre, leve, descomplicado e descontraído de lidar uns com os outros. Aqui, a visão geral e outras qualidades tipicamente alemãs encontram-se em uma atmosfera internacional e a nossa vida é um pouco como era antes.”⁵⁸

Capítulo 6

SBA Girassol: Um futuro para crianças e jovens

⁵⁸ Entrevista realizada em 05.07.2013 (por Esther K. Beuth-Heyer)

O girassol é uma das flores mais conhecidas e amadas em todo o mundo. Com sua forma circular e brilhante, é um símbolo de felicidade e energia positiva. O que nem todos sabem é que o girassol tem um comportamento único que o torna ainda mais fascinante: durante o dia, ele segue o sol e vai se virando devagarinho, em busca da luz. Quando necessário, as flores se inclinam para se aproximar umas das outras e evitar a sombra. À noite, elas retornam à posição original, apontando para o leste, em preparação para o nascer do sol.

Não por acaso o girassol é a metáfora perfeita para definir a SBA Girassol, instituição educacional beneficente, voltada para crianças e adolescentes, no bairro do Grajaú, zona sul de São Paulo, uma das regiões mais áridas e vulneráveis da cidade. A escolha do nome foi justamente por sua simbologia. A exemplo do girassol, a entidade busca iluminar o futuro da comunidade, por meio da educação.

A entidade acolhe cerca de 200 crianças e adolescentes de 3 a 18 anos, oferecendo educação infantil em tempo integral, no SBA Girassol Kids, e diversos cursos profissionalizantes, no SBA Girassol Pro, além de alimentação saudável, atividades de música, teatro, esportes e artesanato. Há também cursos livres e projetos para envolver os pais dos alunos e toda a família.

A SBA Residencial, por sua vez, desde 1998, garante a manutenção financeira e gestão da SBA Girassol. Para o Presidente do Residencial, Julio Muñoz Kampff, o projeto educacional espelha os valores que movem as duas instituições: Respeito, Confiabilidade, Qualidade, Responsabilidade e Sustentabilidade. *"Quando falamos de Respeito, por exemplo, esse valor se baseia em três pilares: saúde, educação e trabalho digno. O Girassol pratica esse valor, levando às crianças uma educação de qualidade, e ao adolescente, a oportunidade de aprender uma profissão. Mas o ponto fundamental é conseguir enxergar a singularidade e o potencial extraordinário de cada criança e cada jovem. Se ele puder desenvolver esse potencial, será um bom cidadão", diz Kampff.*

A história do lugar, que começou como Lar Girassol, teve início em 1992, com um grupo de voluntários liderados por Angelika Pohlmann [ver quadro], que percebeu a carência de serviços sociais na região e decidiu criar uma instituição para acolher crianças e adolescentes vulneráveis. Inicialmente, o Lar funcionava em uma pequena casa alugada, abrigando apenas algumas dezenas de crianças.

Com o tempo, a instituição foi crescendo e ganhando reconhecimento na comunidade. Em 2002, o Lar Girassol conseguiu adquirir um terreno no Grajaú e, com a ajuda de doações e trabalho voluntário, construiu uma sede maior e mais adequada. Um lugar com muito verde que, a exemplo da SBA Residencial, tornou-se um oásis em meio ao cenário cinza que predomina no bairro.

Uma década depois, uma nova legislação, contudo, trouxe demandas mais complexas para o Lar e o formato teve de ser revisto. Não podendo mais funcionar como abrigo, a partir de 2015, toda sua estrutura –física e educacional –foi adaptada para educação infantil e cursos para jovens. Algumas crianças foram adotadas, realocadas em outros abrigos ou voltaram para suas famílias.

A nova fase foi marcada por uma forte gestão na educação. O prédio do Girassol Kids, onde ficam as salas de aula, dá uma ideia do cuidado em cada detalhe. Os espaços são arejados, recebem luz natural e há até banheiros em miniatura, com pia e louças de acordo com a altura dos pequenos.

A proposta educacional é sócio-construtivista, atendendo as normas do MEC (Ministério da Educação e Cultura), mas com licença para construir junto com as crianças o processo de aprendizagem. *"Como não existe vínculo com nenhum órgão governamental, temos liberdade de pensar 'fora da caixa', para atender a comunidade com projetos não só educacionais, mas sociais"*, diz a diretora pedagógica Cleibe Pereira Viana.

Lá fora, as crianças encontram um parque colorido, entre grandes árvores e arbustos de flores, e uma horta, onde aprendem o valor da boa alimentação e às vezes colhem as verduras preparadas com capricho pela 'Tia Vera' –a cozinheira amada pelos alunos. Muitos deles experimentam, no mini refeitório, ingredientes que nunca provaram, por não ter acesso à variedade alimentar em suas casas.

Há relatos de que, ao chegar, algumas crianças comem rápido para repetir o prato, com medo de que a comida acabe. *"Aos poucos, vamos conversando e explicando que eles podem saborear devagar e repetir, que não vai acabar"*, diz a ex-aluna e hoje professora Rafaela Fonseca [veja depoimento].

"É como ter uma escola particular da melhor qualidade, mas gratuita", diz Janáina Batista Nunes, mãe de Miguel, de 8 anos, que estudou dos 3 aos 7 no Kids. *"Ele chegava em casa com aquela alegria, gostava muito das professoras, do parquinho e dizia: 'Mãe, a comida da Tia Vera é ótima'. Ele sempre foi ruim para comer, mas aqui comida de tudo"*, diz ela.

Mãe de três filhos, Janaína ainda encontrou uma oportunidade de negócio ao lado da escola. Ao perceber que não havia uma lanchonete por perto, ela montou a Janaína Lanches, no quintal de sua casa. Com a venda de salgados e hot dogs, ela mantém a família. *"O Girassol muda a vida dos filhos e das mães"*, afirma.

Janaína ainda participou do projeto Reconquista, que auxilia mulheres da comunidade a empreender e administrar seu negócio. *"Eu não tinha visão, misturava as contas de casa e da lanchonete, e eles ensinam a fazer certo."* Sua filha de 19 anos também se matriculou no curso de Auxiliar Administrativo e encontrou um novo rumo. *"Hoje ela trabalha em uma empresa grande e está fazendo faculdade de estatística"*, comemora a mãe.

Um ponto de esperança na comunidade

A história de Janaína ilustra o quanto o trabalho desenvolvido, ali, irradia para a família e toda a comunidade. Outra característica interessante da flor girassol, por sinal, é ser capaz de extrair metais pesados da terra e remediar solos contaminados. Ela também pode se comunicar com outras plantas. Por exemplo, quando um girassol é atacado por insetos, a flor emite um sinal químico para as plantas vizinhas, que aumentam a produção de substâncias que ajudam a afastar os predadores, protegendo assim todas as plantas do grupo.

O mesmo costuma acontecer com os adolescentes que participam dos cursos profissionalizantes, influenciando colegas a enxergar uma nova perspectiva. Eles podem optar entre aprender Informática e Administração, Tecnologia da Informática, Técnico Administrativo, Corte e Costura e Produção de Moda, Instalações Elétricas, Cabeleireiro e Beleza e Estética, Panificação e Confeitaria, entre outros. Os cursos de 840 horas são anuais, com metodologia do SENAI, e oferecem, além da parte prática, aulas de língua portuguesa, inglês e tecnologia. As salas são amplas e bem equipadas e a cozinha do curso de Panificação lembra um espaço *gourmet*, com máquinas de última geração.

"Não somos uma instituição assistencialista, mas de assistência e educação", ressalta Julio Kampff. *"O nosso propósito é trabalhar com a comunidade, para que possa pescar seu próprio peixe, e não oferecer o peixe. Temos a convicção de que investir no sócio-educacional é o foco para a transformação da nossa sociedade, proporcionando caminhos que favorecem a diminuição das desigualdades e a busca por igualdade de oportunidades."*

As demandas específicas da região influem nessa proposta, pois a comunidade do Grajaú é vulnerável não só na questão financeira, mas emocionalmente. *"A questão da violência urbana e doméstica conta bastante, então, procuramos mostrar a essas pessoas que elas são capazes de sair daquilo que estão vivenciando e quebrar paradigmas. A ideia é que elas entendam que podem dar um passo*

diferente do que foi dado lá atrás e construir novos registros. Porque não vamos conseguir fazê-los serem bons profissionais, se eles também não quiserem ser diferentes. Assim, trabalhamos as duas vertentes", diz Cleibe.

Como dois girassóis que se unem, em busca da luz, A SBA Residencial e a SBA Girassol têm uma sinergia, porque tanto o trabalho com idosos, quanto com crianças e jovens, são alicerces para uma vida de qualidade –seja no início ou na última etapa dela. *"Aqui estão os valores da Confiabilidade e Qualidade. Se a mãe deixa a criança na escola, se o idoso vem para cuidarmos, se o adolescente vem para aprender, temos que fazer o melhor possível", diz Kampf.*

A metáfora do girassol, afinal, sugere que é preciso encarar a vida como essa flor. Dar as costas para a sombra e se voltar para a luz. O que não significa ignorar a sombra. Ela existe e traz ensinamentos, mas a vida não deve ser norteadada pela sombra. A jornada da SBA Girassol, com seus altos e baixos e desafios para se manter, é um exemplo de como a solidariedade e o trabalho voluntário podem transformar vidas e fazer a diferença na comunidade.

A instituição, hoje, é uma inspiração para todos os que acreditam no poder da ajuda mútua e no valor da educação como ferramenta de transformação social. *"O Girassol é um ponto de luz e esperança de termos um futuro melhor", diz a professora Rafaela.*

A FUNDADORA SBA Girassol

Angelika Pohlmann – Uma idealista capaz de transformar a realidade

"Dar apoio a pessoas que precisam de ajuda sempre foi muito importante para mim. Se há a possibilidade de fazer algo, de doar algo –não importa como, onde, quanto tempo ou quanto dinheiro será necessário investir – eu me esforço para ser ativa, pois ter feito alguma coisa pelo seu próximo é uma experiência marcante.

Nasci em Gevelsberg, na Alemanha, e imigrei para o Brasil em 1977. Quando cheguei e vi a miséria de tantas crianças, tornou-se claro para mim que queria ajudar. Na época, passei a cuidar, junto com minha amiga Gabi Schmied, de crianças de rua que viviam do outro lado da represa Guarapiranga, na Zona Sul da

cidade. É quase impossível descrever as condições em que essas crianças viviam. Nós ajudamos com alimentos, roupas, medicamentos – simplesmente com tudo o que era necessário. Mas a miséria naquele lugar não diminuía, tanto que decidimos encontrar um lar novo e seguro para elas.

Por meio de relacionamentos e contatos, que se adquire com o tempo, acabamos conhecendo o representante da firma Madaus⁵⁹, ou seja, Wulf Drehfal⁶⁰. Ficamos sabendo que, por ocasião de seu aniversário de 70 anos, o senhor Madaus queria comprometer-se socialmente. Então, apresentamos nosso pequeno projeto e explicamos que gostaríamos de adquirir com urgência uma casinha própria para as crianças que viviam nas mais terríveis condições.

O senhor Madaus selecionou de fato o nosso projeto e, por fim, enviou através do senhor Drehfahl, sua doação em dinheiro.

Olhamos muitas casas até que, por fim, encontramos um terreno de 3.500 metros quadrados, no Grajaú, onde havia uma casa de fim de semana pequena e abandonada. Lá as crianças deveriam, junto com o senhor Dorival, que na época cuidava do local, finalmente encontrar um refúgio.

Levamos para aquela casa sete crianças e explicamos ao senhor Dorival que o apoiariamos através de trabalho voluntário o tempo que fosse necessário, até que ele tivesse construído uma base sólida.

Tudo começou com algumas camas beliche, panelas e uns baldes de plástico. Era sobre isso que queríamos construir. Mas, repentinamente, o senhor Dorival desapareceu –do nada, durante a noite.

Naturalmente, em um primeiro momento, minha amiga Gabi e eu ficamos chocadas. Mas imediatamente tornou-se claro que não poderíamos desistir. O começo foi muito duro e pedregoso. De início, nós mesmas ficamos com as crianças até encontrar pessoas que assumiram o cuidado do local.

Assim, as coisas se organizaram como um pequeno abrigo. Até que, no final dos anos de 1990, surgiu a ideia de integrar a Associação Lar Social Girassol à Sociedade Beneficente Alemã, a fim de obter um apoio jurídico sólido e gestão profissional. Nós finalmente recebemos esse manto protetor em 1998/1999, sob a premissa de nos mantermos autônomos e financeiramente independentes.

⁵⁹ A firma Madaus GmbH é especializada em produtos farmacêuticos à base de plantas.

⁶⁰ Wulf Drefahl conheceu Angelika Pohlmann em 1991. Com o seu apoio e através de doações do Dr. Rolf Madaus, empresário farmacêutico oriundo da cidade de Colônia, e do Clube Lions, o terreno pôde ser comprado.

Isso nós garantimos ao longo desses anos, entre outras coisas, através da fundação de uma sociedade patrocinadora na Alemanha que, junto conosco, recolhe recursos financeiros para o sustento do Lar Girassol. A comunidade de língua alemã também patrocinou nosso trabalho desde o início de forma confiável.

Uma ajuda valiosa é o apoio que recebemos na área administrativa através da SBA. Nós financiamos nosso pessoal, mas a folha de pagamento é feita por eles, com uma contabilidade separada, transparente. Na área de compras, dependendo do caso, pode acontecer de efetuarmos alguns pedidos através da SBA, pois lá, é claro, quantidades maiores são adquiridas, o que faz com que o preço fique mais baixo. Normalmente assumimos os custos pela compra. Algumas vezes, no entanto, somos beneficiados e recebemos os produtos como doação.

Desde a fundação, em 1992, muito se fez no Lar Girassol. O engajamento de numerosos voluntários é responsável por grande parte desse desenvolvimento positivo, como um importante suporte para o nosso trabalho. Entre eles, posso citar Roswitha Schirmer, que se juntou a nós em 1996/1997.

Por muito tempo cuidamos regularmente de até 50 crianças. Por causa de uma legislação que trouxe consigo custos mais altos de pessoal especializado, não pudemos abrigar novas crianças. Nossos antigos 3.500 metros quadrados foram acrescidos pelo terreno vizinho, de 1.500 metros, que compramos mais tarde.

Nesse terreno inauguramos, no dia 21 de setembro de 2003, o Centro de Formação com cursos profissionalizantes. O novo edifício foi financiado por uma campanha de arrecadação de fundos do programa de TV 'Sternstunde' da 'Bayerischer Rundfunk'⁶¹. Além da educação infantil em período integral, que oferece uma sólida base, os outros cursos fazem com que o início da vida profissional de jovens com poucas chances de receber uma formação qualificada se torne mais fácil.

Todo esse trabalho é mais que gratificante. Não se trata apenas de dar, mas de receber. A própria maneira de enxergar o mundo se transforma, aprende-se a apreciar e valorizar a vida de outra forma."

Ingo Plöger sobre Angelika Pohlmann e a SBA Girassol:

"Há mais de 30 anos Angelika Pohlmann luta por crianças e jovens com um engajamento excepcional. Por meio de seu grande idealismo e sua energia admirável, ela deu a possibilidade de um crescimento seguro a um número

⁶¹ "Bayerischen Rundfunk", também conhecida sob a sigla BR, é uma empresa de rádio e televisão pública da Baviera. O grupo gere sozinho dez emissoras de rádio e dois canais de televisão, além de outros canais em cooperação com outras empresas. A BR é membro da ARD, a organização conjunta de radiodifusores públicos da Alemanha. (N.T.)

incontável de crianças que precisavam viver sem família e, desde 2003, abriu perspectivas profissionais a jovens no Centro Profissionalizante afiliado à instituição. A ela e às muitas voluntárias que sustentam de forma engajada esse valioso trabalho deve-se grande reconhecimento.”⁶²

"Venci a timidez e descobri minha vocação"

Rafaela Fonseca, 24 anos, ex-aluna, fez faculdade de Pedagogia e é professora de inglês do Girassol Kids e do curso de Administração

"Cheguei no Girassol, aos 16 anos, para fazer um curso de preparação para ingressar no mundo do trabalho. Estava terminando o ensino médio na escola pública, a cabeça borbulhando, sem saber o que fazer. Eles ensinavam a melhorar a comunicação, a como se portar na entrevista de emprego.

Eu era super, hiper, mega tímida. Vivia num mundinho fechado, tinha dificuldade de fazer amizades. Na infância sofri bullying por ser gordinha, e aqui não tinha nada disso. Me senti acolhida. Até mesmo o 'bom dia' das pessoas era diferente, como se fosse um abraço.

Fui saindo da minha bolha e me abrindo para as oportunidades que foram aparecendo. No final do semestre, meu professor pediu para eu discursar na formatura, tremi igual vara verde, a mão gelou, mas consegui.

A Rafaela que entrou não era a mesma Rafaela que saiu. Tanto que, fiquei perdida de novo e voltei para fazer o curso de assistente de administração. Mais seis meses se passaram e eu fui para uma feira de estudantes, no Parque do Ibirapuera. Ali, eu conversando com vários profissionais, inclusive com meu professor, e me veio uma luz, decidi fazer Pedagogia.

Estávamos no estande da Unisa (Universidade Santo Amaro) e me inscrevi para o vestibular sem saber o valor da mensalidade, só segui meu coração. Meus pais sempre foram a favor da educação, me pagaram um curso de inglês aos 12 anos, que foi a minha base para dar aulas.

Em casa somos só eu e meu irmão mais velho. Minha mãe engravidou dele aos 17 anos e já trabalhava como diarista desde os 12. Meu pai foi metalúrgico, porteiro, faz-tudo. Tiveram uma vida sofrida, chegaram a morar na favela, em um barraco de madeira que alagava. Eu nasci numa fase melhor, quando eles construíram uma casa na Vila Natal, perto do Grajaú.

⁶² Entrevista realizada em 25.06.2013 (por Esther K. Beuth-Heyer)

Minha mãe falou: 'Fica tranquila, te ajudo a pagar a faculdade até você conseguir um emprego, mas tire boas notas'. Por meio do Prouni⁶³, consegui uma bolsa de 50%. Nesse mesmo período, veio a oportunidade de trabalhar no Girassol, como auxiliar de classe. Fiz o processo, morrendo de medo de não passar. Já tinha tentado trabalhar na Gol, no McDonalds, e só levei 'não' na cara.

Em 2017, iniciei aqui como auxiliar de classe no Kids. Voltei a estudar inglês e dou aulas de língua inglesa. No final de 2020, fui promovida a instrutora técnica de inglês do curso de Administração.

O Girassol transformou a minha vida e me deu a oportunidade de transformar vidas, através da educação. Hoje em dia não me vejo fazendo outra coisa. Encontrei a minha vocação. Os adolescentes aqui são carentes, a vida bate neles todos os dias. Muitas mães dizem que preferem que o filho esteja no Girassol do que na rua. Eles vêm da escola pública e quando chegam aqui percebem que podem errar sem ser julgados, que o professor aprende junto com eles.

Às vezes você pega um jovem desmotivado, sem perspectiva, do mesmo jeito que eu era quando cheguei. No final do ano, vê aquele mesmo jovem, antes fechado no mundo dele, todo desenvolvido. Tenho no braço uma tatuagem de borboleta que dedico a eles, pois chegam como lagartas, em seus casulos, e no final do curso saem como uma linda borboleta para alçar voo.

Gosto de uma frase do [escritor Mário Sérgio] Cortella que diz: 'Faça o teu melhor, na condição que você tem, enquanto não tem condições melhores, para fazer melhor ainda'. Digo isso e eles me olham com aquela cara tipo: 'como assim?'. Eu os estímulo a trabalhar com esse mínimo.

No final do ano recebi mensagens dizendo, 'Professora sua lagartinha virou borboleta', 'Entrei na faculdade', 'Consegui um emprego'. Aí, vejo aquele sorriso no rosto, aquele brilho no olho e digo: 'Por favor, não me façam chorar!'"

"O curso ampliou minha mente"

Mirella do Nascimento de Araújo, 18, ex-aluna de Administração, está se preparando para entrar na faculdade de Ciências Contábeis

"Sou filha única e fui criada por mulheres. Além de minha mãe, tenho minha avó e duas tias. Minha mãe era auxiliar de limpeza, hoje trabalha com demonstração de produtos, e sempre lutou para me sustentar sozinha. Não me deixou trabalhar antes de terminar o ensino médio. 'Dou minha cara a tapa por você', dizia.

⁶³ Programa Universidade para Todos, do Governo Federal do Brasil, desenvolvido com o objetivo de conceder bolsas de estudo integrais e parciais em cursos de graduação e sequenciais de formação específica, em instituições privadas de ensino superior.

Entrei no curso de Administração porque queria agregar algo ao meu futuro currículo e fiquei surpresa. Não é um curso que você chega, senta, escuta e sai. Você tem todo um relacionamento com os professores e vai criando amizades. Quero fazer ciências contábeis, pois matemática é a área em que mais me destaco. No curso, adorava a área de RH, aprendi a fazer folha de pagamento.

Cheguei no Girassol ignorante sobre muitas coisas, e ao longo do tempo eles nos proporcionaram passeios que me abriram a cabeça. O primeiro foi para uma feira de robótica, no Ibirapuera, em que conhecemos pessoas novas e todo aquele assunto de tecnologia. O segundo, que mais me marcou, foi para o Hotel Blue Tree. Ali, tive a dimensão de tudo o que é preciso para manter um hotel, da estrutura 'organizacional', uma das palavras que aprendemos. Eu não imaginava que quando você chega para fazer um check-in existe tanto trabalho por trás, comecei a entender e perceber as coisas além do meu âmbito natural, que há algo maior por trás, não só aquilo o que vejo.

O Girassol salva muitas mentes que passam por aqui. Muita gente entra e fala que é só mais um curso, mas quando vê o conteúdo, o apoio, o incentivo, a sua mente amplia. Muitos, por morar em comunidade, tem uma visão pequena. É um círculo de miséria, trabalham para pagar as contas e comer, não se divertem, não saem, não curtem com a família.

Aqui, com os passeios, você conhece pessoas de outros lugares, vê que nada é impossível, entendeu? Se você quer, você consegue. Só precisa ter foco. Porque quando você vive e não tem um objetivo a ser cumprido, vai viver no paralelo. No Girassol não. Você tem um plano e consegue organizar sua vida do jeitinho correto. Quero ser independente, construir o meu futuro e ter coragem, porque não é fácil acreditar nos seus sonhos. Pretendo fazer Ciências Contábeis, arrumar um emprego, ajudar minha família, e nunca, jamais, parar de estudar."

"Abri uma doceria e me supero todos os dias"

Paloma da Silva, 29 anos, confeitadeira, mãe de um casal de filhos, fez o curso de panificação e montou a doceria Doce Paixão na garagem de sua casa

"Nasci no Jardim Eliana, vizinho ao Grajaú. Minha família tinha dificuldades, éramos cinco em dois cômodos, entre um beliche e a cama de casal. Meu pai morreu assassinado quando eu tinha 3 anos, a uma quadra da casa onde eu moro hoje. Um bêbado atirou nele sem motivo.

Minha mãe trabalha numa fábrica de salgados e meu padrasto é pintor. Engravidei adolescente, e aí veio uma vida difícil, sem estudo, sem oportunidade, uma coisa

vai puxando a outra. A responsabilidade de cuidar dos irmãos era minha. Mais tarde, trabalhei como auxiliar de limpeza, copeira, vendi café na rua. Sempre tive vontade de abrir uma coisa minha, mas não sabia como. Você vê seu filho em casa, aquela luta, sai cedo e chega tarde, não tem tempo pra nada.

Quando saí do último emprego de auxiliar de limpeza, falei: 'Não vou trabalhar pra mais ninguém'. Iniciei o curso de Panificação e Confeitaria, que é maravilhoso, porque você põe realmente a mão na massa. Só que, em 2020 veio a Covid e parou o presencial. A professora gravava vídeos mostrando como fazer, nós gravávamos vídeos de casa para ver se estávamos fazendo tudo certinho.

Primeiro fiquei trabalhando em casa, fazendo bolos, doces, salgados, por encomenda. Quando voltamos às aulas presenciais, em 2021, foi pouco tempo de curso, mas proveitoso. Demos uma pincelada de cada coisa que tínhamos visto os vídeos, e decidi abrir meu negócio.

Peguei o espaço que tinha na garagem e montei a Doce Paixão. Em seguida, me convidaram para participar do projeto Reconquista, que ajuda a administrar, divulgar, e foi ótimo. Consegui até ganhar, em um concurso, uma quantia em produtos que estão me ajudando a crescer.

Uma tarde, fiquei surpresa ao receber um pessoal da Alemanha, que colabora com o projeto. Fiquei nervosa pois o lugar é simples. Tenho um balcão, uma cozinha pequena. Mas eles adoraram meu bolo de pote. Abro todos os dias, até alcançar minhas metas, pois ainda estou pagando empréstimo, mas está fluindo.

O Girassol me deu a melhor oportunidade da minha vida, me ensinou a lidar comigo mesma. O acolhimento deles para mim é surreal. Quando estou nervosa, agitada, as professoras e colegas me acalmam. Os laços continuam.

Hoje, faço bolos para aniversário, casamento. Fiz mil salgados em três dias para a festa de 1 ano do filho de uma amiga. Crio bolos temáticos, de super-heróis, TikTok e 'marmitinha', com docinhos para viagem.

O Girassol mostra que podemos ter coisas boas sem sair do Grajaú. Eu não preciso sair daqui para comer algo legal, para achar um profissional de beleza. Nós que moramos na comunidade somos vistos com outros olhos. Muitas vezes, trabalhando com limpeza, era como se eu não existisse.

Agora me sinto importante, sei que no Girassol tem pessoas que me acolhem e acolhem outras pessoas. Estou me enxergando mais, comecei a ver que posso conseguir muito mais, basta deixar meu medo de lado. Posso mostrar para meus filhos que, mesmo sendo de uma comunidade, de termos uma vida que não é um mar de rosas, eu me supero todos os dias e busco o melhor para eles."

"O Girassol me inspira, me faz acreditar nos meus sonhos"

Mellysse Rocha, 10 anos, ex-aluna da educação infantil e estudante de música, sonha em ser cantora

"Eu sou a mais velha de três irmãs. Tem a Alicia, de 8 anos, ex-aluna como eu, e a Eliza, de 5, que estuda no Kids. Moramos aqui perto, em um apartamento, com meus pais. Minha mãe trabalha com telemarketing e meu pai vende gesso, tijolos, produtos para construção. Meus avós moram em uma casa na parte de cima da nossa e meus tios e meu primo na parte de baixo da casa dos meus avós.

Meus pais consideram muita sorte a gente estudar no Girassol, porque além de ser integral, aprendemos muito. Com meus 6 aninhos já saí alfabetizada, lendo e tudo. A professora dava bastante lição, mas eram lições divertidas. Fazíamos filmes, desenhos, esculturas da Turma da Mônica, não era só ler e escrever.

Eles me tratavam como uma filha, eu amava ficar no parquinho, chamava Tia Vera de 'vó', porque ela parecia aquelas avós que fazem comida pra gente. Fazia tudo o que a gente pedia de um dia para o outro, pudim, mousse, gelatina. Agora estou em outra escola, mas voltei para as aulas de música. Nos apresentamos nas festas da escola, cantamos, tocamos e dançamos.

Reencontrei alguns amigos que estudaram comigo desde pequeninhos, a Rafaela, o Pedro, o Vanderson, a Yasmin, o Nicolas, o Lucas e a Ana. Outros foram para outras cidades e sinto falta deles, mas é a vida, né? A vida às vezes nos separa e algumas vezes nos faz voltar.

Eu canto vários tipos de música, mas o estilo que eu mais gosto é de igreja, porque são músicas calmas. Meu sonho é ser artista, então de tarde venho para cá. O meu professor disse que tenho muito talento, que meu foco deveria ser cantar porque ele acha minha voz linda.

O Girassol me dá inspiração, é um lugar que eles criaram para aconchegar crianças. Eles me dão força, como se dissessem: "Siga em frente, não olhe para trás, nunca desista de nada."

"Todos aqui trabalham com amor"

Janeide Cassiano, 34 anos, comerciante, e Quécio Cassiano, 60, corretor de imóveis, pais de de uma aluna do Kids

Cassiano: "Minha mãe, Dona Iracema, deu aulas de pintura no Girassol e eu sabia que a escola era excelente. Quando a Larissa nasceu, ela ficou em uma creche até os 4 anos, até conseguirmos uma vaga aqui."

Janeide: "Ela está no Girassol há quase dois anos e adora. Ama as coleguinhas, as professoras. Brinca no parquinho, diz que adora a sala de desenho, e fala muito bem da comida. Ontem contou que comeu picles e adorou. Nós vemos que aqui o cuidado é diferente. Quando Larissa chegou, tinha mania de roer as unhas, por uma ansiedade muito grande. Então, a escola nos chamou para dizer que iam trabalhar essa questão com atividades e em dois meses ela parou de roer as unhas."

Cassiano: "Não abro mão de trazer e buscar a Larissa todos os dias e cada dia é uma novidade. Tem uma vez na semana que eles ensinam as crianças a plantar, a mexer na horta. Ela não deixa jogarmos papel no chão, diz que aprendeu na escola que faz mal para a natureza. São pequenas coisas que a criança leva para casa e para vida toda."

Janeide: "Até mesmo com os pais há um vínculo forte, a escola está sempre promovendo eventos. No ano passado, montaram um projeto para ajudar as mães a empreenderem. Nessa época, eu fazia bordado de pedrarias e queria montar uma lojinha de acessórios para celular. No curso, fui contemplada com uma pequena quantia e investi na lojinha, a JL Acessórios. Hoje, tenho a parte de papelaria, xerox, e entrei num segundo curso, de Elétrica, para aprender a arrumar celular"

Cassiano: "O Girassol ajuda muitas famílias a progredirem. Meu sobrinho de 14 anos fez um curso de elétrica e decolou no trabalho. Esse mês ele está na Alemanha pela empresa, já foi duas vezes para os Estados Unidos. Outro dia me pediu ajuda para comprar um apartamento, tudo por ter tido essa base."

Janeide: "Temos muito a agradecer ao Girassol, que indico para todas as mães que conheço. Ficamos tranquilos, sabendo que Larissa está sendo bem-educada e bem cuidada por todos. Professores, faxineiras, cozinheiras, secretárias, não tem uma pessoa que não trabalhe aqui com amor e prazer."

"Me sinto realizada em ensinar o que aprendi"

Aélica Alves Moreira, 30 anos, costureira, ex-aluna, mãe de duas crianças, uma delas aluna do Kids, professora de Corte e Costura e Produção de Moda

"Sou de Alagoas, de uma família de costureiras. Todas as minhas tias por parte de pai costuram. Aos 9 anos, meu pai me deu um curso de corte e costura, mas era por correio e eu não conseguia entender nada. Quando me casei e mudei para São Paulo, comprei minha primeira máquina, decidida a aprender sozinha.

Meu marido é policial, mas na época era eletricitista e viemos morar no Grajaú. Coloquei na porta de casa uma plaquinha de conserto de roupas e comecei a trabalhar, seguindo vídeos do Youtube. Aprendi a fazer todo tipo de modelagem, até vestido de noiva, e entrei no curso do Girassol, para agregar mais.

Na pandemia, como as aulas pararam, pude ajudar, fazendo máscaras para a SBA Residencial. Depois comecei a trabalhar com bolsas e mochilas e amei. Criei um Instagram e eram tantos pedidos que não dava conta.

Quando me chamaram para dar aulas, eu estava com um bebezinho pequeno, ganhando mais em casa, mas o Girassol não é só um trabalho. Eu faço por amor. Em Moda e Produção, os alunos têm entre 16 e 36 anos, mas no Corte e Costura tenho uma aluna de quase 70 anos. Muitas adotam a costura como profissão, me mandam fotos das peças, comemorando: 'Consegui!'.

O diferencial do Girassol é a preocupação com o aluno. Eu fiz cursos em outros lugares e não era igual. Aqui, já vi aluno querer desistir porque não tinha dinheiro para comprar material e a escola ajudou. Existe apoio na área psicológica social, há todo um cuidado especial.

Na educação infantil, noto o mesmo cuidado no dia a dia da minha filha Aila, de 3 anos. Ela gosta do parquinho, da sala de pintura, da sala de música. Ela fala: 'Mãe, eu amo aquele negócio que faz 'dó, dó, dó'. É o teclado. Encontrei no Girassol uma família. Me sinto realizada por poder passar para frente o que aprendi."

Vivências inspiradoras

"Para onde mais eu poderia ir? A SBA é minha casa"

Helga Siewert Anger

(Caminho do Meio, SC, 24.09.1929 - São Paulo, SP, 13.10.2014)

A catarinense Helga foi cozinheira e colaboradora da SBA durante muitos anos e construiu uma vida dentro da instituição. Ali, conheceu seu marido, que também era funcionário. Os dois se casaram na capela, no topo do terreno. Por fim, quando se aposentou, foi recebida pela instituição como moradora. Festeira, Helga gostava de promover reuniões em sua casa, na alameda principal. O gerente geral Thomas Polisaitis lembra-se bem desses encontros:

"Dona Helga era uma festa! Organizava happy hours no final do expediente e fazia isso de uma forma tão legal, que as pessoas não perdiam a ocasião. Eu mesmo fui em vários, e ela meio que me 'adotou'. Quando ia à feira, trazia pastel para mim", conta.

Cozinheira de mão cheia, ela fazia sua famosa torta de maçã para vender. "Como ela tinha a beneficência e não pagava a estadia, era uma forma de ter dinheiro para as coisas dela, como arrumar o cabelo, fazer as unhas", lembra ele.

Se estivesse viva, Helga completaria 94 no mesmo dia dos 160 anos da SBA. Ela e a instituição faziam aniversário na mesma data. Tanto que, na festa de 150 anos da SBA, a ex-colaboradora teve a alegria de cortar um bolo estampado com sua foto, em sua homenagem. "Foram centenas de pessoas cantando os 'parabéns', ela ficou muito emocionada e agradecida, pois a SBA era parte da vida dela", diz Thomas.

"Meus pais nasceram já no Brasil. Os pais de minha mãe vieram da Polônia, posso me lembrar bem deles. Ainda hoje vejo minha avó em frente de casa descascando batatas. Sobre os pais do meu pai eu não sei nada.

Meus pais trabalhavam na colônia. Eu ia para escola. Só que os professores nunca ficavam, pois estávamos em uma área muito afastada. Mas de tempos em tempos tinha um lá. Aprendi a ler e escrever, mas escrever é difícil pra mim. Eu troco muita coisa. Gostava mais de ajudar na agricultura, plantava e cortava o mato. Às vezes, com duas pessoas, também serrávamos troncos bem grandes.

Com 13 anos, perdi minha mãe. Meu irmão mais novo tinha na época só três anos de idade e meu pai bebia. Nós tínhamos gado e também leite e requeijão. Eu precisei, então, trabalhar na colônia, para que pudéssemos ter arroz.

Em algum momento não deu mais. Minha tia, a irmã da minha mãe, foi nos buscar. Toda a família foi dividida: os dois pequenos e o irmão mais velho ficaram com a tia. Eu fui trabalhar em casa de família. Meu outro irmão foi para uma família que não tinha filhos e minha irmã mais nova ficou por pouco tempo com uma segunda tia que, no entanto, a mandou de volta quando a confirmação legal estava para sair. Minha irmã viveu com uma outra família, até que se casou e veio para São Paulo. Nós sempre mantivemos contato, até a sua morte.

Primeiro fui empregada de uma família em Blumenau. Em seguida trabalhei para a filha da minha primeira família em Joinville e criei seus dois filhos. O menino era muito apegado a mim. Depois trabalhei por muitos em casas de família, uma em

São Caetano e duas em São Paulo, capital. Até que me mudei por dois meses para a casa da minha irmã, que tinha acabado de se casar.

Eu não queria ficar sem fazer nada na casa da minha irmã. Um dia, encontrei uma conhecida na feira. O irmão dela, que era motorista na SBA, acabou sugerindo que eu me apresentasse. Em 2 de maio de 1984, comecei como cozinheira na SBA. De passagem, descobri a arte de cozinhar, começando com massas fermentadas, o que faço até hoje.

Quando, num dia qualquer, cansei de cozinhar, quis procurar outro trabalho, mas me disseram na época que na SBA havia trabalho suficiente a ser feito. Então fiquei e mudei para a limpeza. Naquele mesmo tempo comecei a cozinhar em grandes quantidades. Na época todo mês fazíamos um “Café Colonial”, como é de costume no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina. Eu assava 26 bolos e tortas a cada vez, sempre torta de maçã e bolo floresta negra.

Para a festa junina cheguei a assar 12 tortas, 6 de morango e 6 de nozes. Antes eu tinha uma cozinha extra. Desde a reforma cozinho na minha casa. Quando a quantidade é grande, termino de fazer os bolos aqui. Apenas termino de assá-los na cozinha. Os outros empregados também fazem encomendas sempre que precisam de um bolo. Tenho muitos clientes fiéis.

Depois do trabalho na cozinha e na limpeza, também trabalhei na lavanderia. Faço isso até hoje. Limpo tudo na minha casa também. Trabalho também no meu jardim e varro o caminho na frente de casa.

Quando me aposentei oficialmente em 1998, pude ficar na SBA. Para onde mais eu poderia ir? Não tenho mais ninguém. A SBA é a minha casa.

Eu ainda me lembro bem dos presidentes da SBA, do senhor Hellner⁶⁴, esse era um homem amável. Ele sempre ia com uma concha de feijão pra cozinha e ficava olhando o que tinha nas panelas. Eu gostava dele, todo sábado ele estava aqui. Uma vez fizemos uma excursão para o sítio do senhor Endlein⁶⁵. Também me lembro bem desse dia. Se tinha uma festa, o senhor Endlein trazia os bancos.

⁶⁴ Heinz Hellner: Presidente da SBA de 1959 a 1985, antes disso foi membro da presidência de 1954 a 1958. (Nota da redação)

⁶⁵ Wilhelm K. Endlein: Presidente da SBA de 1986 a 1991, antes disso foi membro da presidência de 1968 a 1985. (Nota da redação)

E o senhor Pohlmann⁶⁶, ele era louco por minha torta de maçã, dona Angelika, sua mulher, também.

Eu sempre me senti muito bem na SBA e tive muitos contatos. Aqui conheci o meu futuro marido, João Guilherme Anger, que vinha de Gdańsk. Fomos amigos durante muito tempo. Ele ficou 14 anos aqui, e os amigos da sua mulher, que morreu mais tarde, moraram aqui.

Nós fazíamos muitas coisas juntos – com o maior respeito do mundo!⁶⁷ – até que um dia, à beira da praia, ele disse: ‘Eu queria te perguntar uma coisa, mas você não precisa responder agora, pode pensar primeiro: Você quer casar comigo?’. Eu fiquei surpresa, pois ele sempre dizia que não queria se casar de novo. ‘Ah, Helga’, ele disse, ‘Para quem vou deixar os meus bens quando eu não for mais eu?’.

No dia 27 de maio de 2006, nos casamos no religioso na capela da SBA. O padre, que João conhecia, veio de Santa Catarina. Foi um tempo maravilhoso com meu marido que faleceu em 23 de fevereiro de 2009, aos 89 anos. Mesmo durante o nosso casamento eu continuei trabalhando. Ele me visitava frequentemente no trabalho, ficava dez minutos e voltava a fazer suas coisas. Que bom que ainda tenho meu trabalho e meu lar, a SBA.“⁶⁸

Capítulo 7

O valor do voluntariado

O voluntariado desempenha um papel fundamental na sociedade, e sua importância torna-se ainda mais evidente em uma instituição para idosos. "Não é fácil encontrar pessoas que queiram trabalhar com idosos. A maioria prefere lidar com crianças e jovens. Por isso, nosso voluntário é ainda mais especial", diz Vivian Manasse, Diretora de Voluntariado da SBA.

A palavra voluntário significa "agir por vontade própria". E não poderia ser de outra forma em uma atividade que consiste em visitar as pessoas, fazer companhia, conversar e colaborar nos eventos de socialização. Um trabalho que

⁶⁶ Karlheinz Pohlmann: Presidente da SBA de 1992 a 1997, antes disso foi membro da presidência de 1980/81 a 1992. (Nota da redação)

⁶⁷ A entrevista foi realizada em alemão. A expressão “com o maior respeito do mundo” foi uma das poucas em português.

⁶⁸ Entrevista realizada em 05.07.2013 (por Esther K. Beuth-Heyer)

envolve a doação de um bem precioso – o tempo –, além de energia e habilidades para ajudar aqueles que mais precisam.

Mesmo morando em um ambiente confortável, em meio a natureza, recebendo todos os cuidados necessários, muitos idosos sentem solidão, o que pode afetar negativamente sua saúde física e mental. *"A presença dos voluntários proporciona uma nova fonte de interação social, estabelecendo conexões significativas e reduzindo essa sensação de solidão"*, diz Vivian.

Ao participar de conversas, atividades recreativas ou simplesmente ouvindo histórias, os voluntários trazem alegria e afeto, contribuindo para o bem-estar dos moradores. Muitos deles enfrentam também desafios físicos e podem precisar de assistência em pequenas tarefas, como caminhar até o refeitório ou participar de um jogo de damas ou xadrez. Os voluntários oferecem suporte prático, fazendo companhia e contribuindo para sua independência.

Atualmente, a instituição conta com uma equipe de 15 voluntários e voluntárias –cerca de 80% são mulheres. Todos eles, contudo, vestem cor-de-rosa, para serem identificados. Os homens usam uma camiseta e as mulheres podem escolher entre a blusa ou um jaleco do mesmo tom rosa claro. *"Em um Residencial onde a visão dos moradores não está mais tão boa, as cores ajudam muito na identificação."*

Estabelecer o uniforme foi uma das primeiras ações da gestão de Vivian Manasse, quando assumiu a diretoria do setor, em 2015. Filha de alemães-judeus, ela foi criada no Rio de Janeiro, convivendo com essas duas culturas. *"O voluntariado é uma tradição da minha família. Minha mãe era voluntária no lar de idosos judaico-alemão no Rio, e vejo que a cada dia estou mais parecida com ela."*

Formada em Direito, Vivian se casou com um engenheiro e morou na Alemanha por dois anos. De volta a São Paulo, trabalhando em uma empresa alemã, expressou o desejo de colaborar com alguma instituição da comunidade. Um amigo seu recomendou a SBA. *"Ele me disse que era um lugar onde as pessoas atuavam com o coração e não visando negócios, mas pensando em devolver para a sociedade um pouco do que recebem. Cheguei de peito aberto, já como conselheira, fazendo parte da Diretoria"*, lembra ela.

Naquele 2015, Weber Porto era o Presidente e se via às voltas com diversos desafios, entre eles, modernizar a área do voluntariado. Tendo sua mãe como

moradora da instituição (até ela falecer, em 2007), Porto se voluntariou na Presidência por seis anos e segue comprometido com a SBA, como membro no Conselho. Ele se recorda que, na época, teve de reestruturar a área tributária e fazer uma série de reformas, melhorando tanto a assistência quanto às habitações, a fim de elevar as taxas de ocupação. *"Evoluímos no processo da Governança e começamos a incentivar um grupo de voluntários, coordenado pela Vivian, que realiza um excelente trabalho até hoje"*, diz ele.

Até então, havia um coletivo de senhoras que organizava bazares e festas, mas não era estruturado ou aberto a novos voluntários. Para atrair outros colaboradores, a nova gestão fez um trabalho de divulgação nas igrejas da vizinhança. Vivian, então, se debruçou sobre vários modelos de voluntariado, inclusive o do Hospital Israelita Albert Einstein. *"Tivemos uma consultoria e nos espelhamos no modelo deles, que é super elogiado, mas com adaptações, porque somos de outro tamanho e temos outras demandas"*, conta.

O Einstein, por exemplo, pede que o voluntário tenha oito horas semanais disponíveis, e conta com uma fila de espera de candidatos. A SBA é mais flexível. *"Perguntamos quantas horas a pessoa pode disponibilizar e tentamos encaixá-la em uma função que caiba nesse tempo."* Depois da entrevista com uma psicóloga [veja quadro], os calouros passam por um breve curso. Entre as vivências, há algumas em que se colocam no lugar do idoso. *"Eles usam um peso nas pernas, para perceber a dificuldade de andar. Sentam-se na cadeira de rodas, têm os olhos vendados e os ouvidos tampados, para sentir como é não poder se locomover, enxergar ou ouvir como na juventude."*

Fonte de motivação

A função maior do voluntário, tanto nas visitas como nas atividades, é motivar o morador, seja por meio de conversas ou com a missão de tirá-lo de sua casa ou apartamento, trazendo-o para a socialização. Eles ajudam nas festividades como Natal, Páscoa, assim como na Páscoa Judaica, criada para promover a inclusão dos residentes judeus. Bingo, carteados, xadrez, artesanato, concertos de piano, estão entre as atrações de lazer. *"Na nossa visão, quanto mais eles participarem dos eventos sociais e recreativos, melhor"*, diz Vivian.

Conquistar a confiança do idoso é um dos maiores desafios. José Donizeti de Campos, de 67 anos, voluntário há seis anos, lembra-se que, quando iniciou nas visitas, sentiu resistência de alguns moradores, principalmente dos homens. *"Havia um senhor, um dentista renomado, que não acreditava que eu fazia aquilo sem retorno financeiro"*, lembra ele. Um outro demorou a aceitar uma visita, até

que marcou um horário. *"Ele me atendeu da janela, eu fiquei na calçada, mesmo assim, conversamos por 40 minutos."*

Importante ressaltar que o idoso tem total liberdade para querer ou não receber a visita do voluntário. *"Um dos nossos preceitos é não forçar nada"*, diz Donizeti. Mas quando a relação se estabelece naturalmente, ambos acabam desfrutando da convivência e aprendendo um com o outro. Os assuntos, em geral, giram em torno da trajetória de vida, da família e de fatos marcantes. Ouvir a mesma história várias vezes é outro desafio. *"Eles gostam de contar o mesmo episódio e eu digo: 'É mesmo? E o que aconteceu depois?'. Mesmo conhecendo a história, é preciso fazer de conta que é a primeira vez"*, diz ele.

A confiança se revela em pequenos detalhes, como quando uma moradora de 91 anos pediu que Donizeti a conduzisse pelo braço até o refeitório. *"Senti que ela me vê como um amigo."* Para acompanhar quem já teve pressa, e agora anda devagar, o voluntário também precisa diminuir o passo. *"Tive que aprender a andar em câmera lenta, para que a caminhada seja agradável."*

Interagir com idosos, de acordo com Donizeti, ajuda a desenvolver empatia, paciência e compreensão. Essa troca intergeracional enriquece a vida também dos voluntários e ajuda-os a ganhar uma nova perspectiva sobre o envelhecimento e a importância do cuidado e respeito pelos mais velhos. *"As histórias de vida são ricas. Aprendemos com as experiências e a sabedoria que eles acumularam ao longo dos anos."*

Projeto Entre-Linhas

Um momento marcante para o voluntariado foi a pandemia da Covid-19, em 2020. Com o isolamento social imposto pela doença, perdeu-se a conexão presencial. Para complicar ainda mais, no caso dos idosos, a comunicação digital é complexa. *"O idoso em geral recebe um celular antigo, não sabe lidar com o som, não consegue ouvir direito, então, toda a solução digital que o resto do mundo encontrou para adultos e crianças, para eles não funcionava"*, lembra Vivian.

Depois de três meses lidando com o problema, ela teve um insight: *"Resolvemos descartar todas as tentativas digitais e apostar em uma solução analógica: voltar às boas e velhas cartas."* Assim nasceu o projeto Entre-Linhas, que consiste em parear um morador com um voluntário que escreve cartas, promovendo uma troca de correspondências.

O projeto deu tão certo que continua em vigor. Uma vez por mês, os voluntários escrevem cartas no computador. Os temas passam por uma pré-leitura, uma espécie de curadoria, por recomendação dos psicólogos de não enfatizar certos temas delicados. Depois de impressas, as cartas ganham envelopes bonitos e são entregues aos destinatários pelo staff da SBA.

Vivian participa do projeto, trocando emails com o sr. Giorgio Gambirasio [*ele é um dos moradores que conta sua história em "Vivências inspiradoras"*], um dos poucos familiarizados com o computador e que costuma responder às cartas. Os assuntos envolvem viagens, literatura, filosofia. Embora a maior parte dos idosos não responda, é possível saber, pelos relatos dos funcionários, que as cartas são bem-vindas. *"Quando eles começam a perguntar 'Cadê a carta?', é um feedback de que estão gostando, pensando que alguém lembrou deles e têm uma razão para esperar por algo."*

Por outro lado, é preciso administrar a ansiedade de quem não recebe resposta. *"É uma generosidade genuína, pois os voluntários têm de continuar acreditando que estão fazendo a diferença. Alguns moram em outro país, e seguem escrevendo."*

"O voluntariado cura"

Olhando para os 160 anos da SBA, a Diretora do Voluntariado acredita que a longevidade da instituição está ligada à capacidade de renovação da diretoria e a uma mentalidade sustentável, no sentido da palavra sustentação. *"É importante que ela tenha continuidade, sobreviva, que tenha compromisso com sua missão atual e com as gerações anteriores. Existe uma solidez cultural, uma solidez de intenção, uma administração séria, inclusive quando necessário pedindo apoio à comunidade alemã internacional. Temos pessoas que usam a sua credibilidade pessoal para reforçar nossa imagem, seja da SBA, seja da Girassol."*

A simpatia da equipe é mais um ponto alto, que favorece o bem-estar como um todo. *"O fator humano faz muita diferença, e não no sentido de tratar o idoso como criança. Temos um ambiente carinhoso, humanizado. Isso é a mais pura verdade. Todos se cumprimentam, eu diria que há uma cordialidade por contágio."*

Na área do voluntariado, captar novos colaboradores continua sendo uma missão e tanto. *"Para fazer tudo o que gostaríamos de fazer, precisaríamos do dobro de pessoas"*, diz Vivian. Proporcionar um ambiente seguro, respeitoso e inovador para a equipe de voluntários é outra preocupação. *"Não quero nada*

abaixo da excelência. Me orgulho de ter um grupo esforçado, às vezes até sobrecarregado, mas que se dedica de coração."

Ouvir elogios dos familiares é a maior prova de que estão no caminho certo. "É algo difícil de medir, mas nos comunica que estamos gerando um impacto positivo na vida do idoso, o que também vem com muita responsabilidade."

Uma grande satisfação também veio do voluntariado do Hospital Albert Einstein, que depois da pandemia solicitou à SBA um intercâmbio para implantar o modelo do projeto Entre-Linhas. *"Mais uma prova de que estamos desenvolvendo com excelência o nosso próprio DNA de voluntariado"*, diz Vivian.

José Donizeti, hoje coordenador do voluntariado da SBA, é um dos colaboradores do Entre-Linhas que escreve cartas nunca respondidas [ver quadro]. Mas diz não se importar. O voluntariado, afinal, mudou sua vida. Depois de se aposentar como engenheiro civil, ele teve depressão. Começou a fazer terapia pelo SUS, com uma psicóloga que trabalhava na SBA. Assim fez-se a ponte. O trabalho fez tão bem que ele teve alta da terapia antes de dez sessões. *"O voluntariado cura, atua no subconsciente. Se por alguma razão não vou, sinto falta"*, diz ele.

"Recebo mais amor do que dou"

Marlis Hanna Braun, 76 anos, administradora de empresas aposentada, voluntária de visitação e das atividades de bingo, festas e artesanato, confeccionando lembrancinhas para datas comemorativas

"Conheço a SBA há um bom tempo, porque meu avô de 90 anos morou no Residencial até seus últimos dias de vida. Depois tive um tio com problemas respiratórios, que aos 60 anos precisou de cuidados. Na época, ele doou duas casas para a

instituição, que o acolheu por mais de dez anos.

Eu sempre quis fazer trabalho voluntário, mas minha profissão não deixava. Fui administradora e secretária executiva em várias empresas pelo Brasil. Trabalhei em Belém (PA) e em João Pessoa (PB). Até que minha filha me pediu para eu voltar para São Paulo e, como eu já era aposentada, senti que era hora de parar.

O acolhimento da SBA é especial. Em João Pessoa, cheguei a visitar um asilo público por um tempo e era triste. Não havia estímulo algum. Me falaram de um senhor acamado que não levantava para nada. 'Pode gastar sua lábia que ele não sai da cama', disseram. Eu fui, conversei bastante e falei: 'Topa ir a capela comigo rezar?' Ele respondeu: 'Topo!'. Basta ter estímulo, contato humano.

Certo dia, depois que parei de trabalhar, fui à feijoada da SBA com amigos e conheci o Alexandre (de Souza, gerente de atendimento) e me candidatei. Eles me mandaram um email, fiz um cursinho e comecei a visitação dos moradores de língua alemã. Na época, em 2015, eu era a única voluntária que falava a língua.

Me lembro bem de uma senhora, dona Margot, que me viu conversando com outra moradora e me perguntou se eu podia visitá-la. Ela me escolheu. Comecei a visitá-la às quintas-feiras, às 15h. No primeiro dia, mostrei a ela um vídeo de patinação no gelo, com atletas russas. Ela se encantou e pediu que eu pegasse uma pasta na sua estante. Dali, tirou um artigo e me pediu para ler. 'Na próxima quinta-feira, vamos discutir', falou.

Foi uma relação de amizade bonita, que muito me acrescentou. A cada semana ela propunha um tema e conversávamos. Aprendi com dona Margot que no voluntariado a gente tem que deixar o idoso nos direcionar e não controlar a conversa. Somos um instrumento para que ele se sinta à vontade, possa desabafar, confiar seus segredos de vida. Porque há uma solidão grande.

É comum ouvir: 'Meu filho não vem me visitar, minha família me abandonou.' Conversar é uma maneira de motivá-los e dizer: 'Não desista da vida'.

Também colaboro com os eventos, junto com outros voluntários, fazendo lembranças de artesanato. Fazemos máscaras de Carnaval, cestas para ovos de Páscoa, cestinhas de Halloween. Na pandemia, a gente preparava uma parte da

peça e enviava para os quartos, para os moradores darem o acabamento. Era uma forma de entretê-los e fazê-los participar.

Também confecciono lembranças para os aniversariantes do mês. Coisas como cachecol, gola de aquecer etc. Ou então enviamos flores. A SBA oferece uma pequena verba para o material, mas sempre que posso eu complemento.

No bingo que acontece uma vez por mês, a frequência é boa e fazemos duas rodadas. Eu canto os números e premiamos os vencedores com pequenos brindes, como difusor aromático, álcool em gel, conjunto de manicure. Procuramos envolver as cuidadoras, sorteando brindes específicos para elas, para que elas também participem.

Com o tempo, a partir do convívio, estabelecemos uma troca forte, que às vezes demora. É preciso tempo para ganhar confiança. Muito importante ter paciência para ouvir, muitas vezes a mesma história. Eu já sei, mas digo, "Como assim?", e sempre aparece um elemento novo.

Ouvir é mais importante do que falar. Minha recompensa é vê-los motivados, contentes, agradecidos. Isso é o que importa. Recebo mais amor do que dou."

Carta ao Morador - Projeto Entre-Linhas

São Paulo, 3 de março de 2021

Prezado Alberto, como você está? Espero que esteja bem.

Sou o Donizeti, integrante do voluntariado da SBA.

Continuamos no novo ano e por enquanto permanecemos com incertezas com relação a esse vírus que chegou.

A equipe de apoio administrativo da SBA informou que os moradores e os colaboradores receberam a segunda dose da vacina do Covid-19. Espero

que após a aplicação dessa segunda dose da vacina o Sba Residencial seja liberado para visitas nossas, voluntários, e principalmente dos familiares.

Apesar de estarmos vacinando estamos passando por uma situação bastante delicada. O vírus retornou com um poder de contaminação muito maior, portanto voltamos praticamente à estaca zero. Ou seja, estamos como no início da pandemia há um ano atrás. As restrições quanto ao isolamento social continuam bastante rígidas. A cidade de São Paulo está com uma espécie de toque de recolher entre as 23:00 e 5:00 h do dia seguinte.

A meu ver o governo do Estado está totalmente perdido. Ele politizou a doença e agora não sabe mais o que fazer.

Mês passado o seu Palmeiras disputou o torneio Mundial de Clubes de Futebol no Qatar e para variar foi um fiasco, não passou da primeira fase. Perdeu para a equipe do Tigres do México. Voltou mais cedo para casa.

Resumindo: O PALMEIRAS NÃO TEM MUNDIAL.

Espero encontrá-lo em breve.

Grande abraço,

Donizeti

Passo a passo para ser voluntário

Perfil:

Ter 21 anos ou mais.

Disponibilidade de 4 horas semanais para se dedicar ao trabalho e a treinamentos.

Processo seletivo:

Palestra para Captação de novos voluntários.

Preenchimento da ficha cadastral.

Dinâmica de grupo para seleção dos candidatos.

Agendamento para Treinamento, Integração e Credenciamento.

Treinamento sobre o perfil dos moradores e abordagens

para interagir com os idosos.
Apresentação das Normas, Condutas e Atividades realizadas pelo Voluntariado.
Assinatura dos Termos do Voluntariado da SBA.
Definição dos setores para atuação.
Entrega do crachá e uniforme.

Vivências inspiradoras

"Quem pode viver na SBA é uma pessoa bem-aventurada"

Rosa Schatz Langer

(Telfs-Tirol, Áustria, 16.08.1921 - São Paulo, SP, 12.01.2020)

O relacionamento da austríaca Rosa com a SBA começou como doadora. Mas quando sentiu a idade avançar, ela e seu marido decidiram que era a hora de receber os cuidados da instituição. *"Era uma senhora miudinha, daquelas que se cuidam muito, sempre arrumada, extremamente educada, que gostava de conversar em alemão"*, lembra Thomas Polisaitis. Ela deixou valores para a instituição ainda em vida. *"Viveu na SBA até o fim, sempre falante, e foi se apagando aos poucos, como uma vela, de forma serena"*, lembra ele.

"Quando imigramos para o Brasil, em 1934, meus irmãos e eu tínhamos entre 4 e 22 anos de idade. Eu era a sétima filha (entre 11 irmãos) dos meus pais, que eram donos de uma fazenda. Meu pai, que sempre foi muito interessado em política, temia uma guerra na qual seus filhos seriam recrutados. Essa preocupação fez amadurecer a ideia de uma imigração."

Um anúncio em um jornal despertou sua atenção. Nele, um senhor de Blumenau prometia seu apoio a quem desejasse imigrar. Por conseguinte, meu pai enviou, em 1932, dois de seus filhos para o Brasil. Nas proximidades de Blumenau, havia terra a ser vendida e meus irmãos deveriam adquiri-la e preparar a realocação de toda a família.

Em 1934, dois anos mais tarde, em um grupo de 60 pessoas liderado pelo ministro Andreas Thaler⁶⁹, finalmente nos pusemos a caminho de Treze Tílias no estado de Santa Catarina. Viajamos no navio 'Oceana', até o Rio de Janeiro, depois seguimos com um barco a vapor até o Rio Grande do Sul. Em seguida, viajamos mais dois dias de trem até que, finalmente, precisamos seguir viagem a pé.

Caminhamos por muito tempo pela selva e ninguém conhecia o caminho.

Uma noite, de repente, apareceram homens a cavalo com chicotes. Ficamos com muito medo e tememos que tivessem a ver com índios. Mas eram nativos que não nos fizeram nenhum mal.

No dia seguinte, nós, crianças (na época eu tinha 13 anos), e os mais velhos seguimos, a uma distância de pelo menos 20 quilômetros, um carro de boi completamente carregado.

Em Treze Tílias, fomos primeiro levados para um acampamento. Logo meu pai comprou, a um quilômetro de distância do centro, três colônias (30 alqueires⁷⁰), alguns bois e porcos e um pônei para nós, crianças.

Tão grande foi a alegria pelo animal. A vida em Treze Tílias, em compensação, era extremamente penosa, mais dura do que muitos haviam esperado. Até mesmo eu, apesar dos meus 13 anos, precisei trabalhar duro.

A saudade de casa era grande e minha mãe disse uma vez que, se houvesse uma ponte do Brasil para o Tirol, ela iria de joelhos para casa. Para consolo de minha mãe havia o meu irmão deficiente mental, com o qual ela tinha uma relação próxima. Ela já tinha perdido um outro filho, pois um dos dois irmãos, que tinham vindo para o Brasil primeiro, por saudade de casa e desespero, ainda antes da nossa chegada, tinha tirado a própria vida. Para todos nós isso foi um grande golpe.

Quando completei 16 anos fui, como muitas jovens moças na época, para São Paulo, a fim de trabalhar em casa de família. Trabalhei em diferentes casas, tive o meu sustento e aprendi, paralelamente, a língua do país. No começo foi difícil pra mim com o português. Tanto que uma vez me pediram para trazer papel higiênico e eu trouxe, em vez disso, gelo.

⁶⁹ Olhar quadro.

⁷⁰ Um alqueire paulista corresponde a 2,43 hectares. (<http://en.wikipedia.org/wiki/Alqueire>)

Sempre que podia, visitava minha família, e minha segunda casa, Treze Tílias. Para mim era sempre uma grande alegria ver quão bem os cerca de 800 colonos austríacos seguiam em frente e preservaram suas tradições culturais.

Eu estava contente com minhas atividades no trabalho doméstico, porém despertou em mim o desejo de me desenvolver mais e seguir uma profissão de futuro. Então me inscrevi como aprendiz de cabeleireira em um salão. Como fazia tudo com facilidade, em pouco tempo pude eu mesma atuar como cabeleireira, ganhando mais. Esse passo adiante fez com que eu me sentisse rica e feliz. Pelo menos por um curto espaço de tempo, pois naqueles dias tranquilos eu soube que minha irmã Anna, aos 22 anos, tinha morrido de febre puerperal, pois em Treze Tílias não havia assistência médica.

O primeiro filho da minha irmã tinha, naquele momento, apenas um ano e meio. Minha mãe cuidou da pequena criatura até os 14 anos. Depois eu acolhi a criança em minha casa até o meu casamento.

Eu tinha em São Paulo duas irmãs mais novas. Um irmão vivia em Rondônia, no nordeste do Brasil. Nesse meio tempo já tinha também muitos sobrinhos.

Com duas de minhas irmãs, finalmente visitei o Tirol. Foi um grande acontecimento, pois em Telfs fomos saudadas pelo prefeito e encontramos todos os parentes, amigos e conhecidos novamente.

No ano de 1952, Franz Langer, um tcheco, veio para São Paulo. Eu o conheci em 1953. Pouco tempo depois, mais exatamente, três semanas depois, nós nos casamos. Por um curto período continuei trabalhando como cabeleireira. Franz era ferramenteiro.

Em 1955, decidimos montar uma pequena fábrica de metal. Fazíamos peças para a indústria. Agora eu não tinha mais que fazer cachos, mas trabalhar metal. Não foi tão fácil, mas eu me saí muitíssimo bem. No começo o dinheiro era pouco. Depois de um tempo, porém, o negócio foi tão bem que em 1964 pudemos ir para Europa visitar a família do Franz, que eu não conhecia até então.

Filhos nós não tivemos. Um sobrinho, que era muito esforçado, nos ajudava na fábrica. Foi ele também quem assumiu o negócio quando meu marido e eu paramos em 1995.

Em todos esses anos pudemos manter uma vida estável. Em 1965, encontramos um belo pedaço de terra em Cotia, perto de São Paulo. Nesse grande terreno de 11.000 metros quadrados construímos para nós um pequeno paraíso. Com nossos dois pastores alemães e muitos amigos e parentes vivenciamos ali muitas horas felizes.

No entanto, nos tornamos mais velhos e mais doentes. Eu sofri um AVC e perdi com isso a visão de um olho. Na idade de 90 anos, Franz também teve um AVC e precisou passar um mês no hospital. Os problemas tornavam-se mais frequentes, apesar de termos um caseiro e pessoal de enfermagem.

No ano 2000, eu decidi ir com meu marido, que era 10 anos mais velho que eu, para a SBA. No começo foi difícil para o meu marido, ele ficava muito nervoso, em certas ocasiões até maldoso e extremamente inquieto de noite. Depois de um tempo, sua situação melhorou. Até sua morte, em 2008, ele teve excelentes cuidadores que dispensaram a ele muita dedicação.

Eu, pessoalmente, aproveitei desde o começo as liberdades e possibilidades que o local me propicia. Todos os dias, desde manhã cedo até à noite, programas são oferecidos, desde cursos até excursões. Eu mesma me interesso por filmes e tenho uma coleção grande. Há mais de dez anos começamos a exhibir esses filmes regularmente no auditório.

Agora, que tenho me tornado mais esquecida e às vezes não me arranjo muito bem sozinha, sinto-me segura aqui. Sobre minha cama, perto da porta e no banheiro encontra-se um sistema de alarme. Se eu o toco, um enfermeiro vem imediatamente, dia e noite. Além disso, há algum tempo tenho uma acompanhante que me ajuda diariamente, das 8h às 16h. Aquele que pode viver aqui na SBA é uma pessoa bem-aventurada.”⁷¹

⁷¹ Bases: *Die Zeitung unseres Heims, Lar Recanto Feliz*. São Paulo, Ano 07, n. 26, 1º de julho de 2003 (Entrevista realizada por Henrike Seuthe Puka) e entrevista realizada em 27.06.2013 (por Esther K. Beuth-Heyer)

Capítulo 8

Sustentabilidade financeira

A Sociedade Beneficente Alemã nasceu com um perfil filantrópico, os parceiros mais abastados da comunidade europeia, em São Paulo, ajudavam os que tinham mais dificuldades. A manutenção das instituições com esse perfil exige empenho corajoso e muita prontidão para doar. Uma longa série de homens e mulheres atenderam a esse chamado de mãos estendidas e coração aberto, por décadas, e seguem inspirando novos doadores e colaboradores.

No passado, a assistência de saúde era feita por médicos que apoiaram a SBA com grande engajamento e, em parte, continuam apoiando. Como representantes, podem ser citados aqui: Dr. Hartmut Grabert, Dr. Klaus Dieter Struben, Dr. Friedrich T. Simon, Dr. Ralph Christian, Dr. Ernst Werner e Dr. Herbert Oltrogge, Dr. Hans Heinrich Kedor e a Dra. Helga Mickenhagen.

No entanto, os sinais visíveis da solidariedade e do pensamento comunitário, no sentido de ajudar o próximo, nem sempre são valorizados como deveriam. As instituições filantrópicas, assim como as religiosas, são muitas vezes tidas como se funcionassem naturalmente, por obra divina ou do acaso. Mas na verdade deveriam provocar espanto e admiração, diante de tanta prontidão para o sacrifício pessoal de tempo e dinheiro. É necessária muita perseverança para alcançar objetivos idealistas, criar lares para idosos e crianças, ginásios e quadras esportivas, albergues para os sem-teto e tantos outros locais de assistência a pessoas socialmente vulneráveis.

Em sua jornada de 160 anos, a SBA se deparou com inúmeros desafios para se manter e acolher seus idosos que, com o tempo, se intensificaram. Atualmente, toda organização precisa apresentar uma sustentabilidade financeira – algo diferente de 20 ou 30 anos atrás, quando as doações eram a máxima para sua existência. Com o passar dos anos, a manutenção da gratuidade na estadia dos moradores se tornou mais complexa.

Hoje, a entidade precisa sustentar a si mesma, o que faz sem perder de vista a missão de seus fundadores. Como a SBA é uma associação de utilidade pública sem fins lucrativos,

todo o saldo positivo é reinvestido. O primeiro grande reinvestimento beneficia, de acordo com o propósito do seu estatuto, aqueles que não podem assumir sozinhos os custos de moradia no SBA Residencial. Cerca de 10 a 20 por cento da receita é permanentemente direcionada a esse grupo, ou seja, cerca de um terço da receita é destinado aos idosos que não podem bancar a mensalidade.

Dessa forma, são as contribuições dos moradores que pagam integralmente para passar sua velhice no Residencial e assim possibilitam à organização oferecer os mesmos serviços às pessoas que não têm condições financeiras para isso. No ano de 1992 foi fundada o Residencial o SBA Girassol uma instituição de Educação no bairro do Grajaú, e sua estrutura de Governança e gestão é feita pelo SBA Residencial, e corpo Diretivo e de Conselho busca fundos, doações para o SBA Girassol, podendo oferecer gratuitamente a comunidade Educação Infantil para crianças e formação técnica para jovens com objetivo de dar a estas pessoas Educação e formação,

Antigos e novos sustentadores

Nos anos de 1960, através de empresas como a Volkswagen e a Mercedes, surgiu uma nova geração de gestores e colaboradores vindos da Alemanha. Suas famílias tornaram-se parte da comunidade alemã, trouxeram sua identidade e sua herança cultural. Siemens e Bayer que atuam há muito tempo no Brasil, também colaboram. Também as empresas de médio porte que chegaram nos anos de 1970/80 envolveram-se desde o início. Assim, a SBA contou por muito tempo com os "velhos sustentadores" e por fim os "novos sustentadores" –estes mais raros, com passar anos surgiram amarras trazidas por novas legislações, o que resultou em uma maior dificuldade para parcerias de doações com empresas.

"Hoje em dia é muito mais difícil para as empresas, especialmente para as grandes, engajar-se em uma causa social de forma flexível, levando em conta as estruturas de Governança e os novos parâmetros ligados à doação.", diz Nina Plöger, diretora das áreas de Comunicação e MKT e membro do Conselho da SBA.

Ela explica: "No caso das alemãs, uma estrutura de Governança mais rígida, clara, demonstrando lisura, faz ganhar a aprovação com a matriz na Alemanha. Nas empresas, o ASG é um conjunto de padrões e boas práticas que visa definir se uma empresa é socialmente consciente, sustentável e corretamente gerenciada. Os mercados e a sociedade priorizam o Ambiental, uma preocupação legítima. Em seguida, instituições, empresas e fundos exigem estrutura de Governança, uma exigência acertada, pois assim processos têm transparência, responsabilidade, prestação de contas e equidade. Já o Social acaba ficando em terceiro plano, deixando as instituições inseguras e fragilizadas. Entendemos que muitas empresas, por sua estrutura, têm dificuldade em assumir uma responsabilidade social mais ampla e longa", diz Nina Plöger.

Nas empresas de médio porte, por outro lado, a diretora de MKT afirma que o próprio empresário costuma tomar a decisão de onde e em qual proporção quer se engajar socialmente. Muitos deles possuem uma acentuada consciência social e trazem consigo alta identificação com uma 'causa nobre'. Como na fase de fundação da SBA, o engajamento individual, hoje, é um importante pilar da entidade. *"Nos últimos anos, em particular, tivemos a experiência de os que mais se engajam são os indivíduos que são empáticos e de coração aberto"*, diz ela.

A cooperação Alemanha-Brasil

A Cônsul Geral da Alemanha, Martina Hackelberg, compartilha sua visão de diplomata em relação às diferenças sociais no Brasil e o trabalho da SBA, do qual ela é testemunha. Apesar do progresso na redução da pobreza, sabe-se que o país ainda é caracterizado por grandes desigualdades sociais e econômicas. *"O Brasil sofre com as desigualdades sociais, neste caminho, investimentos em educação, saúde, meio ambiente e infraestrutura são necessários para o desenvolvimento sustentável e geração de novos e bons empregos"*, considera ela.

Parcerias e cooperações internacionais, na visão da diplomata, podem dar uma contribuição decisiva nesse sentido. Além disso, é visível em diversos países o quanto a desigualdade extrema pode colocar em risco os fundamentos democráticos de uma sociedade. *"Para diminuir a polarização política e fortalecer a coesão social, melhorar a situação social continua sendo uma tarefa urgente na qual devemos trabalhar juntos."*

Hackelberg reforça que a relação Alemanha-Brasil, parceiros próximos no desenvolvimento sustentável já há décadas, tornou-se ainda mais visível na pandemia. A embaixada e os consulados alemães no Brasil, assim como muitas das mais de 1000 empresas alemãs no Brasil trabalham em estreita colaboração com parceiros brasileiros, apoiando importantes projetos sociais, voltados especialmente para a educação, meio ambiente, direitos humanos e bem-estar.

"Durante a pandemia, o governo federal da Alemanha entregou aparelhos de respiração para Manaus e, em outra frente, apoiou os mais necessitados com a doação de cestas básicas. Após as fortes chuvas que abalaram o litoral paulista em janeiro de 2023, montamos um projeto que beneficia os atingidos em São Sebastião. Além do trabalho feito por meio de projetos, há também um diálogo político regular sobre toda a gama de questões sociais. Esta cooperação no campo social reflete os estreitos laços entre os nossos dois países", diz a Cônsul.

O bem-estar gerado pelo ato de doar

A boa notícia é que os brasileiros estão mais solidários, segundo a pesquisa *World Giving Index 2022*, da organização britânica *Charities Aid Foundation* (CAF), representada no Brasil pelo Instituto para o Desenvolvimento do Investimento Social (IDIS). Um dos maiores estudos internacionais sobre o tema (veja quadro), revela que a generosidade cresceu globalmente e que o Brasil saltou da 54^a para a 18^a posição no ranking dos países em que a população tem doado recursos para os menos favorecidos.

O bem-estar gerado pelo ato de doar é a principal motivação dos brasileiros para fazer doações, conforme já indicava em 2017 este mesmo estudo da *Charities*. Naquela ocasião, 68% dos brasileiros fizeram alguma doação em dinheiro no ano anterior e metade deles foi movida pelo desejo de satisfação pessoal. Nem é necessária uma grande pesquisa para atestar o quanto o altruísmo gera bem estar, quando as pessoas sentem que estão fazendo parte de algo maior.

"A alegria que surge a partir do empenho pelo próximo, inclusive, relativiza todas as preocupações que por vezes estão a um cargo voluntário", diz Ingo Plöger, ex-presidente da SBA e atual membro do Conselho. Como testemunha da jornada da SBA, desde menino, quando acompanhava sua avó, Alice Weiszflog, uma das benfeitoras da instituição, Ingo observa que o ambiente em torno da instituição se transformou nas últimas décadas. "Ela se tornou mais aberta, mais internacional. Surgiu algo que é valioso. E o valor não está nos prédios e na beleza da natureza em volta que dá ao Residencial um charme especial. O valor está na ideia de que você pode, de maneira solidária, ir ao encontro de pessoas que não estão tão bem como você", diz ele.

Vivenciar como cada morador é abordado e estimulado pelos terapeutas, a cada dia de uma nova forma, para a melhoria de sua qualidade de vida individual é algo que fascina os colaboradores. Talvez seja essa a razão que motiva, por exemplo, os membros da Diretoria, do Conselho Consultivo e do Conselho Fiscal da SBA a se engajarem com semelhante dedicação como voluntários pela instituição, apesar do pouquíssimo tempo de que dispõem. *"Essas pessoas querem dar algo de si", afirma o ex-Presidente. "Eu percebo isso quando faço convites para uma reunião. Não raramente precisamos marcar um encontro atrás do outro para tomar decisões. Pode-se confiar em meus companheiros de luta: eles tiram tempo de onde não tem tempo, trazem suas experiências e com ímpeto trabalham ativamente. Esse engajamento é único."*

Para quem não deseja doar ou se engajar em uma causa social, desculpas não faltam: há quem diga que já paga muitos impostos, que a legislação não favorece, que não confia nessa ou naquela instituição, ou que simplesmente não têm tempo para se dedicar.

Mesmo que nem todos possam estar presentes fisicamente, porém, há a possibilidade de atuar em prol do outro. Se não é doando o próprio tempo ou trabalho, há os indivíduos ou empresas que podem contribuir financeiramente

para presentear pessoas com aquilo que ele ou ela um dia, talvez, também precise. *"O melhor é que somos como em uma família: ligamos um para o outro, somos ouvidos e recebemos apoio quando necessário."*

À essa grande família pertence também o Conselho Consultivo, uma espécie de Grêmio – criado por Karlheinz Pohlmann no ano de 1993, há exatamente 20 anos – que ajudou a SBA, de forma confiável, a se desenvolver com sucesso, através de instruções valiosas sobre direcionamentos estratégicos e do importante engajamento pessoal e profissional de cada um dos conselheiros.

O Conselho Fiscal também faz parte da família SBA. Com elevado conhecimento técnico e grande seriedade, o Grêmio representa a Sociedade Beneficente Alemã. *"Sou um privilegiado por fazer parte da SBA, mas tudo isso tem pouco sentido se, dentro de nossas possibilidades, não conseguimos fazer a vida do nosso próximo ao menos um pouco melhor"*, disse ele.

Tudo indica que as novas gerações é que vão contribuir para a continuidade da SBA e a evolução da cultura de doação no país. A Diretoria, portanto, convida jovens e novos doadores a mostrarem seu espírito de comunidade e a engajarem-se com tempo, conselhos, ações ou financeiramente. *"Vocês vão ver: mesmo o menor dos engajamentos pode ser muito enriquecedor. Não devemos deixar passar a chance de poder dar à vida de uma outra pessoa uma nova direção e, com isso, um novo significado. Com esse engajamento pelo próximo, valorizamos a nós mesmos"*, diz Ingo Plöger.

Martina Hackelberg

"Falar sobre a Sociedade Beneficente Alemã é algo que me traz muita alegria e orgulho. A instituição representa uma linda história de apoio aos que mais precisam. Em 2024, vamos comemorar os 200 anos da imigração alemã no Brasil. A SBA existe a quase tanto tempo quanto é uma parte importante desta história teuto-brasileira e uma expressão das importantes contribuições dos imigrantes alemães e seus descendentes em São Paulo e outras partes do país

*.
Originalmente fundada com o objetivo de ajudar os carentes conterrâneos, a instalação agora também beneficia os brasileiros. A SBA alinha-se, assim, a outras instituições fundadas pelos imigrantes em São Paulo, como as escolas alemãs e o Hospital Oswaldo Cruz. Diversas importantes iniciativas sociais surgiram da SBA, principalmente o lar infantil e escola profissionalizante Girassol, que há 30 anos atende crianças carentes. Gostaria de aproveitar esta oportunidade para agradecer sinceramente a todos que trabalham incansavelmente pela SBA.*

A SBA é, sem dúvida, uma importante instituição social e exemplo brilhante das relações teuto-brasileiras que remontam a muitos séculos. Feliz aniversário e que venham muitos mais anos de sucesso!"

O salto da solidariedade na pandemia

O Brasil saiu da 54ª para a 18ª posição no ranking das nações que mais ajudam o próximo e está entre os 20 países mais solidários do mundo. Estudo revela o fortalecimento da generosidade e da cultura de doação no país

Mais pessoas doaram dinheiro para organizações sociais e ajudaram desconhecidos em 2022 que em qualquer ano da década anterior, de acordo com o World Giving Index 2022 da organização britânica Charities Aid Foundation (CAF), representada no Brasil pelo Instituto para o Desenvolvimento do Investimento Social (IDIS).

A generosidade assume diferentes formas ao redor do mundo, e até mesmo suas definições diferem entre as culturas. De forma encorajadora, a pontuação geral do Índice aumentou, indicando que as pessoas em todo o mundo têm se engajado mais em ações generosas do que no ano anterior.

O *World Giving Index* é uma das maiores pesquisas sobre doações já produzidas, com quase 2 milhões de pessoas entrevistadas desde 2009. O Índice deste ano inclui dados de 119 países, representando mais de 90% da população adulta global. Três perguntas são feitas a pessoas ao redor do mundo: você ajudou um estranho, doou dinheiro a uma organização social ou fez algum tipo de trabalho voluntário no mês passado?

A pandemia estimulou a solidariedade. Em todo o mundo, 3 bilhões de pessoas ajudaram alguém que não conheciam, um aumento de aproximadamente meio bilhão em comparação ao período anterior à crise sanitária. Cerca de 200 milhões de pessoas também doaram dinheiro para organizações da sociedade civil em todo o mundo, com o número de doações aumentando 10% em economias de alta renda.

Pelo quinto ano consecutivo, o país mais generoso do mundo é a Indonésia, seguida pelo Quênia em segundo lugar. Muitos países de alta renda retornaram ao top 10, depois de ver um declínio acentuado no voluntariado e doações desde 2018, mas que voltou a crescer durante a pandemia. Além dos Estados Unidos em terceiro lugar, Austrália (4), Nova Zelândia (5) e Canadá (8) se juntam aos países mais generosos do mundo.

O crescimento aconteceu em todas as categorias de avaliação, sendo ainda mais expressiva na “ajuda a um desconhecido”, no qual o Brasil passou de 36° para o 11° lugar em apenas 12 meses. O cenário reflete um crescimento do sentimento de solidariedade nos últimos anos. Mesmo com dificuldades advindas do contexto socioeconômico atual, a população brasileira demonstra um interesse ativo em ajudar, não apenas com doações financeiras, mas também por outros meios como ajudas esporádicas e trabalhos voluntários.

Em um cenário econômico, social e político incerto, o *World Giving Index* amplia a compreensão sobre doações globais. A Covid-19 afetou mais os mais pobres e vulneráveis do mundo, o que também interrompeu o progresso em direção aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU. Doadores privados e empresas provavelmente serão chamados para preencher lacunas de financiamento e organizações da sociedade civil precisarão descobrir a melhor forma de direcionar seus recursos limitados para o maior impacto. No entanto, após dois anos difíceis e com mais desafios que provavelmente virão, tudo indica que o mundo continuará a ver grandes exemplos de generosidade global.

Vivências inspiradoras]

"A comida é boa, felizmente não engordei"

Gertraud Kirst Ostermann

(Halle/Saale, Alemanha, 24.06.1921 - São Paulo, 12.06.2017)

A trajetória de vida de Gertraud se divide entre Brasil e Alemanha e foi marcada por grandes tragédias, como a perda do noivo, na juventude, e de um irmão, ambos em combate, na Segunda Guerra. Seus pais e seu irmão mais velho se estabeleceram em São Paulo e construíram empreendimentos, como uma torrefação de café e um restaurante alemão, que ficou famoso pela receita de pato assado de sua mãe. No Brasil, Gertraud se casou e se envolveu com a

colônia alemã. Gostava de jogar Skat, cantou no coral Lyra e atuou nas atividades beneficentes da SBA. Quando sentiu que era a hora, já viúva, decidiu morar na instituição, assim como seu irmão e sua cunhada. Aos 90 anos, com muita lucidez, ela deixou registrada sua história –um exemplo de superação.

“Quando meus irmãos foram para escola alemã Deutsche Schule zu Villa Marianna, eu quis ir também. Mas ainda era muito pequena. Então fui matriculada aos 5 anos em uma pequena escola brasileira nas proximidades.

Em 1930, disso eu ainda me lembro, fui com minha mãe para Alemanha, pois tínhamos algum dinheiro para receber da venda de um negócio do qual meu pai havia sido dono por lá. Ficamos alguns meses na Alemanha, resolvemos o que tinha para resolver e visitamos minha avó.

Com o dinheiro que trouxemos, meu pai mandou construir uma casa nova, maior, no terreno do Jabaquara, onde até então havia uma casinha pequena. Além disso, ele adquiriu um sítio perto da represa Guarapiranga, em uma área que hoje pertence a Interlagos e onde atualmente encontra-se o restaurante Golden Interlagos.

Na época, meu pai procurou um engenheiro agrônomo, pois ele queria estruturar o sítio seguindo o modelo da agricultura alemã. E foi assim que um jovem engenheiro agrônomo alemão, que frequentava o Kolpinghaus, trabalhou para nós e acabou nos visitando com frequência. Quando o trabalho estava pronto, ele explicou que iria para Alemanha, mas que se casaria comigo depois de voltar para o Brasil. Eu não dei importância, pois tinha na época 15 ou 16 anos.

Quando meu irmão, que nesse meio tempo estava na Alemanha, veio para o Brasil em 1938 por causa das bodas de prata dos meus pais, fizeram-lhe uma proposta de emprego na Alemanha e ele aceitou. Eu também estava prestes a ir para lá, pois queria frequentar o Seminário para Educadores Infantis em Hamburgo.

Como agora todos os filhos se encontravam na Alemanha, meus pais também prepararam seu retorno. Venderam o sítio, a casa no Jabaquara e também três imóveis que haviam adquirido nesse meio tempo e transferiram os recursos para o

nosso país de origem. As passagens também já estavam compradas. Contudo, o navio não pôde mais partir devido ao risco de guerra.

Felizmente, meus pais receberam ajuda de amigos que eles conheciam do tempo em que moravam perto da represa. Eles emprestaram aos meus pais um pedaço de terra onde abriram um pequeno restaurante alemão.

Antes que eu pudesse frequentar o Seminário para Educadores, em Hamburgo, precisei prestar serviço civil por seis meses, pois minha viagem tinha sido financiada e eu tinha recebido uma bolsa para minha formação. Como eu gostava de trabalhar no campo, isso não me incomodou.

Então a guerra estourou. Eu não pude nem voltar para o Brasil nem começar com minha formação. Sendo assim, trabalhei primeiro como assistente de jardim de infância e, mais tarde, em meu próprio jardim de infância. Ninguém exigia documentos naquele tempo.

Meus pais se preocupavam muito conosco nessa época. De vez em quando, com intervalos de alguns meses, se podia escrever algumas linhas por intermédio da Cruz Vermelha, mas os tempos sem notícias eram difíceis para eles e os deixavam de coração apertado.

Nesse meio tempo, reencontrei o engenheiro agrônomo que tinha auxiliado meu pai na plantação do nosso sítio. E ficamos noivos. Quando meu noivo, que na época estava na Polônia, me contou sobre um jardim de infância nas proximidades, me candidatei para uma vaga e fui aceita. Ao mesmo tempo chegou uma carta dizendo que nesse meio tempo ele havia sido convocado para o front, onde acabou morrendo. Nós nunca mais nos vimos.

Então, eu fiquei sozinha na Polônia, em Zakopane[#] e trabalhei em uma casa de repouso para crianças. Depois de um ano, fui realocada em um orfanato em Varsóvia. De lá, finalmente fugimos com as crianças para Alemanha, para Bitterfeld.

Eu mesma fui para as proximidades de Berlim. Meu irmão, Arno, que havia se casado, me pediu que ficasse ao lado de sua mulher e da criança deles que, depois de terem sido bombardeadas em Essen, viviam com uma prima da minha cunhada em Rangsdorf.

Eu fiz tudo o que estava ao meu alcance para ajudar minha cunhada e também cuidei da minha pequena sobrinha, que na época tinha um ano e meio. Por fim, fiquei sabendo que um hospital especializado em epidemias, que havia sido construído para tratar, sobretudo, doentes de tifoide, estava à procura de uma cozinheira especializada. Mesmo tendo trabalhado apenas com crianças, me candidatei – e fui aceita. Assim, pelo menos, eu podia levar do hospital as cascas de batata que comíamos em casa.

Já nos últimos dias de guerra, meu irmão Gerhard morreu em combate. Finalmente, uma missão militar dos Aliados foi estabelecida em Potsdam. Fui para lá e expliquei aos funcionários que tinha terminado os estudos na Escola Normal Padre Anchieta no Brasil e que meus pais viviam em São Paulo.

Imediatamente recebi a autorização para sair do país. No entanto, não saí da zona russa sem dificuldades. Acabei conseguindo fugir para a Alemanha ocidental através de uma fronteira não vigiada. Fui para Essen, onde ainda se encontrava uma parte da família da minha cunhada e lá, com a autorização para sair do país que eu já tinha, solicitei a ida para o Brasil. Porém, antes disso o visto de entrada precisava ser carimbado em Berlim, pela missão militar. Quando eu me encontrava a caminho de Berlim, veio a reforma monetária[#] e precisei voltar. Por fim, enviei o passaporte para a missão militar pelo correio e depois de um tempo recebi todos os documentos para sair do país.

Meus pais, que estavam tendo muito sucesso com o restaurante à beira da represa, arcaram com as passagens aéreas. Eu mesma pude, com a ajuda dos amigos e da família da minha cunhada, comprar as passagens de trem para Frankfurt. Meus pais ficaram radiantes quando eu cheguei ao Brasil a salvo e eles finalmente, em agosto de 1948, puderam me tomar em seus braços novamente.

Pato assado famoso

Passei a ajudar minha mãe no restaurante, o Tannhäuser. O pato assado de minha mãe era popular e atraía muitos alemães que viviam aqui. Também um senhor, que

era de Wuppertal e trabalhava em São Paulo, ia com frequência ao nosso restaurante. Com o tempo, fizemos amizade. Em 1949, nos casamos.

Meu marido recebeu algumas máquinas do pai dele, que era dono de uma fábrica de máquinas em Wuppertal. Assim, montou uma fábrica de arames em Santo Amaro. De início, prédio e terreno eram alugados, até que finalmente compramos a propriedade.

Quando meu marido ficou doente, com Parkinson, cuidei dele e assumi a direção da firma, apesar de ser educadora infantil e não ter aprendido a comercializar arames. Mais tarde, cheguei até mesmo a comprar mais máquinas e a ampliar a firma. Nós batalhamos muito – os funcionários e eu. Assim foi, durante 22 anos, até que meu marido morreu, em 1981.

Ao longo dos anos tive contato com um jovem que vendia isolações para arames. Quando, depois da morte do meu marido, lhe contei que queria dissolver a empresa, ele ficou interessado. Então transferi a firma para ele, que continuou dirigindo sob o mesmo nome, e fiquei feliz por ter sido poupada da morosa e burocraticamente trabalhosa dissolução da firma. A empresa durou ainda alguns anos, até que o novo dono a fechou. O prédio está alugado e mesmo agora, enquanto vivo na SBA, contribui para o meu sustento.

Durante muito tempo fui membro do Esporte Clube Banespa e nadava lá regularmente para relaxar. Um dia, no entanto, caí de costas no chão. Depois disso fui capaz de enfrentar o dia-a-dia, de uma forma ou de outra, mas as dores não pararam. Analgésicos me eram receitados constantemente. Mas eles não ajudavam, e foi assim que as coisas da vida cotidiana se tornaram, por fim, demais pra mim.

Então me veio em mente a SBA, que eu conhecia muitíssimo bem: no lançamento da pedra fundamental do Lar Hellner eu já havia cantado lá com o coral Lyra[#], com o qual mantenho ligações até hoje. Também o meu irmão teve desde cedo um intenso contato com a SBA. Ele sempre doou café enquanto foi dono de uma torrefação. Se havia uma ocasião especial, ele logo se comprometia.

Em 1996, sua esposa, minha cunhada Christine, sofreu um grave AVC. Meu irmão e a irmã de Christine, que na época moravam na Granja Julieta, iam visitar minha cunhada com frequência, até que meu irmão decidiu, em meados do ano 2000, se mudar também para a SBA.

Eu visitava o lugar com frequência e estava lá toda semana com o grupo de Skat do Lyra, ao qual eu também pertencia, já que aqui haviam alguns jogadores de Skat, meu irmão inclusive.

Meu irmão morreu pouco antes do seu 90º aniversário, no fim de maio de 2004, um ano antes da minha cunhada. Sua irmã, Maria, que cuidou dela durante longos anos, também já vivia aqui. Quando minhas dores, em consequência da queda, não melhoraram, também me inscrevi no Lar Recanto Feliz.

Durante o exame médico de entrada, que é um componente obrigatório do processo de admissão, falei sobre as minhas dores, que os médicos que tinham me tratado até então não tinham conseguido resolver. Dr. Emerson, o médico responsável pela admissão, me receitou anti-inflamatórios que me ajudaram imediatamente. Até hoje sou grata a ele, pois finalmente estou livre das dores de novo.

Depois de cinco meses vivendo aqui, comemorei meu 90º aniversário. Para ser exata, celebrei esse aniversário várias vezes: uma vez com meus amigos alemães na Lyra, depois com meus amigos brasileiros e, finalmente, com meus ex-funcionários.

Sinto-me muito bem aqui. Encontrei amigos que conheço desde sempre e, sobretudo, minha cunhada, com quem estive ainda ontem na cafeteria. Felizmente eu ainda não engordei. A comida é de fato boa e variada, assim como a oferta de atividades recreativas. Frequento regularmente o treino de memória para manter a mente saudável e poder preservar por muito tempo a qualidade de vida que desfruto na SBA.”#

Capítulo 9

Flores e frutos – Os jardins da SBA

Na entrada do edifício Hellner há um canteiro de lírios da paz. Às nove horas de uma manhã de março, um homem está removendo as folhas e flores secas do canteiro. É o jardineiro fiel da SBA, Teruhiro Kasama, de 78 anos, que há uma década se dedica a cuidar da extensa área verde do Residencial. Japonês de pequena estatura, tímido, mas de sorriso fácil, o Sr.Kasama esbanja vitalidade e arrisca um conselho de longevidade: "*Não pode ficar parado, tem que mexer o corpo*", diz.

O Sr.Kasama realmente não para. Todos os dias, ao raiar do sol, o jardineiro inicia sua rotina com agilidade e reverência ao trabalho, expressando seu respeito à natureza e aos moradores. Ele combina técnicas de jardinagem ao senso artístico oriental, para manter um ambiente harmonioso, onde os idosos podem desfrutar de caminhadas matinais ou simplesmente contemplar o verde e ouvir o canto dos pássaros.

O dia do Sr. Kasama começa com um passeio entre as árvores de copa mais frágil. Em tempos de chuva, é comum encontrar galhos caídos ou grandes folhas de palmeira pelo caminho. Sua tarefa é retirá-los, para não atrapalhar a passagem e manter a paisagem limpa. É preciso também remover as folhas que cobrem os telhados das casas dos moradores. "*Quando estou com tempo, eu mesmo faço isso*", diz, com valentia, embora conte com a ajuda de outros funcionários da manutenção.

"*Eucalipto, pinheiro, abacateiro, jaqueira, mangueira, figueira do mato*", ele vai enumerando as centenas de espécies de árvores que habitam os 17 mil metros de vegetação que cobre o terreno do Residencial. Nos canteiros que ladeiam as alamedas e fachadas dos chalés, há flores tropicais, como primaveras e hibiscos, mas também as que gostam do frio, como azaleias e hortênsias.

O jardineiro chama a atenção para a mescla inusitada de espécies europeias e tropicais que se deu no terreno na Serra da Mantiqueira, a 800 metros de altura —o que torna seu trabalho mais complexo. "*Palmeira com azaleia é péssima combinação*", resmunga ele. Acredita que as árvores de clima temperado já

estavam ali, quando as que dependem do calor chegaram e foram obrigadas a se adaptar. *"São as que mais sofrem"*, lamenta.

Assim, tanto na rega quanto na escolha de novas plantas, há uma equação delicada a considerar. *"Tenho de pensar nas melhores combinações."* Ou seja, ele procura escolher plantas que florescessem em diferentes épocas do ano, garantindo que os jardins estejam sempre floridos.

Com um alicate pesado no bolso traseiro da calça, o Sr. Kasama caminha meio de lado e vai inspecionando cada arbusto, árvore e flor com o olhar atento. A experiência e a intuição lhe permitem detectar os sinais sutis de doenças ou pragas, garantindo uma ação rápida para manter a saúde do jardim. Com movimentos precisos, ele poda os galhos excessivos, remove ervas daninhas e afofa a terra ao redor das plantas.

Uma, em especial, traz memórias de sua terra e de outras décadas: um ipê amarelo, conhecido como "pingo de ouro", que ele afirma ter sido o primeiro a plantar no Brasil, nos anos 1980, ao voltar de uma viagem ao Japão. *"Ganhei uma muda de um amigo e trouxe no bolso do casaco"*, diverte-se. A amostra floresceu na sua chácara, em Ibiúna, onde montou a Flora Kasama e viveu anos prósperos.

O pingo de ouro virou ouro. *"Vendia muito no Ceasa, cheguei a ter dois caminhões de plantas."* Mas a história acabou mal, com uma ação dos funcionários que o obrigou a vender tudo para pagar dívidas. *"Eu dava o dinheiro para os impostos, mas eles não pagavam. Veio uma conta enorme."*

Teve de recomeçar do zero, como quando chegou ao Brasil, aos 18 anos, em um navio de imigrantes, em busca de "um país bom". Natural de Nagasaki, "lá onde caiu a bomba"#, filho de pais professores, conta que foi criado em Fukushima, em uma família numerosa, e estudou agronomia. No Brasil, trabalhou na lavoura, teve uma floricultura, ganhou e perdeu tudo com o pingo de ouro.

Recomeçou como paisagista. *"Aprendi sobre as plantas que combinam, japonês tem senso de decoração."* Cuidando dos jardins do Colégio Visconde de Porto Seguro, ganhou seu passe para a SBA, onde a rotina favorece seu momento atual, morando em Cotia, com a mulher, não muito distante do trabalho. Com os três filhos encaminhados, no tempo livre, gosta de estar com as netas gêmeas e, sempre que pode, vai até Santos pescar com os amigos.

Além de seu trabalho prático com as plantas, o Sr. Kasama também acaba interagindo com os residentes. *"Alguns puxam assunto, perguntam das flores, o*

que vou fazer no jardim." Embora os canteiros dos chalés sejam particulares, ele termina dando uma ajudinha, quando pedem. Como acontecia com a Sra. Christine Peters (*depoimento em "Vivências inspiradoras"*), de quem ele se lembra bem. *"Ela comprava mudas, me pedia para plantar, gostava de conversar"*

Seu maior orgulho na vida é ter plantado muitas árvores. Quando perguntado sobre qual espécie gostaria de ser, faz uma longa pausa de silêncio, coça a cabeça e acaba escolhendo um símbolo do Japão: "Cerejeira". No jardim da SBA há apenas uma, cultivada por uma ex-moradora japonesa, que exhibe sua poética copa cor-de-rosa. *"Ela gosta do frio, aqui vai bem"*, afirma o jardineiro fiel.

No final do dia, quando o sol começa a se pôr, Sr.Kasama pode olhar para as árvores, os arbustos e os canteiros floridos com um olhar de satisfação. Cada planta está cuidada, cada canto está em equilíbrio. Ele sabe que seu trabalho não apenas oferece beleza visual, mas traz conforto e alegria para os idosos e todos os que têm o privilégio de caminhar pelos jardins da SBA.

Uma história de amor de Rubem Alves[#]

Um outro jardineiro, também japonês, embora não tenha trabalhado na SBA, ficou famoso por ser o protagonista de uma história ocorrida no Residencial, quando ainda se chamava Lar Recanto Feliz, durante esses 160 anos. É uma história de amor registrada pelo autor brasileiro Rubem Alves^{#, #}. Com essa crônica fechamos este capítulo, inspirados pelo exemplo de doação e amor que moveu o autor a escrevê-la.

O Jardineiro e a Fräulein

Menino, ele de longe olhava os pescadores nos seus barcos levados pelo vento. Pensava que o mar não tinha fim. Pensava que os pescadores eram felizes porque não precisavam plantar peixes para colher depois. O mar era generoso: ele mesmo plantava os peixes que os pescadores só faziam colher com as suas redes. Tinha inveja dos pescadores. Ele era filho de agricultores. Tinha de plantar para colher. Diferente do mar, a terra tinha fim. Todos os pedaços de terra, os menores, os mais insignificantes, todos já estavam sendo cultivados. Os pescadores, se quisessem mais, bastava-lhes navegar mar adentro. Mas os agricultores não podiam querer mais. A terra chegara ao fim. Quem quisesse mais terra para cultivar teria que sair da terra conhecida e ir em busca de outras terras, além do mar sem fim.

Ele já ouvira os mais velhos falando sobre isso - um país do outro lado do mar - tão longe que lá era noite quando no seu país era dia - país de gente de rostos diferentes, de comida diferente, de língua diferente, de religião diferente, de costumes diferentes. Tudo era diferente. Menos uma coisa: a terra era a mesma e os seus segredos, eles os conheciam.

E foi assim que chegou o dia em que ele, adolescente, seus irmãos e seus pais, entraram num navio que os levaria ao tal país - como era mesmo o seu nome? Buragi-ro... Era assim que eles, japoneses, conseguiam falar o nome Brasil...

No Brasil, o jovem japonês conseguiu trabalho na casa de uma família de alemães. Família rica, casa de muitos criados e criadas. Ele não falava português nem alemão. Mas não importava. Seu trabalho era cuidar da horta e do jardim. E a língua da terra e das plantas ele conhecia muito bem. A prova disso estava nos arbustos artisticamente podados segundo a inspiração milenar dos bonsais, nos canteiros explodindo em flores, nas hortaliças que cresciam viçosas. E foi assim que, na sua fiel e silenciosa competência de jardineiro e hortelão, ele passou a ser amado pelos seus patrões.

Mas ninguém nem de longe suspeitava os sonhos que havia na alma do jardineiro. Quem não sabe pensa que jardineiro só sonha com terra, água e plantas. Mas os jardineiros têm também sonhos de amor. Jardins, sem amor, são belos e tristes. Mas quando o amor floresce o jardim fica perfumado e alegre. Pois esse era o segredo que morava na alma do jardineiro japonês: ele amava uma mulher, uma alemãzinha, serviçal também, todos a tratavam por Fräulein. Cabelos cor de cobre, como ele nunca havia visto no seu país, pele branca salpicada de pintas, olhos azuis, e um discreto sorriso na sua boca carnuda que se transformava em risada, quando longe dos patrões. Era ela que lhe trazia o prato de comida, sempre com aquele sorriso...

E ele sonhava. Sonhava que suas mãos acariciavam seus cabelos e seu rosto. Sonhava que seus braços a abraçavam e os braços dela o abraçavam. Sonhava que sua boca e sua língua bebiam amor naquela boca carnuda... E a sua imaginação fazia aquilo que faz a imaginação dos apaixonados: se imaginava num ritual de amor, deram que ela fora internada num lar para idosos alemães. Estava muito doente. Foi então visitá-la. Encontrou-a numa cama, muito fraca, incapaz de andar.

E então ele fez uma coisa louca que somente um apaixonado pode fazer: resolveu ficar com ela. Passou a dormir ao seu lado, no chão. Passou a cuidar dela como se cuida de uma criança. (Fico comovido pensando na sensibilidade dos diretores daquela casa que permitiram esse arranjo que não estava previsto nos regulamentos.)

A Fräulein estava muito fraca. Não conseguia mastigar os alimentos. Não conseguia comer. Aconteceu, então, um ato inacreditável de amor que os que

não estão apaixonados jamais compreenderão: o jardineiro passou a mastigar a comida que ele então colocava na boca da agora 'sua' Fräulein. Os dirigentes da casa, acho que movidos pelo amor, fizeram de conta que nada viam.

Nunca ninguém viu, nunca ninguém me contou. Imaginei. Imaginei que quando estavam sozinhos, sem ninguém que os visse o jardineiro encostava seus lábios nos lábios da Fräulein, e assim lhe dava de comer... Assim o fazem os namorados apaixonados, lábios colados, brincando de passar a uva de uma boca para a outra...

E assim, ao final da vida, o jardineiro beijou sua Fräulein como nunca imaginara beijar... O amor se realiza de formas inesperadas.

Esta é uma história verdadeira. Aconteceu. Foi-me contada pela Tomiko, amiga que trabalha com idosos (aquela que me aconselhou a comprar um blazer vermelho). Ela conheceu pessoalmente o jardineiro.

No meu sítio eu planto árvores para meus amigos que morrem. Pois vou plantar uma cerejeira e uma camélia vermelha, uma ao lado da outra: o Jardineiro japonês e a sua Fräulein...

Carlinhos – O guardião dos animais

Pássaros, patos e macacos também fazem parte da paisagem dos jardins da SBA. Carlos Magno de Oliveira, o Carlinhos, de 50 anos – 30 deles como funcionário – trabalha na manutenção como pintor, mas também se dedica a cuidar dos animais que habitam a instituição. O papagaio "Ioiô" foi um de seus amigos por mais de vinte anos. *"Ele não falava muito, mas gritava quando ouvia a minha voz", lembra.*

Ioiô foi muito bem cuidado e faleceu por conta da idade avançada. "Agora, cuido dos patos, calopsitas e macacos", diz Carlinhos. Paraibano de Bananeiras, cidade próxima a capital João Pessoa, ele chegou em São Paulo aos 19 anos, para morar com alguns primos. Um deles tinha um amigo que trabalhava na SBA e o levou para tentar a sorte. *"Foi meu primeiro emprego e estou aqui até hoje", comemora.*

Começou como ajudante geral, depois ganhou da instituição um curso de elétrica e pintura no SENAI (Serviço Nacional da Indústria). Hoje, Carlinhos administra todos os serviços de pintura, seja na manutenção ou antes de alguma mudança, preparando as casas para os novos moradores.

Em três décadas, coleciona amizades também com os idosos. Uma delas, em especial, desperta saudades: a Sra. Elfriede Wagner#, seu eterno par na quadrilha da Festa Junina. *"Durante 8 anos seguidos, no casamento junino, ela era*

minha noiva. Era bem lúcida e brincalhona, faleceu com quase 100 anos e deixou boas lembranças."

Nas festas temáticas, Carlinhos ajuda a pendurar enfeites e montar a árvore natalina, juntamente com as voluntárias. "A SBA me deu tudo que tenho", diz. "Meu empenho e profissionalismo contam, mas foram eles que me deram a oportunidade. Gosto muito do meu trabalho e faço com todo zelo." Nas horas vagas, o pintor pode ser visto no lago, alimentando os patos e conversando com os macacos.

"Na SBA, pude me recolher e me dedicar ao Rotary Club"

Arno Paul Kirst

(Halle/Saale, 17.06.1914 – São Paulo, SP, 25.05.2004)

A história da imigração da família Kirst para o Brasil é um exemplo de empreendedorismo e superação. Karl Kirst, o pai de Gertraud Kirst Osterman (*moradora que deu seu depoimento em "Vivências inspiradoras"*), nasceu em 13 de fevereiro de 1889, em Halle an der Saale, Alemanha. O carpinteiro profissional foi colocado na Primeira Guerra Mundial como marinheiro nos barcos torpedeiros e, finalmente, no SMS Munique, um navio de guerra chamado de pequeno cruzador.

Devido às condições catastróficas do pós-guerra, ele decidiu emigrar com sua mulher, uma costureira de profissão, e seus três filhos, Arno, Gerhard e Gertraud. Em 4 de junho de 1924, a família, junto com um sobrinho, chegou em Santos com o 'Antônio Delfino', um navio da companhia de navegação Hamburg Süd. Karl Kirst tinha conseguido salvar 22.000 Rentenmark[#] em meio à inflação galopante. A família se mudou para o Bosque da Saúde/Jabaquara, na Zona Sul de São Paulo, e lá começou a fazer a vida.

Como carpinteiro profissional, Kirst quis montar uma serraria e adquiriu 200 alqueires[#] de floresta virgem em Santo Anastácio, no interior do estado de São Paulo, que naquele tempo não era muito mais que uma das paradas da Estrada de Ferro Sorocabana. Sem conhecer a língua do país e não familiarizado com as circunstâncias, ele perdeu o patrimônio que trouxe consigo dentro de alguns meses.

Na Pianos Brasil acabou encontrando um emprego novo, porém mal pago. Sua esposa Luise fazia naquele tempo inúmeros vestidos de noiva que tinham enorme saída na vizinhança, de modo que o sustento da casa era assegurado pelos dois salários.

A situação econômica em São Paulo estava, de um modo geral, complicada naqueles anos, principalmente por causa da Revolta Paulista[#] e as consequências desta. A situação da família só melhorou de verdade quando Karl Kirst conseguiu um emprego na renomada cervejaria Companhia Antarctica Paulista.^{#, #}

Arno Paul Kirst, o irmão mais velho de Gertraud, fundou a torrefação Café Santo Amaro e foi presidente de honra do Rotary Clube de São Paulo. Ele viveu por quatro anos na SBA e deixou o registro de uma parte da saga da família:

“Eu frequentei a escola Deutsche Schule zu Villa Marianna[#]. Depois de concluir a escola, entrei como aprendiz comercial na firma Theodor Wille & Co[#]. A fim de completar minha formação e com o objetivo de me tornar contador, fiz diversos cursos noturnos.

Em seguida, trabalhei muitos anos na Casa Allemã[#], na Rua Direita. Lá conheci Domingos Aprile, o diretor da Tapetes Bandeirante[#], e o acompanhei como intérprete na Alemanha, em 1936, a fim de ajudá-lo na compra de teares modernos que, por fim, adquirimos junto à Mertens & Frowein GmbH & Co. KG[#] em Neviges, em Wuppertal.

Enquanto Domingos Aprile pôde regressar ao Brasil, eu, por ser do ano de 1914, fui convocado para servir nas Forças Armadas. Durante um ano em Potsdam e mais outro, em Hanôver, recebi treinamento para me tornar radiotelegrafista.

No fim de 1938, quando estava de volta ao Brasil para as bodas de prata dos meus pais, recebi da Alemanha uma oferta de emprego muito boa. A Mertens & Frowein, firma da qual havíamos comprado as máquinas, me ofereceu um posto e aceitei. Mal eu tinha assumido a função, a Segunda Guerra Mundial estourou.

Como reservista, fui recrutado já no segundo dia da mobilização. Fui para a companhia de rádio de uma divisão da infantaria montada na campanha da França e, mais tarde, na Rússia, onde me tornei prisioneiro de guerra.

Eu consegui fugir. Por caminhos cheios de aventura, alcancei Berlim, onde finalmente pude rever minha esposa, Christine, com quem tinha me casado em 1942, e nossa filha pequena. Juntos, fugimos pela zona de ocupação inglesa para a Mertens & Frowein. Lá recebemos um quarto à nossa disposição. Eu queria voltar para o Brasil junto com minha esposa e minha filha, pois naquele país eu havia passado uma grande parte da minha juventude, os meus pais viviam lá.

Mas a saída dos alemães naquele momento não era possível sem enfrentar alguns obstáculos. Assim, eu recebi o chamado exit permit, a autorização para sair do país do governo da ocupação inglesa, somente depois que a Tapetes Bandeirante me deu apoio e solicitou um visto para mim e minha família.

Em 1949, viajamos para Santos a bordo do navio belga “Copacabana”, onde fomos recebidos por meus pais e amigos chegados, do tempo da juventude. Com a ajuda deles conseguimos, ainda no mesmo ano, fundar a torrefação ‘Café Santo Amaro’.

Meu irmão tinha um amigo, um brasileiro que se chamava Joaquim Leite, mas que vendia café. Ele comprava café nas fazendas e sugeriu ao meu irmão que abrissem juntos uma torrefação de café. Ele queria fornecer o café e meu irmão seria responsável pela torrefação e pela venda. Meu irmão torrava o café com a mesma facilidade como se bebia na Alemanha. O Café Santo Amaro era muito conhecido e extremamente popular. A especialidade do meu irmão era o Café Hamburgo que ele torrava mais claro para a clientela alemã. Vendia até mesmo no sul do Brasil.

A torrefação ia fantasticamente bem. Depois de algum tempo, meu irmão pagou seu sócio e passou a tocar a torrefação como único proprietário. O grande sucesso econômico, por fim, deu a ele a possibilidade de reaver o terreno dos meus pais no Rio Bonito, ao lado da represa, que eles tinham vendido nos anos de 1930. Além disso, ele comprou apartamentos, um na Granja Julieta e um para a filha. #

Eu vendi a empresa Café Santo Amaro no ano de 1971, depois que sofri um infarto. A torrefação durou 22 anos. A partir de então passei a viver mais recolhido e dediquei meu tempo, principalmente, ao Rotary Club São Paulo, ao qual pertenço desde 1954 e do qual fui presidente (1962/1963) – e presidente de honra. Minha esposa sofreu um grave AVC em 1996 e foi morar na Sociedade Beneficente Alemã. No ano de 2000, eu decidi me unir a ela."

Capítulo 10

De volta para o futuro

A longevidade, termo que define a capacidade de viver por um período de tempo cada vez mais longo, é um dos desafios mais significativos que a humanidade enfrenta no futuro. Avanços na medicina, tecnologia e qualidade de vida têm contribuído para que as pessoas vivam por mais tempo, no entanto, o aumento da expectativa de vida traz consigo questões complexas, que vão das esferas social, econômica e política, a ética, saúde e bem-estar.

No Brasil, a perspectiva é ainda mais desafiadora, pois seremos o sexto país com mais idosos no mundo em três décadas. Há uma tendência de redução de natalidade e aumento do envelhecimento populacional, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

De acordo com o Censo do IBGE divulgado em julho de 2023 o número de brasileiros com mais de 30 anos bateu recorde em 2021, chegando a 56,1% da população total de 212,7 milhões, enquanto a quantidade de jovens abaixo desta faixa etária caiu 5,4% em uma década. O estudo considerou o período entre 2012 e 2021. Nessa década, a parcela de pessoas com 60 anos ou mais deu um salto de 11,3% para 14,7%. Em números absolutos, o grupo etário passou de 22,3 milhões para 31,2 milhões, crescendo 39,8% no período.

Entre 2012 - 2021, grupo etário com mais 60 anos passou de 22,3 milhões para 31,2 milhões, crescendo 39,8% no período.

Estima-se que, até 2050, a "geração 60 +" vai saltar de 31 milhões de pessoas para 60 milhões no Brasil. Ou seja, vai dobrar de tamanho. Um dos obstáculos desse cenário é o impacto nas políticas sociais e de saúde. Com o aumento da longevidade, será necessário repensar e ajustar essas estruturas para atender uma população envelhecida – o que envolve reformas nas políticas de previdência, cuidados de saúde especializados e a criação de redes de apoio social para garantir uma vida digna e saudável por mais tempo.

Além disso, a longevidade também traz desafios econômicos, pois implica em idosos mais produtivos por mais tempo. Isso pode exigir a implementação de opções de aposentadoria gradual e oportunidades de aprendizado ao longo dos anos. As empresas e os governos precisarão se adaptar a uma força de trabalho mais madura e saber como aproveitar a experiência e conhecimento dos 60 + para impulsionar o crescimento da economia.

Outra dimensão importante é quem irá cuidar destes idosos, e nesse ponto a Sociedade Beneficente Alemã tem um papel essencial. A extensão da longevidade

vai exigir que os jovens tenham que lidar com pais e avós vivendo por mais tempo, o que pode demandar maior apoio emocional, financeiro e prático. As famílias precisarão se adaptar e encontrar maneiras de equilibrar suas responsabilidades com seus próprios projetos de vida, incluindo o cuidado com os mais velhos.

A promoção de um estilo de vida saudável e a pesquisa em medicina serão fundamentais para favorecer a geração 60 +. Envelhecer com saúde, afinal, requer cuidados preventivos, acesso a tratamentos específicos e uma vida social ativa. Por fim, é fundamental refletir sobre como construir uma sociedade onde todos, jovens e idosos, possam desfrutar de uma vida plena e com dignidade.

Longevidade com qualidade de vida

"Dignidade é a palavra que melhor rima com longevidade", diz o médico e gerontólogo Alexandre Kalache, Presidente do Centro Internacional de Longevidade Brasil (International Longevity Centre Brazil – ILC-BR), e co-diretor da Age Friendly Foundation. Com vasta experiência em saúde pública, o Dr. Kalache dirigiu o Departamento de Envelhecimento e Curso de Vida da Organização Mundial da Saúde (OMS) e se dedica, há 40 anos, ao estudo do envelhecimento saudável e bem-sucedido.

PhD em epidemiologia pela Universidade de Oxford e fundador da Unidade de Epidemiologia do Envelhecimento da Universidade de Londres, o gerontólogo é uma autoridade internacional no campo da longevidade e do "envelhecimento ativo" – conceito criado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), que visa promover uma abordagem positiva e saudável do processo de envelhecimento. Publicou o "Marco Político do Envelhecimento Ativo" (2002) e criou a iniciativa Cidades Amigas do Idoso (2005).

Inspiradas por esses dois referenciais, iniciativas em todo o mundo já incorporam a abordagem “amigável ao idoso” às políticas públicas de cidades, comunidades, estados, bairros, hospitais, entre outras.

“Embora o mundo esteja avançando em termos de adaptação ao envelhecimento da população e às necessidades das pessoas que vivem mais, ainda há desafios significativos a serem enfrentados. A preparação para lidar com uma população mais longa requer esforços coletivos e mudanças em várias áreas da sociedade”.
evidência Nina Plöger

Os *insights* valiosos do Dr. Kalache têm ajudado a moldar a forma como a sociedade encara o envelhecimento, promovendo uma abordagem mais positiva e proativa desse processo. *“Lidar com o envelhecimento é um desafio coletivo. Precisamos pensar como as sociedades podem se estruturar para que as pessoas vivam mais e melhor por mais tempo”*, defende o Dr. Kalache.

Em uma entrevista exclusiva para o livro comemorativo dos 160 anos da Sociedade Beneficente Alemã, o gerontólogo falou sobre os principais desafios que a ascensão da geração 60 + traz para a humanidade e para as instituições de longa permanência para idosos, a exemplo do Residencial SBA. Eis as considerações do Dr.Kalache:

Focar mais na saúde do que na doença

"Imaginar o Brasil com mais de 60 milhões de idosos, em 2050, parece um futuro distante, mas não é. Basta ter 33 anos, hoje, para se tornar um sexagenário nesse amanhã. Infelizmente, o país vem perdendo pontos nos rankings internacionais de produtividade, competitividade e educação. É este material humano, as crianças, adolescentes e jovens que se tornaram adultos nas últimas décadas, que vai chegar muito mal a tal da velhice se não dermos atenção ao envelhecimento ativo.

O envelhecimento ativo foi uma quebra de paradigma. Até então, só se falava em lidar com as doenças que os idosos costumam apresentar: câncer, diabetes, hipertensão etc. Mas o que fazer para diminuir essas doenças ou ao menos adiá-las? Esse é o primeiro esforço, focar na prevenção.

Não podemos, contudo, nos contentar apenas com esse enfoque, porque deixamos de falar da essência de uma vida de qualidade, que é a saúde – uma condição criada no contexto do dia a dia, que abrange onde você mora, trabalha, como se locomove, se diverte, ama e vive. Se falharmos em promover condições saudáveis no dia a dia, vamos precisar de um sistema de saúde que responda às tais doenças."

Investir nos 4 pilares do envelhecimento ativo

"A OMS identificou 4 pilares fundamentais para o envelhecimento ativo, que abrangem diferentes aspectos da vida de uma pessoa idosa. O primeiro deles é a **saúde**, o que envolve logicamente a manutenção de um estilo de vida saudável, incluindo uma alimentação equilibrada, prática regular de exercícios físicos e a realização de exames médicos de rotina. Além disso, a prevenção e o gerenciamento de doenças crônicas são fatores importantes.

O segundo pilar é o **aprendizado**. Aprender e aprender sempre. Buscar oportunidades de educação, desenvolvimento pessoal e aquisição de novos conhecimentos é crucial. É necessário se envolver em atividades que estimulam a mente, como leitura, e o estudo de novas tecnologias, porque a tecnologia não dá refresco. Quando eu era estudante de medicina, calculava-se que os conhecimentos se renovam a cada sete anos. Hoje, é a cada um ano, daqui a pouco será em seis meses, então, temos que correr. Quem não estiver atualizado, vai perder muito ao longo da vida.

A **participação**, como terceiro pilar, fala sobre o idoso ter o direito de participar da sociedade, se envolver em atividades sociais, comunitárias. É ter seu direito de participação respeitado em todas as esferas. De que adianta uma sociedade, entre

aspas, sofisticada, se ao chegar num centro de saúde, por exemplo, o cidadão não puder fazer uma ultrassonografia, porque acham que ele está velho e não merece que se gaste recursos com ele?

Por fim, temos o pilar da **segurança**, que inclui proteção contra abusos de diversos tipos, negligência e violência, além da promoção de ambientes seguros e acessíveis. Medidas de segurança em casa são importantes para garantir a independência e a qualidade de vida do idoso. Ao adotar uma abordagem que englobe esses aspectos, é possível maximizar o potencial de cada indivíduo ao longo de seu processo de envelhecimento.

Estimular a produtividade

"O aumento da população de idosos indica que em 2050 vamos ter menos adolescentes, menos crianças e menos adultos jovens, que são teoricamente os mais produtivos. Vai ser preciso compensar a perda da juventude na população, criando políticas públicas para que aqueles que tenham mais de 50, 60, 70 continuem ativos, ou seja, com saúde, aprendendo continuamente, com direitos de participação e, caso tudo isso falhe, que elas se sintam seguros, protegidos na sociedade."

Formar mais geriatras

"Apenas 10% das nossas faculdades de medicina, hoje, tem uma disciplina chamada Geriatria. Os estudantes aprendem tudo sobre crianças, mulheres grávidas, e mais tarde, gostando ou não, terão de lidar com pessoas idosas. Precisamos de mais geriatras. Temos apenas 1800 profissionais credenciados pela Sociedade Brasileira de Geriatria[#]. De acordo com a mesma entidade, precisaríamos de 2800. E não vamos conseguir treinar o dobro de geriatras a curto-prazo, porque o envelhecimento é veloz e daqui a uma década vamos precisar de 3.800. Enquanto isso, para amenizar essa demanda, é necessário que todos os profissionais de saúde sejam treinados para lidar melhor com as pessoas idosas. Mesmo que não goste de geriatria, é preciso aprender a gostar. O cardiologista, o neurocirurgião, terão os pacientes mais velhos do que são hoje, em função das estatísticas."

Identificar agentes sociais

"A maioria das pessoas quer envelhecer onde sempre viveu. Em inglês, existe a expressão "end in pass", que quer dizer envelhecer onde você sempre esteve. Para isso é necessário ver se aquela moradia pode ser adaptada às necessidades de alguém com 85 anos, que pode ter problemas de mobilidade ou outra alteração física. É preciso que essa moradia esteja adaptada a coisas simples, como colocar barras no banheiro, piso antiderrapante, prateleiras mais baixas.

Existe hoje um saber de como fazer uma casa segura para o idoso, mas em um país com uma deficiência de moradia imensa como o Brasil, em que as pessoas mal têm um teto sobre a cabeça, quem dirá ter uma casa adaptada? No entanto, o end in

pass, via de regra, se vale de um capital social. A pessoa tem vizinhos, conhece o dono da quitanda, está familiarizada com os espaços físicos.

No projeto "Cidades amigas das pessoas idosas", procuramos descobrir pessoas que possam ajudar o idoso dentro da comunidade. Em Copacabana, bairro do Rio, onde eu moro, fizemos estudos com grupos focais, e surgiu espontaneamente uma figura fundamental: o porteiro.

No meu prédio, não há uma vez em que eu passe pela portaria e não veja uma pessoa idosa no sofá, com doença de Alzheimer, ou que mora sozinha, e fica ali para ter companhia. O porteiro acompanha a evolução desse idoso, percebe transformações de comportamento, às vezes de perda de memória, coisas que a família não está sabendo, quando não mora junto. Então, é ele quem avisa os familiares, quando há algo de errado. Nós treinamos os porteiros para que eles viessem a ser não só amigos dos idosos, mas também pudessem oferecer soluções em primeiros socorros.

Já na Europa, onde não tem porteiro, tudo é eletrônico, buscamos outros personagens. Em Londres, por exemplo, o agente social é o dono da pequena loja, o jornaleiro, o leiteiro que ainda passa todas as manhãs para deixar a garrafinha de leite na porta. Se ele passou duas vezes e viu que ninguém recolhe o leite, bate na porta para saber o que está acontecendo. Esses agentes têm um papel fundamental no age in pass, cuidando para que os idosos tenham assistência na moradia onde sempre viveram."

Promover o intercâmbio de gerações

"A pandemia mostrou que temos 4 milhões de idosos morando sozinhos e mais de 8 milhões que vivem apenas com o cônjuge, e muitas vezes esse companheiro ou companheira é doente. Coabitar com uma pessoa da sua idade nem sempre significa que você está tendo companhia, ao contrário, pode estar cuidando do outro.

Nessas condições, muitos idosos se sentem solitários, vivendo em uma casa ou apartamento imenso, que no passado abrigou a família. Por outro lado, existem jovens, estudantes universitários, com problemas de acomodação. Por que não colocar essas duas gerações juntas? O estudante vai encontrar uma moradia onde, conforme o acordo estabelecido, pode nem pagar aluguel. Em troca, vai se comprometer a prestar companhia a essa pessoa mais velha algumas horas por dia. Com isso, estimula-se o contato entre gerações, quebrando a solidão da pessoa idosa."

Fortalecer as leis que protegem o idoso

"Tenho uma amiga, uma senhora de idade avançada que mora no 4º andar de uma casa típica de Nova York, sem elevador. Ela vive em uma armadilha. Quase não consegue sair, pois tem que descer quatro lances de escada e depois subir com as compras. O ideal seria ter um elevador ou uma cadeira que corra ao longo da escada, mas se nada disso for possível, e ela pagar um aluguel baixo porque mora ali há muito tempo, o dono do apartamento estará mais interessado em que ela deixe o imóvel.

Além disso, no banheiro dela, há uma banheira no lugar do box. Para chegar ao chuveiro, essa senhora tem que vencer uma barreira e o risco de queda é grande. Apesar de ter recursos, ela é impedida pela lei do inquilinato de fazer a modificação no banheiro, se o proprietário não estiver de acordo. É claro que ele não está de acordo... Então, tendo como base esse exemplo norte-americano, e no Brasil não é diferente, precisamos pensar em como o setor legal pode favorecer o idoso. O apoio jurídico é essencial para proteger os idosos, permitir que eles modifiquem o imóvel e possam continuar vivendo nas suas casas, quando isso ainda for possível."

Melhorar as instituições de longa permanência

"Quando as possibilidades de moradia se esgotam, em geral, quando a pessoa idosa que tem uma perda da capacidade funcional, seja ela física ou mental, a família vai precisar de uma instituição de longa permanência. Alguns idosos, quando ainda têm discernimento mental, fazem isso por opção, escolhendo ir para um Residencial, a exemplo da SBA, onde terão companhia, segurança e os cuidados necessários.

No entanto, no Brasil, temos apenas 1% por cento da população idosa vivendo em instituições de longa permanência. Na Europa e nos Estados Unidos, essa proporção chega a 10%, em parte, porque ter um cuidador em casa é inviável. É muito caro. Aqui, muitas vezes vemos uma empregada que quebra o galho, mas via de regra quem toma conta do idoso tem pouco treinamento. É preciso melhorar o nível dos cuidadores, treiná-los e recompensá-los financeiramente pelo trabalho que realizam.

Isso sem falar que, no Brasil, existem instituições de baixa qualidade, que funcionam como negócios para gerar lucro para o proprietário. Instituições a exemplo da SBA, que prestam os cuidados adequados com empatia, responsabilidade e solidariedade, são raras de encontrar.

A grande resposta é ter mais instituições de alto nível –e que sejam filantrópicas. Fazer com que essas entidades tenham a percepção de que estão devolvendo à essa pessoa, hoje idosa, aquilo que ela contribuiu no passado. Não é uma questão de caridade e sim de dignidade, a palavra que melhor rima com longevidade.

A SBA oferece essa possibilidade, e ainda abraçando outra instituição na periferia. Faz-se aí, sim, uma filantropia. Com um pouquinho de recursos, ao acolher também os idosos que não tem condições financeiras, é possível fazer a diferença na vida daqueles que nunca tiveram chances, mas que ao menos no final da vida podem ter dignidade e se sentir protegidos.

É importante que essas instituições trabalhem em parceria com a família. Estamos cercados de exemplos de pessoas que poderiam continuar nas suas casas, se houvesse um pouco de boa vontade dos familiares. Infelizmente, há casos em que existe ganância, um quer que o idoso saia, o outro quer que fique. Precisa haver uma interlocução por parte da instituição, para que essa família perceba que o que está sendo feito é para beneficiar a pessoa idosa, por seus próprios recursos. A propriedade, afinal, foi fruto do trabalho dela."

Investir em tecnologia e treinamento humano

"No norte da Europa e no Japão os robôs já são usados para prover os cuidados dos idosos mais dependentes. Essa é uma tendência global.

Os desafios para uma instituição de longa permanência como a SBA, portanto, incluem se adaptar a novas tecnologias, ao mesmo tempo em que mantêm o treinamento constante dos profissionais.

Não adianta ter uma alimentação balanceada, e ninguém para se certificar se essa alimentação balanceada está sendo consumida. Um dia desses, fui visitar uma amiga que tinha sido operada. Uma enfermeira entrou no quarto e não se dirigiu a ela, apenas colocou a bandeja de comida no suporte, ao pé da cama. Essa minha amiga não tinha condições de se levantar e se alimentar.

Então, para respeitar a dignidade, é preciso primeiro humanizar o cuidado, treinar a equipe interdisciplinar, e na medida do possível fazer funcionar as novas tecnologias, voltadas para a adaptação do espaço, promovendo mobilidade e conforto."

Viver mais, mas com saúde

"Mais do que aumentar a expectativa cronológica, o desafio é melhorar os níveis de qualidade de vida. Quando eu nasci, a expectativa de vida era de 43 anos, e hoje está em 77. Então, na minha geração, ganhamos 34 anos de vida e não de velhice. Mas não vemos nas últimas décadas um aumento do Lifespan – termo usado para definir o máximo de anos que a espécie humana já conseguiu viver. A pessoa que mais viveu até hoje, com 122 anos, foi uma francesa, chamada Jeanne Calment#.

Não temos, até o ano de publicação deste livro (2023), nenhuma indicação recente de que a idade que a espécie humana espera viver tenha dado um salto. Com as intervenções biogenéticas e os novos estudos, pode ser que essa perspectiva mude. Mas, sinceramente, não me preocupo se vamos chegar aos 150 anos. Estou mais preocupado em contribuir, hoje, para que o maior número de pessoas possa viver por mais tempo, e que tenha uma boa velhice."

Ter a companhia da "Freda"

"Eu resumiria o conceito de envelhecer bem citando um termo criado por uma grande amiga, a Baronesa Sally Greengross, ex-presidente do Centro Internacional da Longevidade do Reino Unido. Segundo ela, você precisa da companhia da "Freda", sigla que pode ser traduzida assim: F de Fairness (justiça), R de Rights (direitos), E de Equity (equidade), D de Dignity (dignidade), e A de Autonomy (autonomia). Com a Freda ao seu lado, você certamente vai viver mais e melhor."

O futuro dos idosos segundo a I.A.

Robôs cuidadores, casas inteligentes que monitoram a saúde, atividades sociais virtuais... Perguntamos ao CHAT GPT: "Quais inovações vão favorecer a longevidade e o dia a dia dos idosos em 2050?". Eis a resposta:

Espera-se que a vida dos idosos seja marcada por avanços significativos em várias áreas, proporcionando uma longevidade com mais qualidade de vida. Algumas inovações e tendências que podem contribuir para esse cenário são:

- 1. Avanços na medicina e cuidados de saúde:** Prevê-se que a medicina vai evoluir consideravelmente até 2050. Isso inclui diagnósticos mais precisos, tratamentos mais eficazes e terapias personalizadas baseadas em genética e medicina de precisão. A telemedicina também deve se tornar mais acessível, permitindo um acompanhamento médico mais constante e conveniente para os idosos.
- 2. Tecnologias assistivas:** Dispositivos vestíveis, sensores inteligentes, inteligência artificial e robótica terão um papel fundamental no apoio aos

idosos, permitindo maior independência, mobilidade e segurança. Essas tecnologias podem auxiliar em tarefas cotidianas, monitorar a saúde e fornecer assistência em casos de emergência.

3. **Envelhecimento ativo:** Os idosos serão incentivados a se manterem ativos, engajados em atividades físicas e sociais, buscando oportunidades de aprendizado contínuo e participando de programas de bem-estar para preservar sua saúde física e mental.
4. **Moradia adequada:** A tendência é que surjam novos conceitos de moradia voltados para os idosos, projetados para atender às suas necessidades específicas, como acessibilidade, segurança e conforto. Além disso, as casas inteligentes poderão ser adaptadas para monitorar a saúde e o bem-estar dos idosos.
5. **Integração da tecnologia na vida diária:** A tecnologia será ainda mais integrada ao cotidiano, facilitando a comunicação com familiares e amigos, acesso a serviços, compras online, entretenimento e atividades sociais virtuais.
6. **Políticas públicas:** É provável que haja um foco maior do Governo em garantir direitos, apoio e proteção aos idosos, incentivando a inclusão social e promovendo ações que combatam a discriminação etária.
7. **Sustentabilidade financeira:** As inovações financeiras e sistemas de previdência social podem ser aprimorados para garantir uma sustentabilidade financeira adequada, assegurando uma renda estável e acesso a recursos financeiros para enfrentar os desafios da longevidade.
8. **Investimento em pesquisas gerontológicas:** A ciência voltada para o envelhecimento (gerontologia) será mais valorizada e incentivada, buscando soluções para os desafios do envelhecimento populacional, como tratamentos para doenças relacionadas à idade e abordagens para melhorar a qualidade de vida dos idosos.

Uma nova era,

Verena Bogéa Mattos, CEO da SBA, chegou à instituição poucos meses antes do seu aniversário de 160 anos. Com os olhos frescos e o espírito repleto de entusiasmo, ela compartilha suas percepções e sentimentos sobre o presente e o futuro do Residencial

"Minha história com SBA tem apenas 160 dias, e neste pouco tempo pude sentir e aprender com as histórias e depoimentos dos residentes e colaboradores o quanto está linda jornada de 160 anos, retratada neste livro, vem transformando vidas.

Celebrar 160 anos é impactante, e mais do que isso, é ter a certeza de que é apenas o começo. Ainda temos inúmeras ações a realizar através do Cuidado e da Educação, mudando a vida das pessoas, da infância à geração 60+, com muita qualidade.

As histórias contidas nessas páginas serão eternizadas para aqueles que tem a honra de pertencer à SBA: nossos idosos, alunos, familiares, colaboradores, diretores, conselheiros, apoiadores, voluntários, doadores, associados, ou apenas alguém que passa pela instituição, por qualquer motivo, e jamais sairá sem deixar a sua marca.

Toda a nossa gestão, estratégias, inovações, e a nossa equipe multidisciplinar, são fundamentais à sustentabilidade da nossa missão, mas o mais importante é garantir que cada um que passa por aqui coloque sua alma e seu coração por completo em cada detalhe, e assim, leve um pouco de nós e deixe um pouco de si ao cruzar o nosso caminho."

A SBA hoje e amanhã

A SBA - Sociedade Beneficente Alemã provou ao longo de seus 160 anos –e especialmente nas últimas décadas –que organizações tradicionais também podem lidar com mudanças sociais e demográficas de forma construtiva.

O Residencial SBA é uma referência em São Paulo e no Brasil. Uma entidade que defende um trabalho de alta qualidade, focado no ser humano, comprometido com sustentabilidade em prol da geração idosa.

Ao mesmo tempo, a questão central é pensar coletivamente como deverá ser a atuação e a imagem da SBA nos próximos 20 a 30 anos. Diante da perspectiva do

aumento da longevidade, em uma época em que as pessoas com mais de 60 anos já são notadamente mais ativas do que há uma década, não apenas pelos progressos farmacológicos, mas, principalmente, por meio da medicina de reabilitação, o primeiro desafio é seguir se atualizando e oferecendo um serviço diferenciado.

"Uma oferta de reabilitação de alta qualidade se tornou um critério de seleção importante para o idoso, pois ele deseja conservar suas capacidades pelo maior tempo possível. Portanto, é vital que a SBA continue se desenvolvendo nessa área", diz Ingo Plöger, ex-Presidente da SBA e membro do Conselho.

Focada no presente, mas também de olho no futuro, a SBA já conta com tecnologia de ponta em seus equipamentos. É o caso do "Jack", apelido carinhoso dado pela equipe de saúde ao guindaste que facilita a transferência dos moradores mais dependentes da cama para a cadeira de rodas, por exemplo. Ter robôs auxiliando no cuidado com os idosos é algo que a Dra. Daniela Gomes, Gerente Geral de Saúde da SBA, vê como uma tendência bem-vinda. *"Gosto muito da ideia de fazermos uma parceria com uma startup para termos um robô cuidador", diz a geriatra.*

Apoio aos familiares em primeiro plano

Tudo isso, é claro, sem perder o fator humano –o grande diferencial da SBA. Ao mesmo tempo, cresce o problema da demência – também em sua intensidade – o que coloca a resistência da família que se vê confrontada com essa doença em uma prova de fogo. Seja qual for o caso, é comum que o processo de mudança do idoso para um Residencial seja um momento dramático e cheio de dúvidas, em qualquer país do mundo.

Quando a própria pessoa decide passar sua velhice em uma instituição dessa natureza, o drama é menor. De qualquer forma, para que a unidade da família não seja quebrada, é necessário que a instituição seja capaz de apoiar adequadamente o morador e os familiares, permitindo que a mudança seja tão harmoniosa quanto possível.

"Por isso, é importante ressaltar que não vemos apenas os limites físicos em cada pessoa, mas também vamos ao encontro de suas necessidades emocionais",

sublinha Julio Kampff, Presidente da Sociedade Beneficente Alemã. "Além disso, construímos uma rede sustentável de médicos das mais importantes especialidades. Nossa equipe interdisciplinar e conselheiros espirituais atuam para diminuir o estranhamento que surge com a mudança, tanto quanto possível, para os moradores e suas famílias."

Na visão de Ingo Plöger, o Residencial SBA deve permanecer um lugar para um "futuro feliz" na cidade de São Paulo, que cresce de maneira tão dinâmica, engajando novos colaboradores. "Conservar e continuar a desenvolver essa organização exemplar é algo que eu vejo como um compromisso futuro, passado de geração em geração", diz ele.

Uma das principais tarefas, nesse sentido, consiste em integrar desde agora pessoas que contam com 50 anos, hoje, e que em 20 ou 30 anos, com 70 ou 80, serão o público-alvo da SBA. "Nós queremos chamá-las à responsabilidade de, já nesse momento, engajar-se e preparar o próprio futuro e o de outras pessoas. O princípio da ajuda e do amor ao próximo deve sempre nos guiar neste processo. Não sabemos se nossos filhos e netos serão inspirados por nosso engajamento, mas se não forem os meus netos, serão os netos de outros", acredita Plöger.

Irradiar conhecimento além dos portões

Compartilhar o conhecimento adquirido e as contribuições recebidas em reconhecimento ao trabalho de alta qualidade com aqueles que não têm condições de oferecer um serviço tão qualificado é também um dos pilares do futuro da instituição. Prevendo o aumento do número de idosos no Brasil, nas próximas décadas, o atual Presidente vê a necessidade de expandir não apenas o número de acomodações, mas também compartilhar o know-how com outras instituições. "Temos a perspectiva de ir além dos portões, criando conexões com outras instituições, fazendo valer todo o nosso conhecimento, para que possam existir mais casas como a SBA", diz Kampff.

Manter a capacidade de adaptar-se a novas necessidades, levando em conta a imprevisibilidade, como aconteceu na pandemia da Covid-19, é mais um desafio a considerar, assim como seguir combatendo as diferenças sociais por meio da educação, intensificando os projetos da SBA Girassol. "Cuidando do desenvolvimento de crianças e jovens, estamos contribuindo para reduzir essa desigualdade", lembra o atual Presidente.

Ao chegar aos seus 160 anos, por fim, a SBA quer deixar registrada a profunda gratidão a sua equipe e a todos que contribuíram de alguma maneira para a realização da missão de cuidar de seus idosos. Seja por meio de doações, trabalho voluntário, parcerias ou simplesmente o apoio e carinho dedicados aos moradores, cada gesto fortaleceu os alicerces dessa jornada de cuidado e amor.

Com os olhos voltados para a linha do horizonte, a instituição sabe que os desafios futuros serão ainda maiores. No entanto, munida de coragem, compaixão e determinação, enfrentará cada obstáculo com a mesma convicção que a trouxe até aqui.

Que a Sociedade Beneficente alemã possa continuar a ser um farol de esperança e um abrigo seguro para aqueles que já construíram suas trajetórias e confiam nos seus cuidados durante essa etapa de vida.

Honrando seu passado e abraçando o futuro, a SBA renova seu compromisso de proporcionar uma vida digna e feliz a todos os idosos que encontraram ou ainda vão encontrar abrigo sob o seu teto acolhedor.



2019_ Certificado fundacao silviahemmett



2019_ Certificado fundacao silviahemmett

O SBA Residencial tem a satisfação em convidá-lo para o evento de

Certificação Internacional no Cuidado à Pessoa com Demência

Que será realizado no dia 03 de outubro de 2019 às 17:00 horas

SCI
SCIENCE CARE INTERNATIONAL

SBA Residencial - Rua Doutor Franklin Piza, 107 | Auditório Sönke Böge | Jardim Bonfiglioli - São Paulo - SP
RSVP até 30.09.2019 | (11) 3724.9774 | gerenciamento@sbarresidencial.org.br
Código individual e inseribilidade

SBA Residencial



2022_ aniversário de 159 anos



Expediente

SBA, agradece a todos colaboradores, doadores e parceiros que nestes 160 anos puderam colaborar na evolução, aprendizado e desenvolvimento da Instituição.

Ao nosso corpo atual corpo de executivos

Verena Cunha Bogéa Mattos

CEO- Diretora Executiva SBA

Liderança executiva girassol

Maria Betania de Melo da Silveira

Diretora Pedagógica

Thalita Rocha dos Santos

Coord Pedagógica

Priscila Aguiar da Silva Souza

Coord Operações e Desenv Social

Rafaela Aparecida Fonseca

Coord Marketing, Comunicação

Ronaldo Kazuyoshi Satomi

Coord Tecnologia e Elétrica

Liderança executiva residencial

Daniela Fonseca de Almeida Gomes

Gerente Médica

Selma Maria Macedo de Almeida

Coord Novos Negócios

Roberto Lerche

Gerente Sênior Administrativo

Alexandre de Souza

Gerente de Atendimento

Alessandra Christina Ferreira

Gerente Jurídico

Fernando Gaia da Silveira Filho

Coordenador(a) Marketing

Adriana Piva de Assumpção Lach

Coord de Nutrição

Hildegarde Paz da Silva

Coordenador(a) de RH

Wagner Ancelmo dos Santos

Coord de Facilities

Carlos Cesar Rosa

Gerente de I.T

Conselho e Diretoria

Julio Muñoz Kampff - Presidente Conselho

Axel L Werner

Andreas Sanden

Barbara Korner

Cristian Guntram Oppen

Detlef Dralle Hochtief

Klaas Christian Johnsen

Gustavo Stüssi Neves -

Edgar Horny

João Carlos Visetti

'Friedrich Theodor Simon'

Mario Andreas Janssen

Hermann Heinemann Wever

Nina Plöger

Ingo Plöger

Sônia G. M. Döbler

Klaus Drewes

Roger Michaelis

Martina Hackelberg

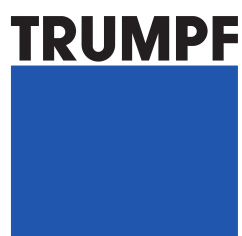
Vivian E. Manasse

Weber Ferreira Porto

SBA agradece a parceria
Patrocínio GOLD



Patrocínio SILVER



Apoio:



Incentivo:



Família Plöger

Júlio e Laura Muñoz Kampff